



Fundação Edson Queiroz
Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – VRPPG
Mestrado em Psicologia

MILENE DE ALMEIDA CHAVES

**O VIRTUAL TORNA-SE REAL: ESTUDO EXPLORATÓRIO
DA FORMAÇÃO DE CASAIS POR MEIO DA INTERNET**

**VIRTUALITY BECOMES REALITY: AN EXPLORATORY
STUDY OF THE FORMING OF COUPLES THROUGH THE
INTERNET**

Fortaleza – Ceará

2008

MILENE DE ALMEIDA CHAVES

**O VIRTUAL TORNA-SE REAL: ESTUDO EXPLORATÓRIO
DA FORMAÇÃO DE CASAIS POR MEIO DA INTERNET**

**VIRTUALITY BECOMES REALITY: AN EXPLORATORY
STUDY OF THE FORMING OF COUPLES THROUGH THE
INTERNET**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Psicologia, Sociedade e Cultura

Orientador: Prof. Georges Daniel Janja Bloc Boris
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Fortaleza
Universidade de Fortaleza – UNIFOR
2008

C512v Chaves, Milene de Almeida.
O virtual torna-se real: estudo exploratório da formação de casais por meio da Internet / Milene de Almeida Chaves. - 2008.
183 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2008.
“Orientação: Prof. Georges Daniel Janja Bloc Boris.”

1. Internet – Aspectos psicológicos. 2. Relações conjugais. 3. Casamento.
I. Título.

CDU 159.9:004.738.5



Fundação Edson Queiroz
Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Mestrado em Psicologia: Psicologia, Sociedade e Cultura

Dissertação intitulada "O Virtual é Real: estudo exploratório da formação de casais por meio da internet", de autoria da mestranda Milene de Almeida Chaves, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Georges Daniel Janja Blóc Boris

Prof. Dr. Georges Daniel Janja Blóc Boris – UNIFOR – Orientador

Ileno Izídio da Costa

Prof. Dr. Ileno Izídio da Costa – UnB

Julia Sursis Nobre Ferro Bucher

Profa. Dra. Julia Sursis Nobre Ferro Bucher – UNIFOR

Maria Inês Detsi de Andrade Santos

Profa. Dra. Maria Inês Detsi de Andrade Santos – UNIFOR

Henrique Figueiredo Carneiro

Prof. Dr. HENRIQUE FIGUEIREDO CARNEIRO
Coordenador do Curso de Mestrado em Psicologia – UNIFOR

Fortaleza, 17 de dezembro de 2008

AGRADECIMENTOS

- Aos meus pais, Guaracy Maia Chaves e Erbenia de Almeida Chaves, que me incentivaram em todos os momentos da minha caminhada do Mestrado, dando-me apoio, carinho e atenção com um amor incondicional.
- Ao meu namorado, Paulo Roberto de Araújo Mendes, que Deus me enviou com sua sensatez para me iluminar e compartilhar sonhos e projetos juntos.
- Aos meus irmãos, Adriano e Leda, que sempre torceram pelo meu sucesso.
- Aos meus amigos de Mestrado, em especial, Iracema, Ticiane, Jane, André e Letícia, que sempre foram maravilhosos ouvintes nos meus momentos de dificuldades e de conflitos, suavizando minhas angústias com suas doces e sábias palavras.
- Ao meu orientador, professor doutor Georges Daniel Janja Bloc Boris que, pela paciência em me orientar, trouxe uma riqueza ao meu trabalho de pesquisa.
- À professora doutora Julia Bucher que, com sua calma e sabedoria, clareava as minhas inquietações.
- À professora doutora Inês Detsi que me orientou na especialização em cima da mesma temática, com suas observações detalhadas, profundas e esclarecedoras para uma aprendiz de pesquisadora.
- Ao professor Ileno Izídio da Costa que, com sua experiência e sensibilidade, enriqueceu profundamente o meu trabalho.

RESUMO

A rede mundial de computadores passou a ser foco de debates quanto à questão dos encontros afetivo-sexuais. Este trabalho tem como objetivo compreender como homens e mulheres construíram seus relacionamentos iniciados por meio da Internet e como os transformaram numa relação conjugal. Para tanto, empregou-se o método de pesquisa fenomenológico, inspirado em Maurice Merleau-Ponty (1999) para analisar e discutir os dados, tendo sido entrevistados quatro casais. Os resultados mostram que os relacionamentos afetivo-sexuais via Internet ainda são acompanhados de concepções pejorativas, mas também surgem indícios de que eles passam por transformações significativas, saindo do campo do preconceito para se constituir como uma nova forma de relação a dois. Para parte dos participantes, as experiências na rede são paradoxais, pois, ao mesmo tempo em que têm expectativas de continuarem no encontro pessoal o que foi iniciado na Internet, consideradas agradáveis, entram em conflito por medo de se decepcionarem com o parceiro idealizado. Assim, na Internet, emerge uma forma de intimidade diferente das relações iniciadas com o contato físico, apontadas como tendo maiores possibilidades de conhecer o outro e de se expor. Apesar desses aspectos peculiares do próprio encontro virtual, constatou-se que, antes de ser um relacionamento virtual, é uma construção a dois de situações bastante reais.

Palavras-Chaves: Internet, relacionamento conjugal, amor romântico.

ABSTRACT

At present the Internet has become the focal point of debate when it comes to the question of affective-sexual encounters. This work has the object of understanding how men and women built their relationships initiated by means of the Internet and how they are transformed into conjugal relationships. For this, a phenomenological research method was used, inspired upon Merleau-Ponty, to analyse and discuss the data, in which four couples were interviewed. The results show that the affective-sexual relationships via Internet are still accompanied by pejorative conceptions but indications that they are going through a transformation of significations have appeared as well, leaving the field of prejudice to constitute a new form of relationship construction of a couple. For the participants, the experience on the Web is paradoxical, since, at the same time that they have expectatives to continue with the personal encounters that were started on the Internet, viewed as agreeable, they enter into a conflict for fear of being disappointed with the idealized partner. Thus, on the Internet, there emerges a new form of intimacy which is different to a relationship initiated by physical contact, in which it is indicated that there are more possibilities of knowing the other person and to exposing oneself. Despite these peculiar aspects of the actual virtual encounter, it was verified that before it being a virtual relationship it is a construction by a couple made up of very real questions and situations.

Keywords: Internet, marital relationships, romantic love

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – O CASAMENTO, A SEXUALIDADE E O AMOR NO OCIDENTE	13
CAPÍTULO 2 – A INTERNET	36
2.1 A Comunicação Via Internet	36
2.2 Cibercultura e Realidade Virtual	51
2.3 A Adesão à Realidade Virtual	61
2.4 Os Relacionamentos Virtuais	63
2.5 Identidade, Corpo e Sexualidade na Internet	77
CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	92
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO FENOMENOLÓGICAS	106
4.1 O Uso dos Meios de Comunicação pelos Parceiros	108
4.1.1 Indiferença quanto ao emprego dos recursos tecnológicos na relação virtual	108
4.1.2 Importância dos recursos tecnológicos para estabelecer a relação virtual	114
4.2 O Interesse no Outro Virtual	
4.2.1 A atenção ao <i>nickname</i>	120
4.2.2 O corpo é a cabeça	122
4.2.3 A foto é fundamental para a relação afetivo-sexual	129
4.3 O sentimento pelo outro virtual	132
4.3.1 A expressão dos afetos na internet	132
4.3.2 A afetividade no relacionamento virtual é carência	135

4.4 O que a Internet Proporciona	138
4.4.1 Sair da solidão	138
4.4.2 Sensações gratificantes	141
4.4.3 Sensações de medo e de vergonha	147
4.4.4. Sexo virtual.....	152
4.5 O Encontro Pessoal	153
4.5.1 Ele virou príncipe ou sapo	154
4.5.2 Casamento rápido, mas tradicional	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	171
ANEXOS	177
Carta de Informação e Termo de Compromisso	178
Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	180
Declaração de Revisão Gramatical	181

INTRODUÇÃO

No início do uso da tecnologia da informação, na década de 60, tanto os grandes computadores quanto as primeiras experiências da comunicação em rede estavam muito restritos às grandes instituições. No começo da década de 1990, os computadores deixaram de ser acessados por poucas pessoas para serem difundidos entre uma grande parcela da população. Como o acesso à Internet torna-se, a cada dia, mais facilitado e, em razão do interesse das pessoas de se conectar, este instrumento está cada vez mais fazendo parte do seu cotidiano. Tal transformação não ocorreu somente na ampliação do uso da tecnologia, mas também trouxe conseqüências para a sociedade. Como instrumento de modificação social, a Internet causa bastante polêmica. Um dos pontos de maior polêmica no que se refere às conseqüências do uso da Internet diz respeito aos prováveis benefícios e malefícios desta tecnologia para a humanidade.

De acordo com Carvalho (2000), a inserção da tecnologia na realidade humana ocasionava diversos receios e paixões, que despertam vários mitos e fantasias ao longo de toda a história da humanidade. Dentre os receios ocasionados pelas inovações tecnológicas, deparamo-nos com o medo da criação de máquina ou de qualquer objeto novo, pois, logo, se concebe como sendo um instrumento capaz de destruir a humanidade. No pólo oposto, encontramos pessoas apaixonadas, que concebem as invenções humanas como um grande benefício ao homem. Tais comportamentos não se restringem somente às sociedades atuais, mas sempre estiveram presentes ao longo da história da humanidade. Segundo Carvalho, a relação entre homem e tecnologia já despertava interesse em pensadores como

Platão, que manifestava resistência diante das invenções técnicas. Este filósofo, em *Fedro*, resistia à escrita, alegando ser uma criação perigosa à alma do homem por levar ao entorpecimento do pensamento e ao desleixo. Outros pensadores expressaram receio diante da tecnologia, como ocorreu no romance “O Corcunda de Notre-Dame”, de Victor Hugo, que apresenta o padre Claude Frollo como personagem que afirmava que o livro mataria a catedral e as imagens da religião católica. A história ocorre no século XV, um pouco depois da invenção da imprensa.

A proliferação do receio em relação às tecnologias não arrefeceu até o século XIX, como podemos perceber nas histórias de seres humanos ficcionais, entre os quais os mais conhecidos são “Frankenstein”, de Mary Shelley, e Pinocchio, de Carlo Collodi. No século XX, deparamo-nos com várias histórias de robôs que, inicialmente, ao serem criados, auxiliavam os seus criadores, mas, depois, se revoltaram contra eles, como nos filmes “Metrópolis”, de Fritz Lang, de 1926; em 2001: “Uma Odisséia no Espaço”, de Stanley Kubrick, de 1968; em “Blade Runner”, de Ridley Scott, de 1982; e “Eu, Robô”, de Isaac Asimov, em 2004.

Neste contexto, o temor as tecnologias cria um mundo de fantasia¹ por meio do qual enseja determinadas desconfianças em relação às inovações tecnológicas. Entre as diversas invenções humanas, a Internet também faz parte desse mundo de fantasia, que se torna ainda mais forte no que se refere à inovação do processo de comunicação e de socialização, principalmente à emergência de novas formas de contato, com impacto nas relações afetivo-sexuais.

Com base do contexto que apresentamos, propomo-nos discutir as interações dos internautas, detendo-nos na discussão relacionada à utilização da Internet para fins de sociabilidade, em especial para a criação de relacionamentos afetivo-sexuais.

¹ Fantasia, no sentido corrente, designa tanto a originalidade criadora de alguém, quanto a irregularidade de um capricho de vontade ou de desejo (Cf. Japiassu; Marcondes, 1999, p. 99).

Embora os relacionamentos afetivo-sexuais virtuais tenham sido qualificados por noticiários de televisão ou por jornais como “frágeis”, “doentios” e “inferiores”, passaram a ser reconhecidos por outros atributos, contrários a estes, para expressar a condição desses relacionamentos.

Nosso objetivo principal é discutir tais relacionamentos iniciados via Internet e, assim, compreender melhor como se estrutura e se desenvolve esta nova forma de relação afetivo-sexual. Sua relevância se justifica tanto por ser uma área de conhecimento recente e, portanto, ainda carente de pesquisas, quanto pelo fato de representar, atualmente, uma área em franco crescimento. Com a difusão do computador pessoal e do acesso à Internet, a vivência no cyberspaço se tornou meio de contato e conhecimento entre parceiros virtuais.

Leitão (2006) reporta-se à necessidade de a Psicologia se voltar a um tema recente, mas fundamental para os profissionais que lidam, no seu cotidiano, com a radicalidade do impacto da Internet, que revolucionou a vida de homens, mulheres e crianças ao ingressarem em um novo espaço de vida – o virtual – e ao provocarem novas e desconhecidas experiências. Na sua concepção, as pessoas passaram a ter acesso a um grande volume, antes impensável, de informações, a manter novas formas de relacionamento e a descobrir outras maneiras de prazer e sofrimento. Tais impactos ensejam a necessidade de pesquisas que levem à elaborar uma visão crítica sem pré-julgamentos.

Desta forma, muitas questões devem ser refletidas pelos profissionais da Psicologia, como: o uso da Internet proporciona isolamento entre as pessoas ou possibilita vínculos de sociabilidade? Como são desenvolvidas as relações virtuais? São parecidas com as relações convencionais? Ou constituem uma realidade

totalmente distinta? A Internet, realmente, revoluciona os contatos afetivo-sexuais entre os internautas?

Com tais inquietações, nosso objetivo foi compreender como os casais concebem seus relacionamentos iniciados por meio da Internet e como os transformaram numa relação conjugal. Para isso, dividimos o trabalho em duas partes: uma teórica como base nas pesquisas bibliográficas que nos deram suporte conceitual para trabalhar, e a pesquisa de campo propriamente dita.

No Capítulo 1, discutimos a constituição histórica e o desenvolvimento do amor e do casamento, levando em consideração as transformações culturais e sociais. Assim, abordamos o amor romântico, as diferentes formas de relacionamento desenvolvidas na sociedade ocidental e a relação entre casamento e relacionamento de gênero.

No Capítulo 2, discorreremos sobre a emergência da Internet, destacando suas influências, tanto na subjetividade quanto na sociedade atual. Apresentamos, além da cultura que se estrutura no ciberespaço, que é bem similar a da nossa sociedade, as principais discussões atuais dos relacionamentos virtuais, destacando temáticas como identidade, corpo e sexualidade na rede.

No capítulo 3, apresentamos o método aplicado na pesquisa. Para tanto, realizamos busca fenomenológica mundana em Merleau-Ponty com quatro casais, constituídos de homens e de mulheres que se conheceram pela Internet e que atualmente residem em Fortaleza. Descrevemos todas as fases da investigação para obter e analisar os dados. Para isso, mantemos o diálogo constante com nossos aliados teóricos, como Forghieri (1993), Contandriopoulos, Champagne, Potvin e Boyle (1997), Creswell (1998), Gomes (1998), Leite e Gomes (1998), Merleau-Ponty

(1999), AmatuZZi (2001), Holanda (2001), Boris (2002), Moreira e Boris (2006) e Moreira (2004; 2007).

No módulo 4, expomos o exame e a discussões do material coletado nas entrevistas com os homens e as mulheres que vivenciaram o início do relacionamento pela Internet até a consolidação conjugal. Empreendemos esforços para que as falas dos casais evidenciassem o significado atribuído às expectativas, aos mitos, às crenças, à relação, ao amor, à paixão, ao casamento e à família, concebidos por esses casais, tanto na experiência via *Web* quanto no encontro pessoal e no relacionamento conjugal.

Como capítulo de arremate, apresentamos as considerações finais e as nossas conclusões sobre o resultado final da pesquisa acerca das experiências de homens e mulheres que vivenciaram esta realidade de se relacionar pela Internet.

CAPÍTULO 1

O CASAMENTO, A SEXUALIDADE E O AMOR NO OCIDENTE

O casamento e a família costumam ser concebidos como instituições que sempre existiram e da mesma forma, ou seja, homens e mulheres sempre teriam desempenhado os mesmos papéis. Percebemos, entretanto, que os valores familiares e matrimoniais passaram por profundas transformações ao longo da história da humanidade, diferenciando-se em cada período.

Para melhor compreendermos tais transformações históricas e as diferentes abordagens, concepção e valores relacionados à família e ao casamento, abordaremos, inicialmente, a Idade Média, a sociedade feudal, e suas estruturas familiares e conjugais pré-modernas. Na Idade Média, na Europa, a base de constituição familiar e conjugal pode ser considerada pré-moderna. Nesse período histórico, segundo Ariès (1991), o indivíduo e a família viviam em uma solidariedade coletiva, feudal e comunitária, isto é, em um sistema no qual a pessoa e a família estavam centradas na “solidariedades da comunidade senhorial, as solidariedades entre linhagens, os vínculos de vassalagem” (p. 8). Neste contexto, todos os níveis sociais estavam interligados por normas, de tal forma que o indivíduo estava encerrado em um ambiente previsível e sem grande espaço para transformações. Tal encerramento constituía uma estrutura de enquadramento do indivíduo por parte da comunidade, formando um contexto de familiaridade no qual todos os membros da comunidade se conheciam, ao mesmo tempo em que se vigiavam.

Apesar da vigilância entre os membros, ela não acontecia em todos os momentos em razão da existência de espaços físicos vazios na comunidade, significando dizer que havia grandes espaços livres inabitados ou com reduzida quantidade de habitantes. A existência desse vazio levou a uma diminuição da vigilância entre os membros da comunidade, criando espaços precários de intimidade, já que ocorreu um afrouxamento da intervenção e do controle sociais. Mesmo com tais espaços de ínfima intimidade, o indivíduo, até então, estava submetido às tradições da comunidade, somente ocorrendo modificações nos séculos XV e XVI, com o início da modernidade.

Porchat et al. (1992) analisam o contexto da Europa pré-moderna, destacando a historicidade do casamento. Os casamentos pré-modernos eram contratos realizados em bases econômicas, pois aqueles que fossem efetivados sob os pressupostos da paixão eram considerados infrutíferos, já que um sentimento tão efêmero e passageiro não conseguiria sustentá-los.

Nessa perspectiva, estes autores ressaltam que os relacionamentos fundados na paixão eram de controle social difícil, pois somente dependeriam da vontade e dos interesses dos parceiros, sendo o poder social limitado para intervir para manter a relação. Considerando que o controle do social cedeu ao interesse individual, como aconteceu na modernidade, o casamento deixou de ser controlado pelas instituições sociais, assim, ficando mais vulnerável às alterações dos impulsos individuais. No contexto pré-moderno, o casamento constituía como uma instituição que estabelecia a ordem por meio da qual os homens negociavam as mulheres com o intuito de conseguir trocas de bens; logo, o que prevalecia era a lógica social e econômica, em detrimento da vontade individual. Conseqüentemente, o casamento com base na paixão significava um afastamento das obrigações sociais, pois este

sentimento não se fixa em deveres e estruturas sociais externas. Portanto, a paixão não era reconhecida como fundamento para o casamento.

A relação entre homens e mulheres, bem como as instituições familiares, também são discutidas por Foucault (1998), ao realizar a leitura de um movimento que tem sua expansão desde o século XVII. Este movimento é marcado pela emergência de um dispositivo recente de poder, chamado de dispositivo de sexualidade que, historicamente, surge com base no dispositivo de aliança o qual, segundo Foucault, se baseia em relações sociais conduzidas por um sistema de normas que delimita claramente o permitido e o interdito, assim fixando mecanismos de constrição dos indivíduos por meio de sistemas de matrimônio, parentesco, e sucessão de nomes e bens familiares.

Nesta forma social do dispositivo de aliança, o fundamental a ser alcançado e garantido é a imposição da lei como a manutenção das formas relacionais já estabelecidas, como, por exemplo, a fixação do *status* permanente nos vínculos sexuais entre homens e mulheres que teriam uma expressão da sua sexualidade como forma de reprodução. Logo, são estruturas de vivência da sexualidade no âmbito da reprodução que garantiria uma transmissão para os herdeiros de relacionamentos legítimos da herança familiar, mostrando o seu caráter fortemente vinculado à economia e, conseqüentemente, ao direito. Tais aspectos econômico e legalista dessas sociedades são pilares importantes para existir uma regulação do corpo social que deve seguir a lei estabelecida no intuito de se instaurar a ordem das relações sociais.

Para Foucault (1998), o dispositivo da sexualidade inventado pelas sociedades ocidentais modernas são fixados, principalmente, no século XVIII, ocasiona a diminuição da importância que possuía o dispositivo da aliança. Neste

âmbito, ocorre uma transformação de aspectos econômicos e sociais que passaram a utilizar como instrumento o dispositivo da sexualidade, o qual acarretou a redução da adequação do dispositivo de aliança para o suporte dessa sociedade.

Tal dispositivo da sexualidade instaura uma forma de sexo relacionado com um corpo em constante estimulação, intensificação dos prazeres e incitação dos discursos. Logo, tal dispositivo utilizado, neste período, é a sexualidade, entendida não mais como uma instância subterrânea que deve ser descoberta com o suporte em um grande esforço, porém, na constituição de uma grande rede que busca a estruturação de um tipo de saber, no caso, o conhecimento sobre o sexo.

Tal saber sobre sexo só pode ser estabelecido quando ocorre a estimulação dos corpos, e conseqüentemente a intensificação do prazer, assim levando um aumento da prática discursiva da sexualidade por parte dos sujeitos. Neste instante, nos deparamos com nova forma de relacionamentos sociais ligados à atividade de estimular um corpo que por tal atitude leva a uma proliferação discursiva.

Portanto, muda-se a direção do corpo do dispositivo de aliança, que era focado pela reprodução na experiência da sexualidade, para deparar, no dispositivo da sexualidade, um corpo esmiuçado pela incitação ao discurso sobre os detalhes das sensações corporais que o leva, cada vez mais, para ser constituído em seu conceito uma natureza de prazer, como acentua Foucault (1998): “O dispositivo da sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar e penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (p. 101).

Giddens (1993) também discute o casamento da pré-modernidade, que se apoiava numa estrutura tradicional, sendo realizado por meio de transações e contratos econômicos, sempre ancorado em condições independentes da vontade

do indivíduo e decorrente de posições estritamente definidas pelos pais dos cônjuges, haja vista que os filhos tinham pouca possibilidade de escolha pessoal. Como se apoiava em estruturas tradicionais, este tipo de casamento também pode ser considerado como tradicional. As estruturas tradicionais decorrem do tipo de relação estabelecida entre homens e mulheres com papéis bem estabelecidos na instituição familiar. Esses papéis partem de critérios influenciados pela lógica do patriarcado.

A dominação do homem sobre a mulher, como anota Badinter (1986), caracteriza uma relação assimétrica, predominante no ideal do patriarcado. Essa relação baseia-se na superioridade do homem sobre a mulher e na submissão desta. Neste sistema, não era bastante a detenção do poder pelo homem com a origem em uma lógica que leva à submissão, mas era necessário impor valores que dessem justificativa a tal desequilíbrio. A submissão decorria da retirada do poder da mulher, como, por exemplo, no caso da transferência do poder econômico da filha para a posse do marido. Nesse caso, a mulher, mesmo sendo a herdeira dos bens familiares, não poderia ter acesso a qualquer propriedade, permanecendo todas as riquezas sob o controle do marido. Tal submissão do poder da mulher ao homem requeria ideais e valores que justificassem este controle. A justificativa se baseia na concepção do bem, associado ao homem, enquanto a mulher seria a representação do mal.

Em suma, a mulher teria como legado um mal que deveria ser aplacado pelo homem, que poria tudo em ordem. Foi justamente porque a mulher foi posta nesse lugar que foram justificados, no sistema patriarcal, os comportamentos masculinos, inclusive o controle sobre a sexualidade feminina e o direito de legar os seus bens e seu nome sempre a um homem.

Na perspectiva de Badinter (1986), o rito do casamento foi criado, portanto, como instituição, para garantir a repartição das mulheres entre os homens, de tal forma que, à mulher, resta o *status* de objeto de troca do pai e do marido. Essa permuta ressalta que os participantes não são os cônjuges que participam do vínculo afetivo-sexual, mas somente os homens, seus pais. O homem se torna o único intermediador dessas trocas porque as referências das relações são os interesses financeiros e políticos.

Baseada na inferioridade da mulher e na comercialização do casamento, Badinter (1986) considera que a sociedade patriarcal tinha pouca compatibilidade com o amor. Portanto, a ideologia do patriarcado põe os gêneros masculino e feminino nas categorias de superior e de inferior, respectivamente, levando à submissão da mulher, que é necessária porque há uma separação dos sexos, que estão em guerra, pois a mulher é apontada como destruidora da estabilidade social. Compreendemos que o patriarcado remete não somente às estruturas familiares que abrangem as relações parentais, bem como os relacionamentos do marido com a mulher e dos pais com seus filhos, mas estende-se por toda a sociedade, mesmo no caso das condições precárias das classes mais pobres. Percebemos um poder restrito a um grupo, que impõe a submissão de outro, baseado em uma ideologia de superioridade, como, por exemplo, no caso, da linhagem dos senhores feudais em relação aos seus servos considerados inferiores. Tais estruturas sociais patriarcais, que ditam a lógica da submissão do gênero feminino e de grupos sociais, iniciou-se no Ocidente, com a democracia ateniense (século V a.C.) e desarticulou-se apenas com a Revolução Francesa, no final do século VIII.

Desta forma, as sociedades feudais se caracterizavam pela predominância das estruturas patriarcais do casamento e da família tradicionais. Os

relacionamentos sociais medievais e suas transformações foram analisados por Elias (1993), ao realizar um estudo sobre a civilização ocidental, relacionando elaboração social do sujeito à modernidade.

A transformação do tecido social entre esses dois períodos foi acompanhada das correspondentes mudanças nas maneiras e na personalidade do homem. Segundo Elias, as sociedades feudais, baseadas em firmes tradições medievais de tendência ao controle dos indivíduos por meio de instituições, acabaram por decair, exigindo, cada vez mais, a constituição de um indivíduo compelido a regular sua conduta. Por conta da necessidade de conquista da sua identidade, o homem moderno passou a experimentar uma relação de dependência do outro, fomentando o comportamento de contenção dos impulsos pessoais em prol de seus iguais, não mais adotando plena a expressão dos seus desejos.

Neste processo, o sujeito moderno reprimia os seus impulsos emocionais, possibilitando o surgimento de relações mais pacíficas, em que a interdependência dos indivíduos era mais forte. A necessidade de uma regulamentação consciente, com o aumento do autocontrole, se tornou tão complexa que se fez inconsciente. Portanto, ocorreu a mudança na constituição psicológica do homem moderno.

Para exemplificar essas transformações, Elias se refere à mudança da atitude do guerreiro para a do cortesão. No primeiro, manifestava comportamentos de muita violência, enquanto, no segundo, o comportamento se baseava em um espírito de previsão dos seus atos em referência ao outro com quem convivia, principalmente por depender dele. Na concepção de Elias, tal dependência leva a um tipo de autocontrole mais desapaixonado, no qual apenas se pode satisfazer parte das paixões. Essa atitude de organização das próprias emoções e de reflexão continuada denota uma mudança de comportamento e de estrutura da

personalidade, transformação que desenvolveu o que, hoje, chamamos de uma concepção “psicológica” do homem.

Todo esse movimento do processo civilizador constituiu-se em padrões de condutas encontradas, atualmente, nas sociedades ocidentais, diferenciando-se somente de acordo com a estrutura histórica de cada país. O processo civilizatório ocidental, apontado por Elias, ao provocar mudanças no âmbito dos comportamentos e das emoções, trouxe também, como consequência, uma modificação nas relações amorosas e nas suas representações.

Na perspectiva de Costa (1998), podemos identificar diversas formas de amor, na história ocidental. Cada um desses modelos serviu como referência às relações amorosas. O amor cortês ou de cavalaria caracterizava-se pelo sofrimento e pela laicização do objeto do amor. O amor cortês atribuía a felicidade à aceitação da própria renúncia do objeto de posse, a qual não era possível sem sofrimento. O amor cavalheiresco também promoveu a laicização do objeto de amor, já que substituiu Deus pela dama. Nesta concepção, ocorreu uma mundanização do amor divino em prol de uma valorização da figura da mulher. A cultura cavalheiresca, na qual surgiu o amor cortês, propiciou uma dissociação entre o amor e o Bem Supremo, entre o amor e o casamento, durante o período medieval.

O *amour passion*, descrito por Giddens (1993), constitui uma conexão entre amor e sexo, na qual o envolvimento do amante com o objeto amado era tão invasivo que tendia a desconsiderar a vida cotidiana. Em outras palavras, os indivíduos ignoravam suas obrigações diárias e seus deveres sociais para se voltarem ao objeto de amor, o que os levava à radicalidade e ao sacrifício. Com a quebra da rotina, característica do *amour passion*, parecia haver uma possibilidade de liberdade, uma vez que as instituições ficavam à parte. Assim, o *amour passion*

não era bem aceito pelas instituições sociais, pois era considerado perigoso. O *amour passion*, no entanto, tornou-se um fenômeno universal, pelo menos na visão e compreensão da cultura ocidental, com ideais que foram incorporados ao amor romântico, apesar de serem diferentes.

Giddens (1993) informa que, no final do século XVIII, começou a marcar presença o amor romântico, que solicitava a inserção de um eu e de um outro numa história pessoal, vinculada a ideais de liberdade e de auto-realização, na qual ocorria uma atração, mas desvinculada da compulsão sexual. O amor romântico, presente na constituição das relações amorosas atuais, remetia a uma idealização das relações sexuais, na tentativa de restrição da própria sexualidade, pelo fortalecimento do autocontrole.

Tal fortalecimento do autocontrole derivava da experiência da sexualidade vinculada ao afeto, conseqüentemente, se desvincularia do conceito de impulso sexual, que seria característico do *amour passion*. No *amour passion*, havia uma quebra da rotina, com a realização dos desejos sexuais; no amor romântico, havia um englobamento da sexualidade, mas, diferente do *amour passion*, ela estava associada ao afeto, porém disciplinada e voltada à procriação. Existia a predominância do amor sublime sobre os impulsos sexuais. Portanto, havia um controle da prática sexual e uma contenção dos impulsos. Em outras palavras, o amor romântico envolve o amor sexual, porém livre da *ars erotica*, que caracteriza o prazer sexual no Oriente cultivado por concubinas, prostitutas ou minorias religiosas. Percebemos, assim, que essa forma de relacionamento, na busca de auto-realização, depende muito mais do envolvimento emocional dos parceiros do que de critérios sociais externos.

Tais concepções iniciadas no século XVIII, como a do amor romântico, sendo a base dos relacionamentos afetivo-sexuais, tinham pouca compatibilidade com a sociedade patriarcal. Segundo Badinter (1986), a sociedade patriarcal, caracterizada pelo casamento tradicional, adota poucos valores compatíveis com o amor, pois o patriarcalismo prioriza a desigualdade entre homens e mulheres, diferente do amor romântico, que se animava em um ideal de igualdade dos gêneros e diferenciação, ao mesmo tempo.

Portanto, os poderes paterno e marital começaram a decair entre os séculos XVIII e XIX. No século XIX, também ocorreu o enfraquecimento do patriarcado, desde a disseminação do amor romântico por meio da criação dos romances, tanto na literatura quanto na vida real. Nos romances, o sujeito tentava sair de sua rotina e viver um ideal de amor, no qual ocorreria a completude dos cônjuges entre si, assim caracterizando a continuidade da concepção de amor romântico. Logo, o começo do abalo da organização patriarcal, iniciado no século XVIII, teve como apogeu a metade do século XX.

Dos anos 1960 em diante, o relacionamento entre os gêneros foi objeto de profundas modificações em razão de vários fenômenos socioculturais, como o movimento feminista, a revolução sexual e a contracultura. Para Strey et al. (1998), o movimento feminista foi o apogeu de um processo que se iniciou antes do século XX. Seu pilar era “o pensamento e a luta pela realização da igualdade para mulheres” (p. 181). Esse movimento cultural, que se poderia visualizar como um dos marcos o fim dos anos 1960, foi marcado pelo fato de a mulher passar a contestar seu lugar, pois não mais aceitava a posição submissa, e de inferioridade em relação ao homem, característica da sociedade patriarcal.

Badinter (1986) ressalta que a contestação de tal hierarquia do homem como superior à mulher teve a ter seu início de desconstrução no final do século XIX, desde os movimentos como a luta pela liberdade do corpo feminino, tanto na expressão da sua sexualidade quanto na decisão acerca da maternidade. Em outras palavras, neste período, emergiram as primeiras reivindicações das mulheres, a fim de obter os direitos negados pela estrutura patriarcal, como o fim da repressão da sexualidade feminina, pois a mulher somente poderia ter relações sexuais com único homem, o seu marido, depois do casamento, ou como a ausência de poder de decisão acerca da maternidade, já que tinha obrigação de ter vários filhos, muitas vezes um seguido do outro.

Paralelamente a estas contestações, exprime Badinter (1986), a mulher também passou a reclamar outros direitos, como os políticos e econômicos, haja vista que não tinha qualquer direito ao voto como modo de participar da vida política, ou de trabalhar fora de casa, com as mesmas condições dos homens, como forma de se integrar à vida socioeconômica. As contestações sociopolíticas e econômicas ocorreriam porque o sistema patriarcal negava à mulher o direito à participação na vida pública, espaços pertencentes ao domínio do gênero masculino, enquanto a mulher tinha o seu poder restrito ao âmbito privado, do lar.

Essas reivindicações, de acordo com Badinter (1986), frisavam a necessidade da desestruturação de três bases constitutivas do patriarcado: o fim da divisão de trabalho, haja vista que a mulher saiu para o mundo externo; a recuperação do controle da sua sexualidade, porque a mulher passou a lutar pelo direito à contracepção e ao aborto; e a liberação do corpo, que a levou a deixar de ser um objeto de troca.

A emergência dessa nova configuração sociocultural também refletiu nas relações entre homens e mulheres. Nesse tipo de sistema, o casamento diminuiu seu papel de ser um negócio político e econômico entre as famílias para se tornar assunto privado dos cônjuges. Desse modo, principalmente com a perda do controle sobre a sexualidade feminina, o pacto das relações passou a ser baseado no respeito e no amor. É importante ressaltar, no entanto, que o surgimento de uma nova forma de significação, tanto no âmbito dos gêneros como na própria maneira de relacionamento e casamento, não implica a total destruição do sistema anterior, como no caso do patriarcado. A desestruturação dessas bases constitutivas do patriarcado não significa que passamos a viver, no século XX, uma nova realidade, totalmente diferente da anterior, em relação aos direitos da mulher. Ainda encontramos muitas expressões do sistema patriarcal coexistindo com as novas formas de pensamento do movimento feminista.

Para Giddens (1993), da modernidade à época atual ou contemporânea, esses ideais de amor românticos tenderam a se diluir quando emergiu a emancipação sexual feminina. Percebemos uma transformação no nível cultural da modernidade em relação ao estabelecimento dos vínculos de gêneros. A modernidade, que tem como marco cultural o amor romântico do século XVIII, se modificará com a influência da autonomia sexual do feminino iniciada no final do século XIX, tendo o seu apogeu na metade do século XX, com o surgimento do amor confluyente.

Estes dois tipos de amor, o romântico e o confluyente, respectivos da Modernidade e Contemporaneidade, possuem pontos em comum como diferenças bastante marcantes. Um dos pontos em comum do amor romântico que perdurará no confluyente é a proposta de uma qualidade de igualdade na relação de gênero, já

que o amor romântico representa o ideal de envolvimento emotivo entre os cônjuges, mais presente do que os critérios sociais externos, característicos do casamento patriarcal.

Em decorrência da proposta de vínculo emocional entre os cônjuges, as relações de gênero assumiram uma diversidade de possibilidades de escolha, já que não ficam mais restritas apenas a uma escolha, como na pré-modernidade, quando o casamento era feito por meio de transação socioeconômica decidida pelos pais. Logo, na contemporaneidade, os indivíduos saem de uma imposição de escolha única, realizada pelos pais, para uma posição ativa de escolher o parceiro desejado. Com a possibilidade de escolher o parceiro para o casamento, os indivíduos passam a ter maior liberdade de vivenciar uma diversidade de relacionamentos, porque, agora, não se encontram mais presos aos padrões estabelecidos pelas estruturas sociais e familiares.

Apesar desses dois tipos de amor proporem, contudo, uma qualidade de igualdade em relação ao gênero, cada um tem peculiaridades. De acordo com Giddens (1993), essa diferença diz respeito ao fato de o amor romântico ser uma circunstância que não permite à mulher um poder nas relações de gênero, porque, em nome desse amor, as mulheres se postavam em severa submissão doméstica ao homem.

No amor confluyente, segundo Giddens (1993), compreendemos que ocorre uma busca da igualdade de maneira mais abrangente, haja vista que há a exigência de uma igualdade na doação e recebimento das emoções. Outro ponto a distinção é a própria relação com a *ars erotica*. Como vimos, o amor romântico exclui a *ars erotica* da relação, enquanto no amor confluyente se recupera a *ars erotica* como elemento fundamental para ocorrer a continuidade ou remate da relação. Assim, no

amor confluyente, a capacidade de proporcionar ou experimentar o prazer sexual, em ambos os sexos, é o termômetro do relacionamento. Neste sentido, o amor confluyente traz a promessa de proporcionar satisfação sexual sem distinção de gênero. Portanto, no amor romântico do século XVIII, perdura a categoria de amor eterno, com a concepção de “para sempre”, diferente do amor marcado pelas idéias de emancipação feminina da contemporaneidade, denominado de confluyente, já que tal amor se baseia na contingência do momento.

O amor confluyente daria origem às chamadas de “relações puras”, que têm sua origem no amor romântico, característico do sistema de valores da modernidade. Segundo Giddens (1993), nessa forma de relação, a escolha de ações futuras e planejadas, bem como de estilos de vida, desde o presente, se tornou central. As escolhas não significam que haja uma inexistência do social nesse processo. O que ocorre é uma mudança cultural nas relações vinculadas ao amor romântico e os relacionamentos do amor confluyentes, já que o amor tem de ser compreendido como dimensão histórica e, como tal, pode ser renovado em sua estrutura.

Consoante, ainda, a Giddens (1993), no amor romântico, a decisão do casamento era tomada pela família que não se restringia somente à vida afetivo-sexual, mas a toda forma de vida que o sujeito estabelecesse, pois o meio tinha a função de impossibilitar qualquer mudança de cunho individual. A pressão do social garantia a manutenção de estilo único de vida, ou seja, da expressão de somente determinados comportamentos aceitos pela família e a sociedade, no caso, os valores morais da burguesia. Dessa forma, os indivíduos eram contidos na possibilidade de expressar outros comportamentos que não alcançassem o padrão esperado pelas instituições sociais.

Com a liberdade de expressão dos comportamentos característicos das relações puras, o indivíduo não possui mais uma só referência social a seguir, levando-o a deparar uma grande variedade de possibilidades de escolha. O homem passa a ser quem decide a forma de vida que lhe convém, porque a sociedade permite liberdade para mais de um comportamento. Com a diminuição das restrições sociais, o sujeito terá de decidir a atitude dentre as múltiplas existentes, pois o padrão único não existe mais, inclusive em relação à decisão do outro com quem se casar.

Esta invenção e a renovação histórica do amor e seus correspondentes no relacionamento afetivo-sexual são explicitados em Costa (1998), quando ressalva que, nas sociedades com base no amor romântico, o sujeito tinha como obrigação cultural um só modo de experienciar as relações, que era pela realização sentimental. Em nome desse só modo de amor-paixão romântico, respaldava-se um único estilo de vida que buscava impor a repressão da sexualidade feminina, crença na desigualdade social entre homens e mulheres, exaltação da importância da convivência doméstica e do profundo senso de responsabilidade para com os filhos. Com a liberação cultural do amor romântico, que apregoava o sofrimento e a frustração como prova de sentimento verdadeiro e consistente, pode se diluir a obrigação social de seguir os ideais românticos, característicos da moral estabelecida pela burguesia.

Assim, ocorre a passagem da primazia do sentimento do amor na conquista da identidade emocional, que trazia a idéias de relação estável para a emergência das imagens e das sensações, características do homem atual. O sujeito atual passou a priorizar as sensações, na qual, como explica Costa (1998),

Os indivíduos, enquanto não se apaixonam, têm numerosas relações sexuais, numerosas experiências físico-sensoriais, muitos e variados tipos de parcerias afetivas e, como resultado, vão “aprendendo” que o êxtase emocional não é clone do amor e “desaprendendo” a valorizar a forma de vida que dava à emoção amorosa o status moral que ainda tem hoje (p. 214).

Portanto, o homem atual tem a atitude de rejeitar todos os sentimentos que causem sofrimento, pautando nossa forma de viver com esteio nos prazeres fáceis, inclusive o que pode ser comprado. O foco identificatório dos indivíduos passou a ser as sensações. Não podemos deixar de excluir das sensações prazerosas, no entanto, o que é oferecido pela publicidade com todos os encantamentos de propostas de êxtases. Com a inclusão das sensações prazerosas da publicidade no cotidiano dos sujeitos, as imagens televisivas deixaram de ser periféricas para se tornar instrumentos de elaboração das identidades humanas. Tal transformação somente foi possível no homem atual que privilegia as sensações, diferente do sujeito do amor romântico que realizava a separação do que era do seu mundo interior, constituído por sentimentos estáveis das seduções e sensações da moda.

Para Giddens (1993), na atualidade, predominam as escolhas subjetivas e múltiplas às diversidades sócio-afetivas. Apesar das transformações na maneira de escolha dos cônjuges, no entanto, não podemos garantir que todos os estilos anteriores de conceber o casamento, como uma escolha realizada pelos pais, se extinguiram; ou seja, a emergência de uma nova forma de sujeito com maior liberdade de escolha não implica que as estruturas anteriores tenham acabado por completo. Logo, ainda podemos deparar casamentos realizados em um estilo tradicional, isto é, as escolhas do casamento não passam por um desejo do sujeito, mas pela decisão das instituições sociais como bases em interesses

socioeconômicos, diferentemente das relações puras, nas quais o vínculo entre os sujeitos é estabelecido pela dependência dos parceiros, com animo em sua própria relação, não mais em razão dos valores tradicionais. Portanto, quando a relação no casamento não está bem, ela ameaça acabar. Deste modo, o que antes tinha como referência os contratos exteriores, na atualidade tem como foco principal a própria relação conjugal, criando a exigência de um esforço mútuo para se manter o vínculo. Assim, tornou-se importante o compromisso no relacionamento.

Giddens (2002) pensa que essa nova estrutura aponta para uma necessidade urgente de o homem contemporâneo adquirir segurança em relação à sua identidade, sendo essa segurança um pressuposto para poder constituir a relação a dois. Na atualidade, ocorre uma feitura do casamento, algo não mais imposto pelos rituais ou mitos, como exterior, mas o movimento é interior, no qual o que se faz fundamental é uma valorização da identidade dos parceiros, para constituir a relação. Com essa elaboração da relação, contudo, os indivíduos que participam dela também recebem influência mútua, e, assim suas identidades passam a ser afirmadas com base nas respostas do outro, dentro da relação.

Desta forma, não podemos pensar em um eu independente do outro, pois o eu se edifica na experiência do relacionamento, não havendo um sujeito, *a priori*, que determine o meio. Por isso, a identidade do sujeito, no relacionamento, é a de uma constante afirmação na sua relação com o parceiro. A diminuição de um sujeito ou de condições sociais externas, a princípio, situa as relações afetivo-sexuais na condição de uma busca pela satisfação emocional, oriunda dos ideais de liberdade e auto-realização, características do amor romântico.

Para melhor compreendermos como atualmente coexistem esses diferentes sistemas de conjugalidade tratados há pouco, Porchat et al. (1992) realizam uma

leitura das principais diferenças entre a estrutura do casamento de estilo tradicional em contraposição ao casamento com estruturas contemporâneas. Garantem que, com as transformações iniciadas no final do século XIX, o casamento não manteve um padrão único, estando ainda em mudança na atualidade.

Essas modificações quanto aos papéis, funções e expectativas em relação ao casamento possibilitam uma diferenciação entre o casamento tradicional e os atuais dentro dos seguintes expectativas:

- quanto à duração: o casamento tradicional é considerado indissolúvel e a separação catastrófica, enquanto no atual há uma maior aceitação da sua transitoriedade e a separação não é mais considerada uma catástrofe. Hoje, os casais acreditam que ficam casados até quando quiserem;
- quanto à intimidade na relação: as relações conjugais tradicionais são baseadas no desempenho de papéis, que eram bem delimitados, não na expressão da intimidade pessoal e da satisfação sexual, ficando a interação emocional mais protegida. No casamento atual, as relações ocorrem mais em torno das satisfações emocional, psicológica e sexual, exigindo, assim, intimidade e comunicação, ao mesmo tempo em que há maior cobrança por parte dos cônjuges de que cada um desempenhe o papel do outro, também havendo a exigência de preservação da individualidade;

- quanto à diferença dos papéis masculinos e femininos: como, no casamento tradicional, os papéis eram rígidos, os homens tinham as funções de provedores e de protetores da família, devendo tomar todas as decisões. O homem dominador não tinha qualquer papel na execução das tarefas da casa e na educação dos filhos, cabendo à mulher tais funções que, se não fossem executadas como ditava a sociedade, seria condenada. Logo, o homem era considerado superior à mulher, pois seria racional e forte, enquanto ela era inferior por estar associada à emoção e à intuição. No casamento atual, os papéis sociais não se apresentam assim tão rígidos e inflexíveis, pois permitem a ambos os cônjuges atuarem como provedores da casa e, também, serem responsáveis pelos cuidados dos filhos. Percebemos, no entanto, que muitos dos casamentos atuais apresentam características presentes da cultura tradicional, criando verdadeiros conflitos entre a expectativa de se assumir o papel esperado de cada gênero, estabelecido pelo sistema tradicional, e as transformações causadas pelos movimentos feministas, que exigiam uma mobilidade na trocas de papéis posto pela cultura social de hoje. Essa nova perspectiva traz, no entanto, alguns conflitos para a mulher, porque ela acaba sendo responsável por uma dupla jornada de trabalho, e, não podendo dar conta dela, por haver muitas atividades para executar ao mesmo tempo, sente-se incompetente. A dupla jornada de trabalho cria um conflito entre ter de se dedicar ao trabalho fora de casa e os afazeres domésticos. O conflito porque a mulher passa decorre da fixação de papéis ligados ao feminino, do modelo tradicional, que impõem a ela como a única responsável pelos afazeres domésticos.

Paralelos a essa imposição, encontramos a necessidade do feminino ter um espaço no mercado de trabalho. Portanto, além de trabalhar, muitas vezes, a mesma quantidade de horas que o homem no mercado de trabalho, ainda, ao chegar à casa, tem de executar as tarefas domésticas; e

- quanto ao projeto de vida: a mulher, no casamento tradicional, tinha seu projeto de vida voltado à família e aos filhos. No casamento atual, ela vive no impasse entre se realizar pessoalmente, por meio da profissionalização, e continuar dedicando sua atenção ao lar.

A distinção entre os casamentos tradicional e moderno também é ressaltada por Bucher-Maluschke (2003). Na sua concepção, a sociedade tradicional baseava-se na passagem dos pais aos filhos, de valores definidos e inquestionáveis, sendo a família considerada a instituição de preservação da memória transgeracional, pois asseguraria a continuidade de passado, presente e futuro. Nesta estrutura de legado geracional, considera que o casamento constituía um contrato de base econômica e de parentesco, excluindo, assim, o amor como critério da escolha conjugal. Portanto, deparamos com um contexto sociocultural baseado na desigualdade dos sexos e na posse legal da mulher e dos filhos pelo homem. Neste contexto tradicional, a sexualidade estava relacionada à procriação, e a separação conjugal era considerada como atitude recriminável, porque o desquite não permitia a possibilidade de casar novamente. Em relação à criação dos filhos, a mulher era considerada a provedora emocional, enquanto o homem era o provedor financeiro.

No casamento moderno, para Bucher-Maluschke (2003), deparamos mais trocas emocionais e intimidade em razão de um posicionamento de contestação política à família, à sexualidade, à divisão do trabalho e ao cuidado com os filhos. Logo, ocorre maior expressão da sexualidade vinculada ao prazer, com a separação de procriação, inclusive com a manifestação sexual da mulher e da homossexualidade. Esta visão da modernidade já aponta as características culturais do amor romântico do século XVIII que se modificará com a influência da autonomia sexual do feminino iniciada no final do século XIX, tendo o seu apogeu na metade do século XX.

Como consequência, esses fatos ensejam formas alternativas de relacionamentos, e, principalmente, o aumento das separações conjugais, já que o importante na cultura contemporânea não é manter as instituições sociais, inclusive o casamento, mas ter a liberdade de encontrar uma relação desejada e ideal, independente do parceiro. Essas separações, então, já levavam ao divórcio, com a possibilidade de um novo casamento, diferentemente da estrutura tradicional, em que o desquite somente permitia a separação, sem, entretanto, a permissão legal para a realização do segundo casamento se as pessoas pretendessem. Com a inserção do divórcio, a separação permitia, legalmente, que o segundo casamento acontecesse. Portanto, a segunda relação poderia se estruturar dentro dos critérios de legalidade jurídica. Paralela à legalização jurídica do casamento de pessoas divorciadas, também a legislação passou a incluir as uniões informais, ou seja, dos tipos de relacionamento que não eram formalmente legalizados pelas instituições jurídicas e religiosas.

Bucher-Maluschke (2003) ressalta, também, o surgimento do terceiro momento nas relações conjugais e familiares, que denominou de casamento pós-

moderno, que está mais próximo dos dias atuais. Na sua análise, o terceiro momento é simplesmente uma exacerbação da era moderna. Tal exacerbação encontrada na cultura pós-moderna acarretou um processo de maior radicalidade nas vivências individuais e familiares. Percebemos esta radicalidade nos indivíduos originada da expressão de uma identidade mais fragmentada e variada, já que no sujeito pós-moderno ocorre a mudança da percepção de uma identidade homogênea, para passar a se estruturar em várias experiências externas com a alteridade que a torna um caldeirão de vivência sem uma só referência.

No contexto familiar, o casamento baseado em um laço indissolúvel deixa de ser a única referência e modelo de forma de relacionamento para dar vazão a novas formas de união. Essa instituição social tradicional, que estabelecia um padrão conjugal, no qual os papéis do homem e da mulher eram bem delimitados e esclarecidos, modifica-se na modernidade e na pós-modernidade (de maneira ainda mais radical), tanto no aspecto dos papéis sociais definidos, como na forma de casamento. Portanto, na pós-Modernidade, a relação conjugal baseia-se na duração do amor, em que o relacionamento perdura até existir afetividade e prazer para os cônjuges. Por isso, não é mais fundamental que o casamento se baseie em um relacionamento indissolúvel e heterossexual, pois o que prevalece não é mais seguir esse padrão, porém alcançar a realização afetivo-sexual com o parceiro.

Esta busca de realização é prioridade tanto em relação aos padrões de legalidade jurídica quanto aos religiosos. Tal prioridade cria condições do surgimento de outros modelos de casamento e de família, como os recasamentos, a coabitação, as famílias monoparentais e os casais homossexuais. Nesses novos modelos conjugais e familiares, percebemos rupturas com o modelo único de casamento heterossexual, indissolúvel e de filiação exclusiva da relação matrimonial.

Bucher-Maluschke (2003) também afirma que outro aspecto de transformação nas famílias é que estas, anteriormente, eram constituídas por pais e filhos, além de mais um grupo de pessoas ligadas por laço de consangüinidade ou afetivos, como avôs, tios, primos ou amigos que viviam no mesmo lar, passando para o estilo de família nuclear, tendo como componentes apenas os pais e seus respectivos filhos. O casal pós-moderno passou, também, a estruturar sua relação na divisão das contas para sustentar a família.

Bucher-Maluschke (2003), apesar de explanar acerca do casamento em três tipos distintos, cada qual com características próprias, ressalta que na sociedade atual o casamento não se apresenta de maneira tão delimitada. O casamento tradicional, moderno e o pós-moderno, é instância que pode surgir em um mesmo casal. Em outras palavras, os valores e as perspectivas do casamento atual podem apresentar características tanto do casamento tradicional quanto do moderno e pós-moderno.

CAPÍTULO 2

A INTERNET

2.1 A Comunicação Via Internet

Na atualidade, ocorrem mudanças nos relacionamentos humanos de maneira tão drástica quanto as transformações ocorridas na inovação tecnológica. Dentre as mudanças nas relações humanas, como tratamos anteriormente, não podemos esquecer a emergência de novas configurações femininas em razão do enfraquecimento do patriarcado. Paralelo a esse movimento de transformações diversas que aponta para a possibilidade de uma redefinição no âmbito das relações entre mulheres, homens e crianças, deparamos outro elemento de importância social: a nova forma de comunicação via Internet.

Para Oliveira (1997), a Internet é uma gigantesca rede mundial de computadores que atua de maneira descentralizada, “à qual estão conectados milhares de sub-redes, sistemas de grande, pequeno e médio porte, supercomputadores e microcomputadores” (p. 156). Tal conexão também é ressaltada por Sawaya (1999), ao chamá-la de a maior rede de computadores do mundo, no entanto, sem se esquecer de que não se desenvolve de maneira desestruturada, já que cada computador possui um endereço exclusivo. Com esse endereço, é possível encontrar qualquer computador conectado à rede e manter uma troca de informações, assim caracterizando um novo meio de comunicação pública. A Internet, segundo Castells (1999), é um novo sistema de comunicação

baseado em uma língua digital universal que promove a integração global, tanto da produção quanto da distribuição de textos, sons e imagens, de forma a possibilitar a expressão das identidades dos indivíduos.

Ao remeter à identidade do indivíduo, compreendemo-la como o significado, uma sensação e um sentido subjetivo de continuidade atribuído pelo indivíduo na sua experiência. Em outras palavras, o conceito de identidade traz uma continuidade vivida pelo sujeito baseado na sua relação com o mundo e consigo. Tal relação é referida por Castells (1999), ao definir a identidade como “[...] o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais” (p. 39). Compreendemos que a identidade referida neste contexto ressalta a importância dos aspectos sociais e suas possíveis transformações para o indivíduo, o qual vivencia e, conseqüentemente, atribui significados dessa experiência, desfazendo, assim, possíveis interpretações errôneas, como a da identidade estruturar-se isoladamente dos fenômenos sociais. Esse ponto se torna fundamental para a compreensão das identidades atuais diretamente vinculadas aos fenômenos sociais de comunicação, como a Internet.

Nesta relação com o mundo e consigo mesmo, a identidade do sujeito passa a encontrar na Internet mais um meio de expressão, já que nela temos uma nova forma de comunicação, baseada em um sistema de rede interativa e mediada pelo computador. Apesar de se inserir nesse novo meio de comunicação, não podemos concluir que a expressividade da identidade somente passou a ocorrer na Internet e que as formas de comunicação anteriores tenham sido totalmente substituídas. Na verdade, a Internet coexiste com as formas anteriores de comunicação, porém com

a diferença de criar uma interatividade de redes que reforça um novo estilo de sociedade, chamado por Castells de sociedade em rede. Para Castells (1999), este novo estilo de sociedade é composto por usuários de uma rede de computadores que se interligam por meio da Internet.

Castells (1999) considera que a Internet, como nova forma de comunicação, originou-se de um projeto ousado do governo dos EUA a empresas de informática na década de 1960, cujo objetivo era estabelecer uma interligação mundial de usuários de computadores e de banco de dados. Tal projeto iniciou, durante o período da guerra fria, com o lançamento do satélite soviético Sputnik, em 1957. Sputnik foi o primeiro satélite artificial que tinha a função de transmitir um sinal de rádio, um “beep” que podia ser sintonizado por qualquer radioamador.

Como protagonistas dessa guerra fria, as superpotências se tornam rivais no desenvolvimento tecnológico. Logo, a possibilidade de a União Soviética ter um avanço na era espacial desperta nos EUA o receio de estar perdendo a disputa pela liderança do planeta, pois o objetivo maior era mostrar ao mundo qual país possuía um sistema mais avançado. Tais avanços espaciais levaram ao receio de um possível ataque dos soviéticos que implicaria a destruição dos centros de informações nos EUA. Para se proteger dessa perda das informações, Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DARPA) buscou criar um meio de comunicação composto de milhares de redes de computadores autônomos, com inúmeras conexões, permitindo o surgimento de um processo de comunicação horizontal. No caso de uma guerra nuclear, a comunicação horizontal impossibilitaria a tomada ou a destruição do sistema de comunicação dos soviéticos, já que se configurou como uma rede independente de

centros de comunicação e de controle, permitindo a retomada da mensagem enviada em qualquer ponto disponível ao longo da rede.

Com essa estratégia desenvolvida, foi possível criar uma rede capaz de comunicar todos os tipos de símbolos sem um centro de controle específico. Em 1969, foi instituída a primeira rede, chamada de ARPANET, usada por cientistas colaboradores do Departamento de Pesquisa Científica dos EEUU. Não era somente utilizada, no entanto, para fins científicos e militares, também ocorrendo comunicações informais e pessoais. Em 1980, foi criada outra rede, a BITNET, com o objetivo de manter estudos não científicos.

Em 1983, a ARPANET foi dividida em MILNET e ARPANET. A primeira, para uso dos militares, enquanto a segunda para objetivos científicos. Todas as redes desse período usavam o sistema da ARPANET, passando a ser denominadas de ARPA INTERNET, que depois passou a ser chamada de INTERNET. De acordo com Castells (2003), a origem da Internet pode ser encontrada na ARPANET, desenvolvida pelo Departamento de Defesa do Estado Unidos, com o objetivo de mobilizar recursos de pesquisas científicas na realidade, em especial, dentro do mundo universitário, com a finalidade de alcançar a superioridade tecnológica militar em relação à União Soviética.

A criação desse meio de comunicação horizontal, acentua Castells (2003), apesar de levar em consideração o financiamento militar, no momento inicial, em virtude do contexto da guerra fria que propiciava altos investimentos em ciência e tecnologia, decorrentes dos apoios popular e governamental, também possui um complexo padrão de interação com os aspectos culturais e sociais deste período. Esse financiamento do governo estava vinculado às universidades que propiciavam

as pesquisas nesta área. Dentro dos *campi* universitários emergia uma cultura da liberdade individual na década de 1960 e 1970.

Apesar de a maioria dos pesquisadores não estar diretamente ligada a movimentos sociais ativistas da contracultura, foi influenciada por valores de liberdade individual, do pensamento independente, da solidariedade e de cooperação com os iguais. Todos esses valores impregnados na cultura estudantil foram recuperados e integrados aos seus conceitos de elaboração de *software*, ou seja, ergue-se uma ponte entre ciência da informação e a cultura estudantil. Tal ponte adotou a idéia de interconexão dos computadores como um meio de liberdade de expressão, na qual o computador interconectado seria o instrumento representante dessa livre expressão. Assim, a Internet originou-se da improvável conexão entre a *big science*, que se refere às novas investigações científicas de projetos caros, muitas vezes financiados pelo governo, e a cultura libertária. A cultura da liberdade foi expressa pela criação de um instrumento, no caso, o computador, que proporcionou às pessoas o poder da informação distanciada do controle centralizador dos governos ou das corporações.

A mesma relação entre cultura dos anos 1970 e emergência da microinformática é apontada por Lemos (2004) no seguinte trecho:

[...] a cibercultura surge como os impactos socioculturais da microinformática. Mais do que uma questão tecnológica, o que vai marcar a cibercultura não é somente o potencial das novas tecnologias, mas uma atitude que, no meio dos anos 70, influenciada pela contracultura americana, acena contra o poder tecnocrático. O lema da informática será: 'computadores para o povo' (computer to the people) (p. 101).

Nesta lógica, ocorrem entre sociedade e cultura processos de interação que não se determinam, mas se influenciam mutuamente. Em outras palavras, como salientam Lemos e Cunha (2003), o desenvolvimento tecnológico não dita, de maneira universal, os caminhos da vida social. Tal perspectiva mostra também que, na década de 1960, as emergências de novas maneiras de sociabilidades na sociedade proporcionam um direcionamento ao desenvolvimento tecnológico, modificando, desviando e criando relacionamentos inusitados do homem com a tecnologia da comunicação e da informação. Assim, como ressalta Castells (1999), “é infundado o determinismo tecnológico dado que a tecnologia é a sociedade e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (p. 25).

De acordo com Castells (1999), não há um determinismo entre a cultura e as tecnologias que poderíamos atribuir ao conceito de subjetividade, mas um processo de influência mútua, no qual essa nova forma de comunicação molda a vida dos indivíduos, ao mesmo tempo em que, também, passa a ser moldada pelo sujeitos que as utilizam. Nesta perspectiva, vamos compreender o conceito de subjetividade de acordo com Foucault (1998). Na sua concepção, o sujeito no processo de subjetivação recebe um discurso, estabelecendo determinadas regras e valores a seguir, dados pelas instituições sociais vinculadas às estruturas socioeconômicas e políticas que podem trazer, até certo ponto, possibilidades de variação na forma do sujeito se orientar. O estabelecimento da subjetividade, porém, não se reduz a uma determinação dessa instância sobre o sujeito, apesar de também não ser separada dela, mas sim como o sujeito irá se perceber, se relacionar consigo, se significar e se transformar com base nessa influência social.

É a compreensão dessa subjetividade na atualidade que recebe influências das tecnologias como a Internet. Logo, a realidade das transformações tecnológicas, incluindo a Internet, já faz parte de um cenário impossível de deixarmos de compreender como uma influência nas grandes mudanças sociais e subjetivas. Passamos a reconhecer que não estamos mais distantes de um contexto tecnológico que tem a capacidade de modificar nossa forma de ser e a maneira como nos relacionamos com as outras pessoas e conosco mesmos.

Nessa nova compreensão das mudanças estabelecidas pelos meios de comunicação, Leitão (2006) ressalta que a radicalidade do impacto da Internet é revolucionária para homens, mulheres e crianças, pois passaram a entrar em um novo espaço de vida – o espaço virtual – e a experimentar novas e desconhecidas experiências. Passaram a ter acesso a um grande volume, antes impensável, de informações, a manter novas formas de relacionamento e a descobrir outras maneiras de ter prazer e sofrimento.

Nesta perspectiva, os movimentos sociais e políticos, iniciados no final do século XIX e culminando na década de 1960, serão um fator fundamental para a compreensão do surgimento de uma nova tecnologia como a Internet. Esse movimento é caracterizado por uma cultura libertária, chamada de contracultura. Segundo Silva (1979), a contracultura é um movimento de contestação, realizado pelas minorias sociais ou raciais, à cultura da coletividade, isto é, a minoria apresenta comportamentos próprios e conflitivos com a cultura maior. Ao ser referida essa cultura, temos de entendê-la como um “sistema de idéias, conhecimentos, técnicas e artefatos, de padrões de comportamento e atitudes que caracterizam uma sociedade” (p. 40-41). Tal minoria contestava as estruturas tradicionais, nas quais as

formas de interações decorrem de contato hierarquizado, com papéis bem delimitados de poder.

Essa estrutura mostra uma estratificação caracterizada pela graduação inflexível da autoridade com a definição exata das atribuições de cada estrato, seja na instituição familiar, pela figura dos pais ou do marido como superior em hierarquia aos filhos ou à esposa, seja em instituições de trabalho, pela figura do chefe em superioridade aos empregados. Na compreensão de Badinter (1986), a forma de relação tradicional que se caracteriza pelo patriarcado não se limita somente às instituições familiares, mas também se encontra na constituição de todas as relações políticas e sociais, inclusive na realidade do trabalho.

Esses movimentos surgiram com o intuito de buscar transformações dessa estrutura tradicional de relacionamentos, bem delimitados pela verticalidade e assimetria, tanto de papéis como no processo de comunicação, baseada na superioridade de um grupo, como o sexo masculino, a paternidade e as classes burguesas dominantes, em detrimento e/ou na submissão do outro, como o sexo feminino, a filiação e as classes proletárias. Logo, estamos falando de um tipo de cultura tradicional que, para manter a centralidade do poder, impõe valores que dêem justificativas ao desequilíbrio nessas relações.

Esse tipo de relacionamento e cultura acarreta um estilo de comunicação que se baseia na centralidade das informações por parte dos grupos dominantes e na manutenção da hierarquia de poderes. Como os seus valores se baseiam em forma de relacionamentos centralizadores e comunicações verticais, a Internet torna-se incompatível com esse estilo tradicional, já que nela se tem uma comunicação e um relacionamento horizontal, característico de um poder descentralização. Para Castells (1999), não há como controlar a rede de comunicação da Internet, pois é

formada por uma descentralização na comunicação: “o que permanece na contracultura é a informalidade e a capacidade autogeradora de comunicação, a idéia de que muitos contribuíram para muitos, mas cada um tem a própria voz e espera uma resposta individualizada” (p. 381).

Neste viés, a contracultura privilegia a ideologia da interatividade e de horizontalidade, o que é bem característico da rede de comunicação da Internet. Ao falarmos de interatividade, devemos entendê-la como uma das características da microinformática, já que ela trata da adaptação de um programa criado que, ao ser executado, permite ao usuário a liberdade de escolher por meio de menus e recursos disponíveis.

Lemos (2004) destaca dois tipos de interação: primeiro, a interação do usuário com a máquina e, segundo, a interação com um usuário em outro terminal, a social. A primeira ressalta a própria relação entre o usuário e as tecnologias, na qual existem as interatividades analógico-mecânicas e eletrônico-digitais.

De acordo com Lemos, na interatividade analógico-mecânica, a relação do sujeito com o objeto é assimétrica, uma vez que o sujeito dispõe do objeto, que permanece passivo. Neste tipo de interação, é reduzida a relação entre o sujeito e o objeto, haja vista que o objeto não possui uma reação ativa perante o usuário. A exemplo, temos as mídias tradicionais, como a televisão tradicional, com a qual o usuário tem pouca interação, já que as suas funções se restringem a manuseá-la para ligar ou mudar os canais. Nesse modelo, não pode alcançar a transformação do conteúdo, como no caso de televisão tradicional, pois o telespectador não pode intervir na sua programação, já estabelecida pelas emissoras de televisão; ou seja, não existe espaço para o usuário interagir, no intuito de modificar comportamento ou desenrolar conteúdo. Logo, é uma relação em que o sujeito se apropria de um objeto

passivo, já que este não estabelece interação como um objeto-sujeito nem possibilita ser um meio de ação na alteração do conteúdo.

A interação analógico-digital diferencia-se do paradigma analógico-mecânico, por proporcionar uma nova qualidade de interação que, atualmente, chamamos de interatividade digital. Essa interatividade baseia-se em uma relação simétrica, já que existe um constante diálogo entre sujeito e objeto, no qual o objeto se transforma em quase um sujeito, uma forma de interlocutor virtual. Além dessa possibilidade de interagir com o objeto ativo (máquina), o usuário também mantém interação com o conteúdo, inclusive podendo de modificá-lo.

Portanto, na digital, ocorre um tipo de interação tecno-social, na qual o sujeito pode alcançar e alterar as informações. Alguns exemplos são a televisão digital e o computador. O computador situa-se na interatividade de tipo eletrônico-digital, na qual se incluem os três tipos níveis de interação: a analógico-mecânico, a eletrônico-digital e a social.

Neste contexto do espaço cibercultural, os “internautas” passaram a participar dele como seus protagonistas, já que há condição de interação imediata e de troca de informações entre emissores e receptores, situação diferente de outras formas de comunicação, como a televisão, por exemplo, com a qual as pessoas ficam passivas, somente assistindo.

Silveira (2004) também ressalta a importância dessa nova forma de contato humano. Na sua perspectiva, a Internet propicia uma forma de interatividade diferente dos demais meios de comunicação, haja vista que permite uma atitude mais participativa do receptor da mensagem, possibilitando a ele, também, tornar-se um emissor de mensagens. Assim, a Internet é uma forma de comunicação de massa, de estilo diferente da transmissão tradicional de informação. Na mídia

tradicional, ocorre uma difusão de informação baseada na detenção do meio informacional por parte de uma emissora, que controla todo o processo de comunicação. Logo, a lógica é uma comunicação unilateral, de um para muitos, na qual o detentor do meio de comunicação, no caso, é a emissora, enquanto muitos se encontram em uma posição passiva perante tal meio, cabendo-lhes somente escolher entre permanecer assim ou não.

Em contrapartida, a Internet adota outra lógica no processo de comunicação, uma vez que se baseia em um ideal de interatividade, a qual permite que todos os participantes da comunicação tenham possibilidade de se tornar ativos, já que um receptor pode, no momento seguinte, se tornar um emissor. Portanto, no estilo interativo, todos que estão em contato têm possibilidade de participar e contribuir na comunicação, não sendo exclusividade de somente um pequeno grupo.

Assim, deparamos uma lógica de comunicação interativa diversificada de um para um, muitos para um ou muitos para muitos, pois ocorre mudança de papéis, em que o emissor pode se tornar receptor e vice-versa. A Internet enseja uma transformação nos modelos de comunicação, passando de uma mídia unidirecional para uma multimídia interativa, por meio de comunicações tanto assíncronicas, quando ocorre a troca de informações em tempos diferentes, como *email*² e fóruns³, quanto síncronicas, ao ter uma comunicação entre os usuários no mesmo tempo, como *chats*⁴ e videoconferências⁵.

² E-mail, também conhecido por correio eletrônico, é a transmissão de mensagens numa rede (Cf. Freedman, 1995, p. 167)

³ Fóruns é um intercâmbio de informações, focado num tópico o produto específico, que está baseado num serviço on-line ou BBS (Cf. Freedman, 1995, pp. 203-204).

⁴ *Chat* significa conversa informal, bate-papo. Forma eletrônica de diálogo ou bate-papo via Internet ou BBS, que se processa em tempo real (Sawaya, 1999, p. 76).

⁵ Videoconferência: uma conferência por computador mantida entre várias pessoas em diferentes localizações geográficas. Teleconferência na qual imagem estática ou móvel pode ser transmitida via monitor junto com voz e texto (Sawaya, 1999, p. 498).

A mesma perspectiva da Internet como meio de comunicação horizontal é afirmada por Lemos (2004). A horizontalidade surge da transformação de uma comunicação que não obedece a uma hierarquia das mídias tradicionais, como televisão, rádio, imprensa e outras que controlam o conteúdo para as novas mídias eletrônicas que propiciam agregações sociais e multiplicam os terminais da emissão não-centralizados. Como vemos, as pessoas saem da posição de espectadores dos clássicos espetáculos apresentados pelas mídias tradicionais para ter um comportamento de ação por meio da interatividade digital, como clicar nos ícones e selecionar os mais diversos conteúdos presentes, podendo o sujeito manipular as formas midiáticas à vontade e de maneira independente.

Esta concepção de uma liberdade individual sem um controle centralizador que aponta a Internet como o seu principal representante, segundo Wolton (2003), corresponde ao espírito da sociedade atual. Um dos valores presentes na cultura atual corresponde à figura da emancipação individual, dada pela liberdade e ausência de controle, como ressalta Wolton (2003): “cada um faz o que quer e quando quer: sem Deus, nem mestre” (p. 86). Na verdade, a ausência de hierarquia significa um desejo de igualdade de todos os seres humanos. Esse desejo de emancipação e igualdade surge desde o início da criação da Internet e perdura até a atualidade.

Neste contexto, a concepção de estar em frente a um computador, que é símbolo tecnológico da descentralização do poder midiático, significar que todos são iguais, já que qualquer pessoa que possui computador e Internet, *a priori*, tem acesso às informações que querem. Desse anseio de emancipação, surge a utopia de se alcançar a igualdade e, conseqüentemente, a solidariedade por meio da Internet. Esse meio criou uma utopia ligada às tecnologias da informação; em virtude

da crença de esse instrumento ser um provedor de igualdade social por permitir a participação de todas as pessoas no mesmo patamar. Como a realidade atual da sociedade de um mundo sem utopia desde o final do socialismo e, conseqüentemente, a ascensão do capitalismo que se limita a uma sucessão de imprevisíveis crises, a Internet é reconfortante como as suas propostas de igualdade mundial. A proposta de igualdade pensada era associada aos usuários terem alcance da informação. A capacidade de ter acesso às informações está associada à concepção de solidariedade que se baseia numa horizontalidade tanto no plano das estruturas socioeconômicas como na política, como anota Wolton (2003) ao apontar uma imagem da net como suporte de uma nova solidariedade mundial, de uma nova consciência. Por sua própria característica de estar no centro de vários debates, obras, proposições políticas e culturais, a rede mundial surge como esta possibilidade de esperança dentro de um realidade de globalização econômica que tenta se impor cada vez mais de forma tão angustiante a sociedade.

A mesma concepção de uma proposta de igualdade na realidade social é levantada por Lemos (2004), ao se referir à microinformática como incentivadora da democratização no acesso às informações. A democratização deveria garantir o direito à liberdade de expressão e à privacidade, o qual era visualizado pelos pioneiros da Internet. Neste contexto, a microinformática, que é a base da cibercultura, passa de uma mera ferramenta de calcular e ordenar para se tornar um meio de criação, prazer e comunicação. Logo, a microinformática transforma-se em uma ferramenta de convívio social, portanto, sendo fruto de uma apropriação social das tecnologias.

De acordo com Downing e Cols (2004), no entanto, o modo de estruturação do convívio social, antes de ser exaltado com possibilidade de democracia global,

deve ser refletido de maneira mais cautelosa e profunda. Torna-se fundamental se estar atento ao fato de que, apesar de conseguir parcialmente atender ao seu aspecto democrático, como anotam Downing e Cols (2004) é necessário verificar se existe uma preservação dos espaços dos questionamentos e discursos políticos. Em outras palavras, a Internet precisa manter espaços de reflexões políticas para o usuário poder ser um cidadão. Essa atitude é contra a possibilidade de querer transformar a Internet em um recurso eletrônico somente destinado a uma crescente comercialização. Se tal critério for respeitado, a Internet tem a possibilidade de se tornar uma mídia radical em virtude de sua capacidade de participação das pessoas de forma interativa de comunicação, exercendo uma compensação em relação à já existente comunicação unilateral da mídia tradicional, que é comercial.

A compreensão do convívio social virtual também é levantada por Wolton (2003), de forma crítica, a refletir se realmente ocorre, na rede, uma situação de democratização e de solidariedade entre os seus usuários. De acordo com Wolton (2003), tais ideais não condizem com o que realmente acontece na rede informacional, já que nela o que predomina é uma indústria à procura de adquirir uma fatia do mercado por meio dos usuários.

Nesta concepção, a Internet impõe uma infra-estrutura que, antes de alcançar esse ideal de solidariedade, está mais próxima a se tornar mais uma categoria de apropriação por parte do capitalismo. A sociedade capitalista instaura a desigualdade na Internet. A Internet não promoveria uma solidariedade ou democracia, mas uma separação entre os usuários pelo dinheiro e pelo nível social. Assim como, na sociedade capitalista, deparamos com uma desigualdade, tanto financeira quanto social, o mesmo ocorre na realidade virtual. Em relação ao aspecto

financeiro, a desigualdade está, no caso do usuário, somente em ter acesso a determinadas informações se puder pagar por elas.

Na concepção de Wolton (2003), o desnível social é a principal causa da desigualdade da Internet, pois o internauta possui um nível sociocultural já estabelecido, *a priori*, pelas desigualdades existentes na sociedade capitalista, o qual, ao entrar em contato com a Internet, somente reforçará tais desníveis. O reforçamento surge exatamente de um meio que dá liberdade de escolha entre várias opções, porém o sujeito não aproveitará essa variedade, porque somente procurará aquilo que já tem.

Na verdade, o usuário está preso a uma demanda constituída por seu nível social, não sendo possível criar outros desejos. Como não consegue ir além dos interesses estruturados por um nível econômico, exclui-se uma atitude inquieta de questionamento e, conseqüentemente, de emancipação. Para ele, a realidade virtual aponta para uma sobreposição da economia sobre os vínculos de igualdade e solidariedade, já que, na rede, não existe diferença entre consumidor e cidadão. Tal indiferenciação decorre da lógica comercial presente na rede que se torna incompatível com os direitos dos seres humanos. Enquanto o homem estiver na posição de ser um consumidor em potencial, a Internet tem de ser criticada como todos os meios de comunicação anteriores.

Wolton (2003), entretanto, destaca que o aumento de internautas aparece como um fator positivo, inclusive apoiado socialmente, diferentemente das mídias tradicionais, cujo aumento de telespectadores é, muitas vezes, criticado. Nesta perspectiva, faz-se necessária uma atitude crítica de qualquer mídia, inclusive a Internet, como forma de garantir a democracia das informações e dos relacionamentos. Por isso, para ele, a televisão e o rádio são mais democráticos do

que a Internet, porque nos dois primeiros encontramos uma universalização e uniformização de um conteúdo que é igual para todos, enquanto a Internet deixa uma variedade de conteúdos, que atua em um nível muito particular (de acordo com o desejo do internauta).

O que questiona Wolton (2003) é se a solidariedade mundial conseguirá, em algum momento, sobrepor-se à terrível racionalidade da tecnologia e da economia. A única certeza, no entanto, é de que na essência de todas as utopias de transformação e emancipação da atual sociedade estão os sistemas de informação, de cultura e de comunicação.

2.2 Cibercultura e Realidade Virtual

As tecnologias da informação, da cultura e da comunicação constituem os três pontos fundamentais para a compreensão da cibercultura. Esses pontos mantêm estreita relação que constitui a base para o estudo da cibercultura, como ressaltam Lemos e Cunha (2003):

[...] podemos compreender a cibercultura como a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática da década de 70. [...] trata-se, ao meu ver, de uma relação que se estabelece pela emergência de novas formas sociais que surgiram a partir da década de sessenta (a sociabilidade pós-moderna) e das novas tecnologias digitais (p. 11).

Nesta perspectiva, a cibercultura é de uma cultura contemporânea, vinculada às tecnologias digitais que somente puderam emergir com a convergência da informática e das telecomunicações em 1975. Como podemos ver, a cibercultura é uma cultura contemporânea, sendo um efeito direto de uma evolução da cultura técnica moderna.

De acordo com Lemos e Cunha (2003), a cibercultura advém do desdobramento da tecnologia moderna, que se caracterizava pela dominação do homem sobre a natureza e outros homens, por meio de um projeto racionalista-iluminista. Para Lemos (2004), a modernidade traz como características um mundo quantificado pela matemática e pelas tecnologias analógicas, ou seja, o racionalismo analítico e dedutivo moderno apresenta como característica a associação de uma Matemática que utiliza métodos quantificáveis e experimentais. Segundo Lemos (2004), esse tipo de pensamento mostra uma ciência moderna baseada em uma síntese discursiva e empirista, na qual o objetivo era a certeza, a eficiência e o determinismo.

Assim, existe superioridade da razão, da ciência e da técnica na Modernidade, o que será alvo de crítica na pós-modernidade. A crítica a esses ideais modernos e a queda de conceitos, como razão e progresso, ao mesmo tempo em que, a emergência da sociedade de consumo e a mídia de massa, são o que caracterizará o surgimento da idéia de pós-modernidade na segunda metade do século XX, também conhecido como idades contemporâneas.

As críticas, de acordo com Lemos (2004), surgem de um estilo moderno que traz a razão humana como valor supremo na busca de uma universalização e uniformidade no conhecimento, na qual a pós-modernidade questiona a totalidade

da razão instrumental humana, instaurando uma crise nas certezas e no determinismo do conhecimento científico.

Essa crise da racionalidade-instrumental, que Lemos (2004) menciona, leva o homem contemporâneo a aceitar não mais a verdade única, mas a seguir as enunciações de ordens diferentes, com base nas diversas linguagens postas em jogo. Logo, na pós-modernidade, a uniformidade é substituída pela heterogeneidade e diferenças, pois o que importa é conhecer qual o jogo de linguagem utilizado pelo homem contemporâneo (metanarrativa), e não como na modernidade que o interessante era a busca por uma verdade absoluta e única. Associada ao objetivo de universalidade do conhecimento, o homem moderno, impulsionado pelo desenvolvimento científico e tecnológico, compreende o tempo como linear, racional e homogêneo.

Lemos (2004) considera que esse tempo linear, que estabelece as concepções de passado, presente e futuro, enfoca a importância do futuro na história da humanidade. A noção de tempo linear e progressivo será influenciadora de um espaço físico, naturalizado e com dimensões da direção, volume e forma, no qual existe baseado na idéia de territorialidade.

Depois da metade do século XX, essas ideologias não terão mais apoio social. Apesar desse período de ruptura e desconfianças em relação às tecnologias, o que é bem característico da pós-modernidade e expresso nos movimentos da década de 1960, compreende-se que os ativistas do movimento de contracultura não excluíram as tecnologias dos seus interesses, como podemos ver nos casos da utilização de materiais tecnológicos, como as guitarras pelos músicos, ou da Internet pelos seus pioneiros nos *campi* universitários.

O que caracteriza a cultura pós-moderna, segundo Lemos é um tempo que não é mais contínuo. Como a ideologia de temporalidade passa a ser compreendida como descontínua, é estabelecida a importância do presente, requisitando o passado. Neste sentido, fica em foco a experiência do presente, dando-se ênfase à experiência do momento. Esta mesma lógica será percebida na Internet por uma compreensão de tempo real de comunicação instantânea, que se preocupa como um presente vivido.

A vivência do tempo real do mundo da virtualidade está diretamente relacionada a outra noção de espaço. O espaço é desterritorializado, assim se distanciando da experiência espacial como conquista física. A experiência espacial na cibercultura parte de uma diluição física pela possibilidade de ampliação das fronteiras, no caso, eletrônicas. Lemos e Cunha (2003) garantem que a modificação midiática transforma nossa percepção do espaço e do tempo, como nos deparamos quando do surgimento da Internet. Nela, o internauta vivencia um tempo, imediato e instantâneo, de emitir e receber informações de qualquer lugar do planeta por estar em conectividade generalizada na rede. Essa temporalidade instantânea parece aniquilar o espaço geográfico para propor um espaço de fluxos, baseado em uma desmaterialização de lugar. Como ressaltam Lemos e Cunha (2003),

[...] a cibercultura vai, pouco a pouco, redefinindo nossa prática do espaço e do tempo, particularmente no que se refere ao nomadismo tecnológico [...] O tempo real da comunicação instantânea e o espaço físico comprimido e diluído na fronteira eletrônica do ciberespaço criam uma contradição entre o imobilismo da casa e o nomadismo proporcionado pelas tecnologias. Estas permitem que eu esteja em qualquer lugar sempre conectado (p. 120).

A redefinição das noções de espaço e tempo aponta para uma nova mídia que modificará nossa visão de mundo. Compartilhando da mesma concepção, Savater (2000) aponta as transformações, tanto das formas de comunicação quanto da própria forma como o homem simboliza as suas experiências originada da realidade virtual. O contato com essa nova forma de comunicação não se restringe a um processo no qual a aparência se encontra meramente na tela do computador, distante da experiência do usuário, mas na possibilidade de interagir com a realidade virtual, que vai além da informacional.

A informática, nos seus primórdios, tinha a intenção de ser um instrumento de troca de informações, no qual a interação homem e máquina não era levada em consideração. De acordo com Lemos (2004), os momentos iniciais da informática voltaram-se para o desenvolvimento do computador como máquina que traria informação. Nesta perspectiva, o foco é a informática separada das questões humanas e sociais, ou seja, é uma leitura que não se detém nos impactos da informática no homem e na sociedade. Por isso, a compreensão atual da Internet e da realidade virtual não deve estar restrita ao mero aspecto informacional, mas voltar-se para a relevância da interação e da transformação dos meios sociais e a Internet.

Com o intuito de compreender como ocorre essa interação com a realidade virtual, devemos diferenciar os conceitos de realidade real e virtual. Os conceitos de realidade virtual e real são discutidos por Lévy (1996). Na sua concepção, quando nos reportamos à realidade virtual, referimo-nos a um grau de comunicação que atinge a possibilidade de as pessoas estarem juntas, propiciando a constituição de um “nós”. Neste contexto, Lévy (1996) esclarece que o termo “virtual” vem do latim medieval “virtualis”, derivado, por sua vez, de “virtus”, força ou potência. Na filosofia

escolástica, virtual é o que existe em potência, não em ato. Portanto, o virtual é o que não está presente. Na virtualidade, os textos e seus possíveis elementos são nômades e dispersos, e a sua localização geográfica não tem referência estável no espaço.

Apesar da virtualidade ter característica de desengate, que remete a uma separação de espaços físicos ou geográficos, ordinários da temporalidade do relógio e do calendário em razão de uma perspectiva de não-presença, as relações virtuais estão repletas de paixões, projetos, conflitos e amizades. A virtualidade, como alega Lévy (1996), propõe uma cultura nômade, já que se estrutura em interações sociais com o mínimo de inércia. Portanto, se o virtual é o que não está presente, uma de suas principais características é o desprendimento do “aqui-e-agora”. Conseqüentemente, o real e o virtual devem ser considerados, como demarca Figueira (2007), os correspondentes às dimensões *off-line* e *on-line*, ou seja, ao nos referir à realidade virtual, significa uma correspondência com a dimensão *on-line*, enquanto a real é uma referência a *off-line*.

Na compreensão de Nicolaci-da-Costa (2005), a relação virtual pode ser compreendida como todas as formas de interatividade à distancia, seja de pessoas conhecidas quanto desconhecidos. Baseado nessa concepção, Nicolaci-da-Costa (2005) realiza uma crítica à idéia de a Internet ser vista como uma realidade elaborada de forma tão inovadora que não teríamos referência nenhuma nas experiências humanas, principalmente no aspecto da relação virtual. Na sua concepção, as tecnologias digitais, como é o caso da Internet, não é o único gerador de interações virtuais, pois, se entendendo a interação virtual como todas as formas de interatividade a distancia, a carta e o telefone têm teriam características de interações virtuais.

Nicolaci-da-Costa (2005) entende que, da mesma maneira que existia um processo de comunicação entre emissor e receptor, em que ocorre a defasagem entre emissão da informação e recepção da resposta (comunicação assíncronas) característica da comunicação por *e-mail*, também vamos encontrá-la em uma antiga forma de comunicação - as trocas de cartas. A mesma comparação se aplica nas interações virtuais que o emissor e o receptor interagem simultaneamente (comunicação síncrona) que também podemos identificar na interação da telefonia.

Passando a ter essa noção de virtual como um aspecto encontrado em outras formas de comunicação, portanto, não sendo exclusivo da Internet, Nicolaci-da-Costa (2005) realiza reflexões de uma incompreensão da polêmica levantada pela Internet como promotora de contato, que causaria das relações descomprometidas ou de vínculo frágeis, como exprime Bauman (2004). Na concepção de Nicolaci-da-Costa (2005), Bauman (2004) realizou uma confusão quando fez a leitura dos relacionamentos virtuais como relação mantida por meio de redes digitais de telecomunicação, como a Internet e a telefonia celular, entre pessoas que não se conheceriam fisicamente. Na sua análise, diz que Bauman (2004) tem uma compreensão confusa quanto as características de usos das diferentes tecnologias. Na leitura de Nicolaci-da-Costa (2005), Bauman (2004) colocou as tecnologias e suas diferentes características de uso no mesmo nível, sem realizar a devida separação de que cada peculiaridade de tecnologia necessita. Portanto, compreendemos que as diferentes tecnologias produzem variadas formas de contato interpessoal a distância.

Um desses pontos a diferença é que pela Internet ocorrem interações virtuais passageiras por interesses em afinidades com pessoas desconhecidas que se encontram em ambientes coletivos, podendo se transformar em relacionamentos.

Diferentemente da telefonia, seja fixa, seja celular, que aponta para outra etapa em que as afinidades dos contatos coletivos da rede passam a estabelecer uma interação mais aprofunda e duradoura entre as pessoas que já se identificaram empaticamente.

O mesmo viés tem Castells (1999) quando contesta a idéia da virtualidade da Internet como forma nova e genuína de se manter contato. Para Castells (1999), o virtual é o que existe na prática social, subjetiva, enquanto o real é o que existe de fato, objetivamente. Segundo sua concepção, a Internet não é uma indução a uma realidade virtual, pois a realidade, como vivida pelas pessoas, sempre ocorre no âmbito do virtual, ou seja, não existe uma realidade primitiva, experienciada diretamente pela não-codificação, mas toda realidade vivida passa pela representação simbólica, e, portanto, pelo virtual. Assim, não tem lógica a concepção da Internet como formando um novo ambiente simbólico que não representa a realidade, já que toda realidade humana é percebida como virtual.

Na verdade, o que Castells (1999) aponta como diferencial da Internet é a geração de uma virtualidade real. Essa virtualidade é a elaboração de um mundo de imagens que apresenta um sistema da totalidade da experiência humana captada, na qual a aparência não está restrita ao computador, mas, pelo contrário, retorna ao real, transformando-o. Nesse sentido, o mundo do faz-de-conta da virtualidade retorna e interage com a realidade, passando a estruturá-la. Assim, podemos compreender que a convivência cotidiana com a tecnologia em um mundo criado pela realidade virtual influencia toda a dimensão *off-line*, desfazendo determinados ideais, como a possível neutralidade da relação do homem com a Internet.

No cotidiano, a interação com a tecnologia da Internet, a cada dia, faz-se mais presente nos diversos ambientes, seja de lazer, seja profissional. Logo, não

podemos mais aceitar uma separação das duas dimensões - a simbólica e a subjetividade. Em parte, a elaboração do referencial simbólico da humanidade está diretamente ligada às experiências vividas com os objetos e ferramentas do seu cotidiano, como no caso do computador e da Internet.

A relação das pessoas com a realidade *on-line* por meio do computador influencia a sua realidade *off-line*. Um exemplo bem claro desse aspecto é a escrita. Esta, realizada no computador com outros usuários, tem a sobreposição da comunicação às categorias gramaticais formais. Tal ênfase na comunicação cria uma escrita *on-line*, mais preocupada com a velocidade da troca de mensagens do que com as regras gramaticais. Logo, a escrita realizada nos bate-papos ou *chats* tem como estrutura o *vc* ou o *tb*, por exemplo, em vez do “você” e do “também”, pois o estilo dessa comunicação busca uma velocidade de troca de informações, na qual os usuários privilegiam serem compreendidos da maneira mais rápida possível e não se estão realmente de acordo com as normas da gramática brasileira. Tal modificação da escrita-padrão não ficará restrita à realidade *on-line*, como podemos perceber nos diversos casos das redações escolares dos alunos que passaram a escrever *vc* e *tb*, por exemplo.

Para Nicolaci-da-Costa (2005), esta nova constituição simbólica adquirida pelo contato *on-line*, é apresentada pelos usuários como uma forma tão criativa e prazerosa de comunicação. Neste caso, percebemos a emergência de uma nova elaboração simbólica originada da interação do homem com as suas tecnologias.

Como enfatiza Carvalho (2000), os sujeitos e os objetos estão em constante constituição mútua. Em outras palavras, a vivência de um maior contato com a realidade da Internet não pode mais ser compreendido baseado na separação entre o homem e os objetos, em que a Internet seria simplesmente um instrumento de

dominação do homem, ou o seu oposto, ou seja, a Internet compreendida como uma potência autônoma.

A primeira situação concebe a Internet como mera ferramenta, a qual o homem utiliza sem nenhuma implicação na sua estrutura simbólica ou social. Essa restrição de influência da Internet não condiz com o que realmente está ocorrendo no cotidiano dos seres humanos, como constatamos no exemplo da escrita *on-line*. Na segunda situação, a criação e a consolidação tecnológica poderiam adquirir uma autonomia em relação ao seu criador. Assim, o homem não teria mais controle sobre o objeto que produziu. A ausência de controle torna as tecnologias personagens, enquanto o ser humano passa à posição de objeto. Neste caso, o homem está sob o domínio da tecnologia como se ela fosse independente dele. A Internet e o computador não seriam excluídos dessa concepção, já que, muitas vezes, a leitura realizada na interação homem e microinformática é que as pessoas estão se tornando solitárias ou individualistas em razão do crescimento da informática no cotidiano.

Da mesma maneira como a televisão foi apontada, durante muito tempo, como a grande causa dos problemas na humanidade, por exemplo, como a criadora de pessoas mais isoladas, a Internet, também, não se distancia dessas interpretações. Carvalho (2000) diz que nos dois casos há clara dicotomia entre tecnologia e homem, na qual somente mudaria quem domina o quê. Por isso, a melhor compreensão da interface tecnologias informatizadas e ser humano é de um fluxo constante de interação e de constituição recíproca na experiência das relações humanas na contemporaneidade.

2.3 A Adesão à Realidade Virtual

A Internet é, hoje, um instrumento comum no nosso cotidiano e encontra-se no foco dos debates, principalmente em virtude da sua grande expansão, permitindo, cada vez mais, a adesão de usuários à rede. O número de pessoas que passaram a fazer parte da rede não pode ser desconsiderado. É significativo o número de internautas desejosos de se vincular à realidade *on-line*. Em dados recentes apontados por Castells (2003), o número de usuários chegava, aproximadamente, a três milhões de pessoas.

No cotidiano dos brasileiros, percebemos um aumento da utilização da Internet, como confirma Artoni (2004): “em 1996, o número estimado de usuários no país era de 170 mil [...]. Hoje, são 11,7 milhões só entre os usuários domésticos” (p. 33). Logo, a vida também ocorre na *web*⁶, pois leva milhões de pessoas a se conectar à rede, atraídas pelos mais diferentes interesses. De acordo com Reis (2008), esses interesses podem estar relacionados aos aspectos profissionais, à realização de recrutamento e de seleção, à avaliação neuropsicológica, ao diagnóstico e ao tratamento de saúde (telemedicina), bem como ao ensino à distancia. Também encontramos várias formas de relacionamentos, como as amizades, os (re)encontros com antigos amigos ou parentes e os relacionamentos afetivo-sexuais. Nesta realidade virtual, há também, a possibilidade de se manterem vínculos amorosos, anota afirma Reis (2008), haja vista que

⁶ Web: significa Worldwide Web. É um serviço da Internet que liga documentos, fornecendo conexões, hipertextos entre servidores. Ele permite que um usuário pule de um documento para outro documento relacionado, independente de onde ele esteja armazenado na Internet (Cf. Freedman, 1995, p. 578).

[...] inúmeras pessoas que se apaixonam, praticam sexo ou fazem juras de amor, muitas vezes, sem jamais terem se encontrado. Por meio de chats, instant messengers⁷ (mensagens instantâneas) e de sites⁸ de relacionamento, muitas pessoas encontram pares (p. 62).

A realidade dos relacionamentos das inúmeras pessoas que se encontram *on-line* mostra que a Internet não é um fenômeno distante ou esporádico nas sociedades atuais, mas um fato que se faz presente com frequência e crescente no cotidiano das pessoas. Neste contexto, percebemos que cada vez mais as relações afetivo-sexuais começam e se desenvolvem por meio da Internet, dos *chats*, do *message* e do *orkut*. Como confirmação desse fenômeno, encontramos também dados sobre a rede social virtual chamada de *orkut*⁹. Esta rede social, que é um dos meios mais utilizados pelos brasileiros no mundo *on-line*, vem apontando um crescimento dos encontros virtuais. Assim, Artoni (2004) acentua que “o Orkut congrega 1 milhão de usuários, o número de casais que se conhece em 'Chats' é crescente e 'sites' de namoros já são absolutamente normais” (p. 33).

Como podemos constatar, a realidade virtual está se tornando cada vez mais atraente, como outra maneira de manter contato com as pessoas. Na sociedade atual, a busca não está mais restrita a uma forma homogênea de conhecer o outro como o encontro face a face, mas o ser humano vai para além de um padrão estabelecido, *a priori*, de contato e cria diferentes maneiras de estar e encontrar o outro.

⁷ Message: um programa que se transforma em um *job* (tarefa): quando está rodando em um computador, os dados tornam-se uma mensagem quando são transmitidos em rede (Cf. Freedman, 1995, pp. 318-319).

⁸ Site: Local, lugar, posição. Esse termo é utilizado para designar qualquer endereço na Internet (Cf. Sawaya, 1999, p. 432).

⁹ Orkut: é uma comunidade on-line que conecta pessoas por meio de uma rede de amigos, propiciando um local de encontro on-line para a confraternização (Fortim, 2006)

Com base nos dados volumosos acerca dos contatos virtuais, podemos fazer uma leitura dessa realidade como um outro meio capaz de criar vínculos de prazer, principalmente no que se refere aos encontros afetivo-sexuais. Com o aumento da procura e a persistência por tais encontros, iniciando uma naturalização desses contatos, deixando de ser compreendidos como forma desumana de encontro para ser encarados como comportamentos aceitos socialmente. Apesar de não ser totalmente compreendido como um comportamento comum, bem característico quando ainda está ocorrendo a instalação do processo de naturalização, os relacionamentos afetivo-sexuais via Internet estão, pouco a pouco, ganhando espaço de aceitação social, sobretudo em razão do aumento da adesão dos usuários à rede com essa intenção. Os mesmos dados de aumento das experiências na realidade virtual são levantados por Pedreira (2006), ao constatar que, no ano de 2006, o total de páginas da *web* ultrapassa 600 milhões. Segundo sua pesquisa, grande parte desses encontros pela Internet tem como motivação a busca por parceiros amorosos, o qual constata que a percentagem de 40% das páginas são de caráter comercial e as restantes movidas por paixões de pessoas desconhecidas. Neste contexto, ainda acrescenta que são cerca de 100 páginas por pessoa no mundo, afirmando que os fenômenos humanos não são exclusivos de relacionamentos *off-line*, mas, certamente, se encontram também na Internet.

2.4 Os Relacionamentos Virtuais

Mais do que somente uma forma de diversão, a Internet influencia, por ser um meio de comunicação inovador, novas formas de contato em toda a sociedade, com inegável impacto nas relações afetivo-sexuais. A inovação decorre da criação de

uma rede interconectada de computadores, com a qual qualquer internauta pode ter acesso às informações (mantidas *on-line*) ou ao contato com outro usuário. O grande foco de modificação, porém, foi a criação de um ambiente virtual de interação interpessoal à distância, não somente de pessoas conhecidas no mundo “real”, como predomina, por exemplo, na telefonia fixa ou celular, já que nesse tipo de comunicação também encontramos comunicação entre pessoas desconhecidas, no entanto, não muito freqüente.

Para Nicolaci-da-Costa (2005), com a Internet, houve aumento dos contatos interpessoais que, além de incluir pessoas conhecidas, também promoveu, na mesma proporção, o encontro entre pessoas desconhecidas, ou seja, que não tiveram contato face a face. Logo, ocorreu um aumento de milhares de pessoas curiosas para vivenciar esse tipo de contato virtual, passando a ficar bastante tempo em frente aos computadores.

De acordo com Nicolaci-da-Costa (2005), a modificação do comportamento de tantas pessoas, dedicando horas em frente às suas máquinas virtuais, levou ao surgimento de críticos, como Bauman (2004), que contestam a nova forma de manter contato virtual. Bauman (2004) relaciona esse tipo de contato via Internet à tendência ao descompromisso pela ausência da necessidade de dar satisfação ao outro, pois este é um desconhecido na rede e, a qualquer momento, pode ser desconectado. Na sua concepção, tais encontros não implicam compromisso, mas, antes, pressupõem um interesse em conseguir prazer. Assevera que, em relação à informática, há urgência em assumir uma atitude crítica, pois ela é a responsável por formar relacionamentos destrutivos ao homem. O ideal reforça a rejeição ao uso de computadores, considerados verdadeiros seres autônomos, que surgiram para trazer malefícios à humanidade.

Nesta perspectiva, Bauman (2004) reforça a noção de que o advento da conexão à Internet cria vínculos sociais frágeis e sem compromisso, ou seja, com esteio nos encontros impulsivos, baseados somente na busca da satisfação dos próprios desejos. Portanto, os usuários da rede buscam relacionamentos de prazer passageiro, de satisfação instantânea, de receita testada e de garantia de segurança contra qualquer sofrimento, uma vez que propõem um mundo de velocidade e de mudança, no qual a fixação e a permanência, características do compromisso com o outro, não têm lugar. Deste modo, as possibilidades de vínculo e de compromisso são, em longo prazo, irrelevantes.

Esta perspectiva considera os relacionamentos digitais como uma das características das sociedades de consumo. Tais sociedades se caracterizam, como afirmam Outhwaite e Bottomore (1996), por serem ações mais voltadas para o consumo de tendências culturais e socioeconômicas das sociedades industriais avançadas do que a produção presente nas sociedades do século XIX. A análise dessas sociedades aponta para a associação entre alto nível de consumo e sucesso social e felicidade, ou seja, o objetivo dos componentes dessa sociedade é consumir, haja vista que esse comportamento significa felicidade. A expressão sociedade de consumo foi criada de forma a criticar essa ideologia que exalta valores, como a busca de *status*, do materialismo e do hedonismo (compreendido como o prazer).

A crítica a tais valores é retomada por Bauman (2004), na sua análise da sociedade atual, que também se estende à realidade virtual, isto é, o desejo de se satisfazer imediatamente, conforme proposto por uma sociedade que visa à troca de mercadorias, foi ultrapassado por novas versões de satisfações mais aperfeiçoadas, que se estendem, também, aos relacionamentos virtuais. A mesma lógica do

consumismo sem limites e sem sofrimento se encontra nesses vínculos, já que são encontros descartáveis, nos quais o outro se apresenta como mero objeto de consumo.

Como podemos perceber, para Bauman (2004), o advento da proximidade virtual propicia relações humanas mais freqüentes, mas, ao mesmo tempo, mais banais, intensas e breves, pois o contato *on-line* pressupõe menos tempo e esforço para se estabelecer. Com essas características, o vínculo virtual também aponta para contatos menos engajados, que permitem facilidade de desconexão, decorrente da facilidade de apertar um botão.

Criticamos a posição levantada por Bauman (2004), voltada à fragilidade dos relacionamentos travados via Internet, compreendendo-a como uma tendência a generalizar todas as relações virtuais como superficiais e distantes. Na verdade, Bauman (2004) questiona os contatos esporádicos e considera que todas as formas de relacionamento *on-line* não possibilitem laços afetivos e sociais. Contudo, a Internet produz uma forma de sociabilidade virtual que proporciona encontros e contatos interpessoais com desconhecidos que podem levar à constituição de relações duradouras, inclusive à sua efetivação por meio de casamentos na realidade *off-line*, como anota Vieira (2003): “nesse universo virtual, surgem relacionamentos de amizades, de namoro, de noivado, chegando até o casamento” (p. 11).

Nicolaci-da-Costa (2005) também manifesta discordância acerca da concepção de superficialidade dos relacionamentos virtuais elaborada por Bauman (2004). Segundo Nicolaci-da-Costa (2005), tal posicionamento negativo em relação aos meios de comunicação digital, e, em especial, à Internet, como instrumentos que levariam à destruição dos relacionamentos humanos não faz muito sentido. Bauman

(2004) confunde os relacionamentos virtuais, os relacionamentos reais modernos e os reais contemporâneos. Portanto, é preciso, inicialmente, separar o primeiro relacionamento, o virtual, dos outros dois últimos, o real moderno e o real contemporâneo. Na forma de virtual, o vínculo é estruturado na realidade *on-line*, enquanto os outros dois relacionamentos reais são constituídos na realidade *off-line*. Depois de realizada esta primeira separação, é imprescindível diferenciar os dois tipos de relacionamento real. Dentro dos relacionamentos reais, há os modernos, iniciados nos séculos XV e XVI, estendendo-se até a segunda metade do século XX, e os contemporâneos (ou também conhecidos como pós-modernos), que se instauram desde a segunda metade do século XX até os dias atuais. Bauman (2004) considera os relacionamentos virtuais como o padrão dos relacionamentos contemporâneos, ou seja, os relacionamentos virtuais são os modelos de sociabilidade que definirão, por sua vez, os demais relacionamentos contemporâneos. Além da preponderância dos relacionamentos virtuais como único parâmetro de sociabilidade, eles, também, não são definidos por suas características, porém são descritos de maneira confusa com base em uma relação de oposição com os relacionamentos reais da modernidade, período no qual a tecnologia digital ainda não existia.

Neste viés, a crítica a Bauman (2004) foca uma confusão decorrente da comparação de dois períodos históricos distintos, em que a modernidade envolve uma época e uma sociedade sem tecnologias digitais, isto é, um período totalmente diferente da contemporaneidade, caracterizado por sua estrutura baseada na tecnologia digital. Deste modo, Nicolaci-da-Costa (2005) ressalta que Bauman (2004), ao mencionar os tipos de relacionamentos descartáveis, na realidade, faz referência aos relacionamentos virtuais e, conseqüentemente, aos reais

contemporâneos. Tais relacionamentos são caracterizados como descartáveis, porque o vínculo entre as pessoas seria sem compromisso, a tal ponto que o outro pode ser trocado a qualquer momento por outra relação mais prazerosa.

Em oposição aos relacionamentos virtuais e contemporâneos, estão os relacionamentos modernos, considerados por Bauman (2004) como a forma de contato ideal, pois garantem relações de solidariedade e de compromisso. Portanto, Bauman (2004) toma os relacionamentos virtuais, com todas as suas qualidades negativas, como a única referência dos relacionamentos reais contemporâneos, desenvolvidos com base nos encontros interpessoais distantes, superficiais e solitários.

Como contestação, Nicolaci-da-Costa (2005) busca desfazer o equívoco dessa generalização das características dos relacionamentos virtuais passageiros às demais possibilidades de interação humana na atualidade. Nicolaci-da-Costa (2005) relaciona a concepção de Bauman (2004) ao que denomina de reação tecnofóbica, gerada pela mitologia da destruição. Esta reação é uma atitude de rejeição e de crítica negativa a todos os tipos de tecnologia, inclusive à Internet, por medo da novidade que esses instrumentos provocam na vida das pessoas. O medo do contato com a nova tecnologia leva à criação de mitos voltados à idéia de destruição da humanidade pelas máquinas, que passarão a dominar os discursos, reforçando a crença na Internet como um grande mal à humanidade.

Dentre os malefícios discursivos provocados pela Internet, deparamos com os relacionamentos virtuais, apontados por Bauman (2004) como possíveis geradores de alienação e de isolamento. Neste contexto, Nicolaci-da-Costa (2006) acentua que tais tecnologias, realmente, no seu início, foram questionadas quanto à sua qualidade no que se refere às relações humanas; entretanto, quando passaram a

fazer parte do cotidiano das pessoas, tornaram-se naturalizadas. Neste sentido, essa naturalização significa que a tecnologia saiu do local de estranhamento das pessoas para ser agregada ao referencial simbólico de uma sociedade, passando a ser havido como algo comum e rotineiro.

Assim sendo, Nicolaci-da-Costa (2006) não consegue compreender o motivo de ainda existir comportamentos de rejeição às tecnologias informacionais, uma vez que elas se encontram muito presentes no cotidiano da sociedade. Assim, tal tecnologia que, no início, poderia apresentar uma certa resistência por parte das pessoas por ser algo novo e desconhecido, atualmente, já deveria estar integrada no cotidiano da vida social, assim passando a não ser mais objeto de uma reflexão desconfiada e conseqüentemente sendo acolhido com simpatia pela comunidade. Para tanto, mostra por meio de outros exemplos como o da criação da luz elétrica e da geladeira que percorreram todo este processo descrito de rejeição, sendo atualmente concebido como objetos comuns e corriqueiros do cotidiano das pessoas.

O mesmo temor diante do novo é recobrado por Costa (2007), na sua análise dos relacionamentos virtuais. Para ele, a atual sociedade passa por mudanças muito aceleradas, em especial, na área da informática. Em razão da sua tamanha velocidade, as mudanças não acontecem em uma seqüência previsível, mas por meio de saltos. Perante tal velocidade, o sujeito contemporâneo sente-se ameaçado por não mais ter controle e segurança diante da realidade que o circunda e do saber elaborado em torno do sujeito. Como forma de lidar com essa insegurança, em vez de estar aberto ao novo, o indivíduo passa a considerar a novidade negativa. Conseqüentemente, suas crenças e valores preconceituosos manifestam-se na sua análise dos relacionamentos virtuais, que passam a ser classificados como

comportamentos desviantes e patológicos. Para Costa (2007), os relacionamentos virtuais podem ser compreendidos como expressão da necessidade de vínculos afetivos e da grande complexidade das relações humanas, não sendo mais possível a concepção da relação face a face como o meio único possível de encontro interpessoal. Neste contexto, perde-se de vista a posição idealizada e preconceituosa de uma hierarquia de valores acerca dos encontros humanos, na qual um tipo de relacionamento está em patamar superior a outro. Neste sentido, endossamos a posição de Costa (2007) no tocante ao abandono da idéia preconceituosa em relação ao amor realizado por meio da Internet.

No que se refere a uma releitura da sociedade em que vivemos e a uma nova compreensão do fenômeno da Internet e dos relacionamentos virtuais, Lanzarin (2000) constata que tal lógica de constituição de relacionamentos não é exclusiva da Internet, mas que a fragilidade e o individualismo são inerentes à própria sociedade contemporânea. Quando citamos o individualismo como característica da sociedade atual, temos de compreendê-lo como uma doutrina que prioriza a importância no valor da pessoa, diminuindo o papel da tradição e da autoridade. Logo, em uma sociedade com essa estrutura, as reivindicações e os direitos do indivíduo se sobrepõem aos do coletivo, por isso o individualismo é precedido pelo processo de

[...] afrouxamento ou desaparecimento de relações sociais que tradicionalmente ligam o indivíduo a determinados grupos. [...] significa, sobretudo, enfraquecimento de certas formas de controle social [v.], exercido pela família, pelo grupo vicinal e pela comunidade local (Dicionário de Sociologia, p. 180).

Como o individualismo caracteriza a sociedade atual, as pessoas passam a se preocupar como o seu bem-estar, independente de como se encontra o outro ou

o social. Esta perspectiva cria uma dificuldade de se comprometer com o outro e, conseqüentemente, com a relação, já que, no individualismo, o fundamental é atender às necessidades do indivíduo, perdendo a visão dos interesses coletivos. Neste sentido, o sujeito tem uma atitude de buscar a satisfação completa de seus interesses, portanto, o que surgir para dificultar ou impedir o alcance desse objetivo será descartado, inclusive um outro ser humano.

Como relacionamentos descartáveis, podemos compreender as relações que, ao deixarem de somente proporcionar prazer ao sujeito, passando a implicar responsabilidade e dependência do outro, os sujeitos preferam desfazer esse relacionamento e procurar outro mais livre. Esses tipos de relacionamentos descartáveis não ocorrem somente na Internet; pois podemos encontrá-los nas atuais relações reais, nas quais os parceiros restringem seu compromisso com o outro, já que o vínculo da relação pode ser desfeito a qualquer instante. Logo, o que leva ao descompromisso não é o toque do *mouse* do usuário da Internet para excluir o outro com quem se comunica, mas um individualismo acirrado na atual sociedade que pode acontecer, seja nos relacionamentos reais, seja nos virtuais.

Na verdade, o que acontece na vida *off-line* também passa na realidade *on-line*. Compreendemos que não são duas realidades separadas, mas que o mundo *on-line* está diretamente vinculado ao mundo *off-line*. Assim, fenômenos relacionais, como traição, desencontros e paixões, que acontecem nos relacionamentos interpessoais reais cotidianos, também ocorrem na rede virtual, porém não significa que todas as relações *on-line* ocorrem da mesma maneira, sem profundidade, da mesma forma que nem todas as relações no mundo *off-line* são profundas. Tal ponto é fundamental, porque muitas vezes são atribuídos rótulos à realidade virtual, como,

por exemplo, os relacionamentos virtuais serem superficiais e, conseqüentemente, sem possibilidade de compromisso.

Esse rótulo decorre da concepção de que na relação *on-line* há uma facilidade de finalizar a comunicação entre as pessoas pela ausência de contato face a face. Essa afirmação não significa que todos os relacionamentos virtuais sejam profundos e compromissados, mas alerta para as diferentes formas de relacionamentos possíveis via Internet, tendo o cuidado de não se generalizar e homogeneizar a leitura de uma realidade complexa, como é a socialização via Internet. Nesta mesma lógica de análise cuidadosa da realidade, também é importante estar atento para não estereotipar a situação oposta, como, por exemplo, todos os relacionamentos reais significarem compromissos. O que podemos incluir na análise das relações virtuais e reais é o fato de que em ambas existem relacionamentos mais duradouros como os mais superficiais.

A equivalência desses fenômenos entre as duas realidades somente é possível porque o contexto sociocultural influenciará a constituição e o desenvolvimento da tecnologia. Assim, a cibercultura e as suas respectivas formações de relações humanas não podem ser compreendidas sem se levar em consideração a ideologia e a cultura da sociedade atual, como os valores do capitalismo e do consumo. Esses valores atribuem importância a questões como o desejo de lucrar e adquirir bens materiais, fundamental para uma reflexão mais crítica. Desse modo, não há como deixar de debater tais ideologias que, também fazendo parte do mundo virtual, estão presentes nas suas relações. Como anota Semerene (1999), a elaboração da virtualidade está vinculada à realidade constituída pela sociedade na qual se manifesta, principalmente porque a tecnologia não vai além da compreensão humana; portanto, a Internet não pode induzir

conteúdo não imaginável pelo ser humano, mas somente uma elaboração virtual baseada em homens concretos. Em outras palavras, o que se constitui e se desenvolve tem como limite a interpretação humana, mas não entendida como um estado psíquico subjetivo, e sim a uma vivência pessoal.

Neste sentido, o comportamento do indivíduo não é exclusivamente pessoal, porque o sujeito pertence a uma época, e, como ser social, insere-se em uma rede de relações de uma determinada sociedade. Como ser histórico-social, o homem contemporâneo não pode criar nenhum instrumento ou tecnologia que não esteja de acordo com os seus valores ou visão de mundo. O exemplo da Internet pode clarear esse vínculo entre cultura e tecnologias. Imagine-se uma sociedade como a feudal, na qual os valores se baseavam em uma hierarquia incontestável nas figuras de autoridade como a igreja ou a de senhores feudais.

Essa estrutura que impedia a mobilidade entre os membros de classes diferentes por acreditar em uma diferenciação natural com os senhores feudais ocupando uma posição superior aos servos, não podia criar uma tecnologia que é constituída com o formato de horizontalidade que, como vimos, traz os valores de liberdade e igualdade entre os homens. A comunicação em rede somente pode ser um conteúdo plausível para o homem em um outro contexto, como o do período de contracultura da metade do século XX. Por isso, a elaboração da realidade virtual é realizável por um homem concreto, no sentido de um ser existente no seu contexto cultural.

A mesma concepção sobre a relação entre realidade social e virtual é proposta por Figueira (2007), que destaca a importância de estar atento à vida no mundo virtual como uma seqüência da vida cotidiana. Em outras palavras, o mundo *on-line* reflete uma constituição que não se afasta da forma vivida na realidade *off-*

line, já que não são realidades isoladas e distintas uma da outra, porém mundos estruturados pelo homem e de seu referencial simbólico, ou seja, baseado na visão de mundo e de suas respectivas ideologias e crenças. Neste caso, deparamos duas dimensões implicadas em um processo no qual as características do mundo real – seus preconceitos, valores, significados, ansiedades, medos, dentre outros – são transferidos para o mundo virtual.

Conseqüentemente, a realidade *on-line* tem a função de vitrine, que expõe a estrutura de valores da sociedade atual; e exposição que podemos notar, como assinala Semerene (1999), ao relacionar a Internet com os valores apregoados pela sociedade de consumo característico da atualidade. Na lógica do consumo, a Internet se tornou um grande *shopping*, no qual todos os internautas têm que entrar no *marketing* pessoal, pois é a saída para não ser excluído da rede de convivência *on-line*. Nessa busca por ser atrativo de interesse a outros, o *nickname* é a primeira característica a que os usuários vão ter acesso. Por isso, é fundamental que se escolha um *nickname* ou apelido virtual simpático e que desperte nos outros usuários o interesse de manter o diálogo.

A lógica da associação entre cultura atual e Internet também é recuperada por Lemos (2004) no termo “cibersociabilidade”, que “é a sinergia entre sociabilidade contemporânea e novas tecnologias do ciberespaço” (p. 81). Na “cibersociabilidade”, surgem formas de socialização ocorridas na cibercultura, ou seja, as tecnologias digitais contemporâneas estão servindo de instrumento para a emergência de novos vínculos associativos entre as pessoas. Nessa concepção, o emprego da tecnologia da informação não elimina a potencialidade de ligação social entre os usuários da Internet; pelo contrário, fomenta as agregações sociais por meio de trocas de informações e aumento da comunicação.

As tecnologias do ciberespaço, de acordo com Lemos, fomentaram uma socialização tribal, gregária e empática, diferente da relação da Modernidade. Na relação moderna, predomina o individualismo clássico, em que o indivíduo se estrutura em uma identidade fechada, baseada em uma lógica unificadora e objetiva; por isso, a realidade é compreendida como universal e com uma certa unicidade. A unificação da realidade presente na modernidade tenta excluir todas as imperfeições do cotidiano. Logo, seja no nível do indivíduo, seja no plano das instituições sociais, o que se exige é a unificação e a síntese das diferenças, a tal ponto que todos os fenômenos têm de ser homogêneos.

Nas instituições sociais, a modernidade reivindica a homogeneidade de comportamento dos seus membros com base no imperativo da centralização do poder. Na pós-Modernidade, a unificação e a centralização de poder se transformarão em uma descentralização de poder nas instituições, principalmente com a nova possibilidade de surgirem diferentes comportamentos. Assim, passa a ser permitida a expressão da subjetividade, pois são aceitas as imperfeições do cotidiano. Neste período, é ressaltada a importância das diferenças, tanto dos indivíduos como das instituições. Com a chegada da pós-modernidade, percebemos a falência das formas instituídas e cristalizadas da modernidade.

A concepção de lógica da síntese, da qual a diferença é sempre excluída, também ocorre na questão do indivíduo em relação à sua identidade. Para Lemos (2004), na modernidade, a identidade do sujeito é fechada sobre si, de maneira a ser concebida como única e homogênea. A cultura da pós-modernidade transformará um indivíduo que se percebe como uno em uma explosão de multiplicidade, que não mais corresponde a uma homogeneidade. Tal multiplicidade encontra-se em uma variedade de experimentações de contato com outros, que possibilita ao sujeito

vivenciar diferentes papéis e, conseqüentemente, percebe-se como uma identidade heterogênea. Logo, é no contato das diversidades dos outros que se estrutura a identidade contemporânea, conhecida como *persona*. Portanto, tal *persona* necessita, para se realizar, de uma relação, de uma experiência de contato com o outro, tanto no âmbito dos interesses comuns como no compartilhar de sentimentos.

Ao nos referir à concepção de identidade pós-moderna, enfatizamos a concepção apresentada por Bauman (2005), que a compreende não como uma instância fixa ou isolada da relação com o outro, no sentido de ser algo de um sujeito já predefinido, mas antes tendo uma identidade em constante elaboração. Desse modo, a identidade, na atualidade, está no parâmetro de uma estrutura frágil e constantemente provisória, logo, perdendo a impressão de ser uma instância imutável e inegociável, como era percebida na modernidade, com anota Bauman (2005):

[...] de fato, a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda precisa construir a partir do zero ou encolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando mais ainda – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tende a ser, suprimida e laboriosamente oculta (p. 22).

Com esta compreensão da identidade em constante elaboração na relação com o outro que na pós-modernidade surge pelo contato com uma diversidade policultural, a concepção de *persona* apontada por Lemos (2004) se faz fundamental na leitura das relações virtuais. Como a *persona* precisa do outro como referência a si mesma, uma das formas que mais se aplica a essa estrutura é o vínculo

desenvolvido nas tribos, inclusive as virtuais. A principal razão de as tribos consolidadas via Internet serem um espaço propício deve-se à capacidade de o internauta conseguir compartilhar interesses e sentimentos comuns com os outros, como é o desejo da pessoa pós-moderna. Portanto, o que une os sujeitos é o desejo de estar próximo.

Para Lemos (2004), a cultura da pós-Modernidade está de acordo com as novas tecnologias da informação, já que elas vão proporcionar a agregação em tribos com base na empatia. A Internet é uma ferramenta utilizada para a comunhão e o compartilhamento de sentimentos, bem como para as agregações em torno dos interesses em comum, como se caracterizam as chamadas comunidades virtuais. Essas comunidades virtuais significam agregações de usuários da rede virtual que se encontram no ciberespaço com base em interesses em comum, independente das fronteiras territoriais. Assim, tais comunidades criam condições de sociabilidade, por manter vínculos associativos e comunitários. Neste contexto, Lemos garante que as novas tecnologias digitais não proporcionam a solidão entre os internautas, mas uma nova forma de socialização tribal por meio de tecnologias que potencializarão a pulsão gregária.

2.5 Identidade, Corpo e Sexualidade na Internet

Como tratamos, o contato com as redes telemáticas põe o indivíduo não somente em interação com o aspecto tecnológico, uma vez que tais redes são resultados do acoplamento de computadores aos meios de telecomunicação, mas ligadas às máquinas estão pessoas que interagem tanto com as máquinas quanto com outros indivíduos. Resumidamente, as redes são, ao mesmo tempo, estruturas

técnicas e sociais. Afirmando que a Internet tem tal aspecto do social nas suas múltiplas conexões de usuários, torna-se relevante a relação dessa nova sociabilidade com a elaboração de uma nova subjetividade do homem do século XXI. De acordo com Nicolaci-da-Costa (2005), esse vínculo é indispensável, já que aquilo que acontece no nível do social, seja no real, seja no virtual, tem relevante papel na constituição do psiquismo do homem do século XXI. Para Nicolaci-da-Costa (2005), apesar de desconhecidas as características dessas novas subjetividades emergentes, o impacto da Internet na subjetividade do brasileiro é abrangente.

O homem contemporâneo depara essa nova tecnologia das redes de interação, por meio da qual realiza uma grande variedade de contatos e incorpora conhecimentos que levam às mudanças e às reflexões acerca de sua identidade; transformações possíveis da identidade ao ser entendida como *persona*, pois esta traz como pressuposto o contato com o outro na sua constituição, e não uma estrutura fechada sobre si mesma.

Para Nicolaci-da-Costa (2005), tal contato realizado via Internet, como no caso da escrita *on-line*, por exemplo, cria uma situação de autoconhecimento nos usuários da rede, porque a pessoa, ao escrever, geralmente fala de si para outrem. Esse falar de si não significa que esteja dizendo a “verdade” sobre si ou fatos encontrados no seu cotidiano, até porque sabemos que os usuários podem inventar características físicas, psíquicas e sociais em desacordo com o seu contexto real. As constituições dessas características funcionam como personagens virtuais na rede, como, por exemplo, homens que se dizem ser mulheres, ou pessoas que afirmam ter uma idade superior ou inferior à real. A formulação dessas personagens virtuais, no entanto, revela conteúdos projetivos dos usuários.

A personagem que o usuário cria na rede significa esse outro a quem ele atribui sentimentos e comportamentos que, na verdade, são seus conteúdos subjetivos, como forma de vivenciá-lo de maneira mais tranqüila. Logo, sempre traz algo de si, mesmo que não corresponda aos fatos da realidade. Por isso, qualquer escolha que o usuário faça de dizer a verdade ou de constituir uma personagem aponta para um estado de expressão dos seus conteúdos subjetivos. Neste sentido, a vivência virtual é uma maneira de se dizer, seja por meio da escrita, seja por outra forma de interações virtuais, em que o sujeito pode vivenciar os seus conteúdos subjetivos, haja vista que esses conteúdos estão presentes, seja pela narrativa verídica, seja pela irreal.

De acordo com Nicolaci-da-Costa (2005), expor-se aos outros na rede por meio das narrativas possibilita o recebimento de comentários diferentes dos usuários da Internet sobre essa fala de si. Tais comentários levam o sujeito a refletir sobre si mesmo e repensar a própria identidade, haja vista que a identidade contemporânea tem como referência de constituição a relação com o outro. Assim, a rede vai para além de proporcionar somente o contato com uma grande variedade de realidades e pessoas, levando os usuários a um espaço de reflexão sobre a sua forma de ser e de se dizer. Em outras palavras, o ciberespaço cria condições de pôr as pessoas em contato com profundas experiências de reflexão, submetendo-as a uma constante revisão de si mesmas. Neste sentido, o sujeito que “navega” nos espaços *on-line* adquire um conhecimento a respeito de si mesmo e apresentando-se em distintas narrativas, verídicas ou irreais, e tem múltiplos retornos de sua exposição.

Faz-se necessário esclarecer, contudo, que, ao falar de exposição, Nicolaci-da-Costa (2005) ressalta que ela não ocorre de maneira inocente pelo usuário da Internet. Pelo contrário, na sua concepção, diz que o internauta erige a forma de

proteger a sua intimidade *on-line*, como, por exemplo, usar diferentes *e-mail* para se comunicar com diferentes círculos sociais.

Assim, Nicolaci-da-Costa (2005) exprime que a Internet traz um enriquecimento do indivíduo em razão do contato com outros sujeitos na realidade virtual que vem em oposição à perspectiva de ela ser um ambiente gerador de relacionamentos frívolos e de vínculos superficiais, ou seja, a Internet significa o encontro de pessoas desconhecidas com contatos rápidos e superficiais em virtude da efervescência da rede. Este somente permite uma simulação de interações, já que a única troca se resume em informações.

Os participantes não têm verdadeiras interações em virtude de serem meros receptores passivos das informações recebidas de outrem. Essa compreensão de relacionamento pela Internet não condiz com a versão dos contatos virtuais facilitadores do processo de reflexão e revisão de si mesmo. Baseado nessa contraposição, entendemos que os relacionamentos virtuais estão bem mais próximos de serem contatos profundos e enriquecedores para os sujeitos que participam do que mera efervescência de encontros rápidos e superficiais.

A profundidade desses contatos decorre do fato de a rede criar contatos sociais que permitem a reflexão dos sujeitos, decorrente dos diversos retornos recebidos dos outros usuários. Com a mesma concepção, Rüdiger (2002) descreve a vivência nos ciberespaços como possibilidade de emergência de uma nova identidade, formada com base no ajustamento da subjetividade do indivíduo a outras em sua diversidade de estilos de vida e de imagens. Logo, o encontro com o outro na virtualidade pode criar uma situação de reflexão de si, ocasionada pelo elevado grau de exposição e experiência diante da alteridade.

A experiência de pensar sobre si mesmo e acerca das suas narrativas que recebem retorno do outro é facilitada pelo mundo *on-line* em razão do anonimato. De acordo com Rüdiger (2002), o anonimato na Internet é um meio que torna possível conversar com o outro sem a exposição do próprio corpo, ou seja, é possível manter contato sem a presença dos corpos físicos dos internautas. Desse modo, os usuários da Internet têm a chance de ficar anônimos.

O anonimato decorre justamente da inexistência do outro no limite da corporeidade, já que dos internautas estão presentes junto ao terminal de cada computador, porém não se expõem ao outro com quem se comunica. Como o ciberespaço propicia a expressão dos seus desejos sem obrigatoriamente se apresentar fisicamente, o anonimato se torna uma ferramenta importante para a experiência de reflexão do sujeito, pois, sem corpo, a rede virtual proporciona uma interação diferente da que ocorre nas relações reais.

Os corpos físicos que se encontram no cotidiano das pessoas já são marcados pelas regras de condutas sociais, as quais se impõem nas relações. Sem o contato físico que dita as atitudes e os comportamentos entre as pessoas, o internauta sente na interação dentro do ciberespaço, segundo Sayeg (2000), como uma experiência diferente da corriqueira, uma vez que se aproxima de certas experiências limítrofes, características em situações de sociedades tribais, em que ocorre uma suspensão das normas do cotidiano. Como é um espaço de suspensão das regras sociais, o usuário consegue revelar mais sobre si mesmo do que no seu cotidiano e, conseqüentemente, expressar de maneira mais aberta os seus desejos, incluindo os mais inquietantes.

Logo, anota Sayeg (2000) ocorre de maneira rica uma verdadeira explosão de pequenas narrativas, podendo o sujeito falar de si, sem receio de ser excluído ou

reprovado socialmente. Neste caso, a vergonha de uma repreensão por parte do outro diminui, dado o espaço para a vivência dos pensamentos e dos comportamentos antes impossível de aparecer. Com um corpo que não aparece, os navegadores têm a capacidade de experimentar diversos estilos de vida e a possibilidade de viver uma grande variedade de personalidades, de trocar sexo ou de idade e de assumir novos papéis e identidades, permitindo a experiência de uma multiplicidade de eus.

Semerene (1999) também aborda a ausência corporal da *Web*. Na sua concepção, a ausência física decorrente da Internet permite aos internautas um maior contato com suas fantasias, não com o corpo do outro, ou seja, jamais conhecerão o corpo do outro, mas apenas terão contato com a própria fantasia a respeito do corpo do outro. Na verdade, não se trata de uma produção de contato por experiência com uma corporeidade, porque o corpo do outro é desconhecido, como Semerene (1999) esclarece; porém, é um intermediário para a pessoa conhecer a si mesma. Em outras palavras, ocorre um contato do usuário com a sua fantasia, propiciando autoconhecimento, pois é uma ilusão conhecer o outro, que é um estranho.

Como podemos perceber, a falta de contato físico caracteriza o universo dos internautas, no entanto, tal ausência, na experiência virtual, não significa perda de sentido ou de afetividade entre os usuários. Pelo contrário, aponta para a inclusão das emoções dos participantes conectados à Internet, haja vista que tais vínculos sempre contêm algo das expectativas e das fantasias do internauta. Nesta situação, a corporeidade não é pré-requisito para a possibilidade de contatos significativos, pois não é necessário um corpo físico para manter um relacionamento afetivo-sexual.

Segundo Vieira (2003), a ausência do corpo não exclui o envolvimento com a emoção e o prazer, ou seja, ocorre, na verdade, uma impossibilidade material, pois os internautas estão diante de uma máquina, não significando que não possam ser amantes ou namorados virtuais. Assim, consideramos que a Internet, em vez de ser um meio excludente dos sentimentos e dos sentidos das pessoas, cria a possibilidade de um espaço de expressão das experiências virtuais.

Tais significados afetivos, conforme Nunes (2002), são vividos por internautas que mantêm uma relação virtual e que, ao vivenciarem a situação de teclar com outra pessoa, sentem-se em um relacionamento afetivo. Portanto, essas pessoas são a favor dos relacionamentos afetivo-sexuais via Internet. Esse posicionamento também é apontado por Silveira (2004), ao destacar a expansão, cada vez mais significativa, dos relacionamentos no mundo virtual.

Perante tal situação de ausência corporal, o relacionamento virtual impõe aos internautas a impossibilidade de encontro físico entre os seus corpos e das práticas sexuais, pelo menos enquanto ficarem restritos à comunicação virtual. Neste contexto, o que encontramos é o sexo virtual, que se baseia em uma comunicação via Internet, na qual os participantes trocam mensagem de conteúdo sexual por meio de formas diferentes, como textos, fotos, gravações em áudio ou vídeo, filmes, congêneres, dentre outras. A sexualidade, contudo, não se realiza por meio do contato físico dos corpos.

De acordo com Artoni (2004), a possibilidade de realização da relação sexual é deixada em segundo plano. Assim, o cyberspaço não propicia o encontro dos corpos, mas é um espaço que cria condições para a proliferação da prática discursiva, inclusive o discurso da própria sexualidade. Logo, segundo Haje e Attuch

(1999), a comunicação via Internet não passa de mais um modo de expressão de um discurso, entre os quais o da sexualidade.

A relação entre proliferação discursiva e sexualidade é mais bem compreendida por Foucault (1999), na sua discussão acerca do homem moderno (que também pode ser estendida à compreensão do homem contemporâneo). Inicialmente, Foucault (1999) faz referência ao conceito de hipótese repressiva, que traz a nítida associação entre repressão da prática sexual e seu discurso e sociedade capitalista. Nesta hipótese, vigora a concepção de que o poder econômico da sociedade capitalista tinha a intenção de evitar ou reduzir a prática do sexo e do prazer, em que a repressão dos discursos sexuais seria a evidência desse fato.

Tal noção expressa que a repressão do sexo e do prazer e, conseqüentemente, do seu discurso, estaria de acordo com as características capitalistas, como a da exploração do trabalho, já que o objetivo dessa forma econômica é alcançar o lucro. Como o fim último é o lucro, determinados comportamentos sociais, como praticar e falar da sexualidade, desviam-se desse objetivo, porque as forças dos trabalhadores, em vez de serem exploradas pelo trabalho, seriam dissipadas para o prazer. Em outras palavras, o poder capitalista estimula as atitudes compatíveis com a exploração do trabalho e o aumento da produção para garantir o lucro, as quais estão em desacordo com os comportamentos sexuais. Como o sexo, nessa hipótese, seria reprimido, quem falasse dele, conseqüentemente, conseguiria escapar do controle do poder, sendo, assim, uma forma de alcançar a liberdade por meio de uma suposta revolução na prática do discurso. Portanto, falar de sexo seria uma solução para se libertar do poder, já que o discurso se mostraria como uma revelação de verdade e poder.

A hipótese repressiva, que coloca a liberdade do homem no aumento da prática do discurso sexual, é questionada por Foucault (1999). Esse questionamento surge com a observação do fenômeno de proliferação das práticas discursivas sobre o sexo a partir do século XVIII, incitada por instituições como a família, a Igreja e a Medicina. Se compreendermos que o falar sobre sexo tinha uma importância fundamental de promover uma revolução para garantir a liberdade do homem em relação à estrutura do poder capitalismo, como seria possível que ocorresse uma incitação nas práticas discursivas por instituições sociais?

A crítica de Foucault (1999) está fundamentada na idéia de que tanto o sexo não é alvo de repressão pelo poder capitalista quanto pô-lo em discurso não corresponde a um comportamento de liberdade do homem das amarras sociais, principalmente porque o fenômeno que se apresentou nos últimos três séculos foi o da manifestação do sexo no discurso. Pelo contrário, ocorreu um movimento de estimular a proliferação das práticas discursivas da sexualidade como nunca tinha acontecido em períodos sociais anteriores.

Neste sentido, Foucault (1999) exprime que o movimento do poder social foi a incitação para a proliferação do discurso sexual, por meio de suas instituições, ou seja, ocorreu a crescente incitação de colocar o sexo em discurso. Tal incitação a falar de sexo pode ser constatada no surgimento de um vocabulário mais depurado, que definiria de maneira restrita o local e o momento certo, a pessoa ideal e quais expressões e pontos de vista devem ser dito. Na verdade, todos esses pontos passavam a ser estabelecidos pelas instituições sociais que buscavam controlar quais produções de discursos são importantes para estimular na fala das pessoas, bem como quem deve ser a referência e os locais fundamentais para a propagação dos discursos sexuais. Com esse comportamento de incitação da prática discursiva,

as instituições sociais passam a ter um aumento da eficácia e extensão do domínio sobre os comportamentos e pensamentos do homem no seu cotidiano.

Segundo Foucault (1999), as instituições sociais, como, por exemplo, a Medicina, por meio da incitação dos discursos sexuais dos pacientes, se apropriam dessa fala e estabelecem quais as melhores condutas e pensamentos que uma pessoa ou um casal deve ter para viver uma vida sexual mais adequada. Neste caso, tais instituições ditam normas e referências condizentes acerca de como deve ser a expressão da sexualidade das pessoas, ou seja, o que é apropriado para se ter uma vida sexual adequada. Se, no entanto, as pessoas não seguem essas normas de uma vida sexual apropriada, elas serão postas no nível da anormalidade ou da doença, portanto, precisam de tratamento para voltar ao normal ou à saúde.

Percebemos, deste modo, uma nova instauração de poder por parte das instituições sociais, que estabelece como devem ser o comportamento e o pensamento das pessoas, que não passam mais pelo crivo moral, mas pelo âmbito do racional. O crivo da racionalidade sai do discurso que julga o outro como comportamento certo ou errado, para o apelo à lógica da saúde e da doença, ou normal e anormal. Neste sentido, as sexualidades anormais são expulsas da vida social e mantidas em locais de silêncio, como, por exemplo, as sexualidades ilegítimas ficam restritas a casas de prostituições ou casas psiquiátricas. Assim, o que não segue os padrões de normalidade, que tem como modelo o casal com função reprodutora, é relegado à exclusão social, justificado pelo discurso instaurado nas instituições sociais.

Verificamos que essa forma de adequação às regras estabelecidas dentro do padrão de normalidade e anormalidade, também conversam um controle sobre os indivíduos e a sociedade, agora, com uma forma de controle que buscava fabricar

um homem que mantivesse a estrutura e o funcionamento da sociedade. Tal fabricação somente seria alcançada por meio do adestramento e do controle da sexualidade do corpo.

De acordo com Haje e Attuch (1999), o pensamento de Foucault (1999) também pode auxiliar na compreensão da realidade virtual, já que, no ciberespaço, ocorrem relacionamentos interpessoais com falas relacionadas à sexualidade, destacando o mundo virtual como um dos possíveis novos espaços institucionalizados de incitação do prazer de expressar e de ouvir o discurso da sexualidade. Portanto, na concepção de Haje e Attuch (1999), a comunicação via Internet não passa de mais um canal de expressão da excitação sexual, dentre tantos outros que deparamos na realidade *off-line*.

A hipótese repressiva também se estende à realidade virtual, como anotam Haje e Attuch (1999), já que o internauta acredita ser um transgressor por ter a possibilidade de falar sobre sexo na *Web*. Em outras palavras, há uma suposta promessa de que a rede seja um espaço de liberdade em relação às restrições do poder, uma vez que ocorre uma proliferação do discurso acerca da sexualidade, ao mesmo tempo em que há uma liberação sexual, na qual tudo é permitido.

Deparamos, aqui, mais uma vez, a hipótese repressiva, que faz o usuário pensar que se encontra fora do alcance do poder capitalista, pois, nessa ideologia, dizer e vivenciar o sexo significam estar livre do poder. Essa convicção de escapar do controle do poder torna-se ainda mais forte na realidade virtual, pelo fato de ser uma comunicação na qual não há um poder centralizador, como na mídia tradicional, com uma emissora a controlá-la.

A falta de um poder de controle centralizador não é suficiente para garantir a ausência de uma rede de poderes na sociedade; conseqüentemente, tal rede

também interfere no mundo virtual. O poder se impõe na realidade virtual, não porque ele esteja sempre vinculado a uma instituição centralizadora que o impõe de maneira externa aos indivíduos, mas pelo fato de que ele está presente no dia-a-dia dos indivíduos e em suas realidades concretas.

Como destacam Haje e Attuch (1999), o poder “não se situa acima dos indivíduos, mas no próprio corpo social, penetrando o cotidiano e atingindo as realidades concretas” (p. 82). Assim, no ciberespaço, também ocorre certo controle social, desfazendo o ideal da rede de ser um espaço em que não há nenhuma forma de limite. O ciberespaço é compreendido como se fosse um lugar distante e diferente do vivido na vida cotidiana, pois, enquanto a experiência do real remete a limitações impostas pelo outro do social, a Internet significa a possibilidade de plena realização de todas as vontades dos internautas. Nesta perspectiva, a limitação da vida cotidiana não se encontra na realidade virtual.

Segundo Haje e Attuch (1999), tal compreensão não passa de uma ilusão de como acontece o relacionamento na rede, já que, antes de qualquer coisa, os usuários são pessoas concretas, que vivenciam uma realidade social, e não indivíduos fora desta. Assim, não há forma de excluir essas experiências do ambiente virtual. Isso também inclui as normas e regras de convivência social presentes nos relacionamentos. Para constatar essa afirmação, refletimos sobre o vínculo estabelecido na rede, o qual o usuário, para mantê-lo, precisa de que o outro aceite iniciar e continuar a comunicação.

Se o internauta preferir realizar seus desejos, não se interessando pelo contato com o outro, o usuário pode ser excluído do vínculo. Por isso, é necessário que o internauta disposto a manter relacionamentos virtuais utilize os mesmos mecanismos sociais presentes nos relacionamentos reais, inclusive o

comportamento de contenção dos seus impulsos. Em outras palavras, o usuário da comunicação via Internet não pode simplesmente dar vazão a todos os seus desejos e impulsos, porque uma das conseqüências seria uma exclusão da rede de relacionamentos. Tal comportamento significaria que cada indivíduo ligado à rede necessita de um autocontrole quando está conectado, já que precisa da aceitação do outro para a perduração do vínculo.

Outro ponto fundamental para reflexão é saber como é possível duas pessoas desconhecidas manterem um diálogo, ou seja, o que há em comum entre essas pessoas de realidades diferentes que torna possível o mínimo de mútua compreensão.

Para Haje e Attuch (1999), o ponto em comum que possibilita uma troca compreensível é uma linguagem-padrão, presente na cultura da sociedade em razão da influência de outros meios de comunicação, como, por exemplo, a televisão ou o rádio. Esses outros meios de comunicações instauram na cultura da sociedade como um todo padrões estáveis de comunicação, ou seja, na cultura existem vocábulos comuns ao grupo que possibilitam uma comunicação compreensível.

No caso da sociedade brasileira, por exemplo, a televisão traz uma linguagem comum para a sociedade, que associa o fenótipo da mulata com a idéia de sensualidade. Tal padrão da mulata é desenvolvido no período de carnaval, quando a televisão mostra esse fenótipo feminino, realizado em danças sensuais. Conseqüentemente, a sociedade brasileira já fará a associação entre mulata e sensualidade. Essa cultura social estimulada pelos meios de comunicação televisiva será importada pela realidade virtual. Para melhor compreender, vamos utilizar o mesmo exemplo da relação entre mulata e sensualidade, agora na realidade virtual.

Os internautas, já impregnados por esta cultura social, muitas vezes para conseguir atenção e interesse de outros usuários, escolhem como apelido nos *sites* de encontros sexuais a identificação de “morena sensual”. Tal escolha ressalta uma previsão de que o outro se interessará por ser um estereótipo que causa atração sexual em muitos brasileiros. Neste exemplo, percebemos que o mundo real e o virtual não são muito distantes nem diferentes.

A Internet, que se apresenta como um meio de comunicação produtor de novas formas de encontros com base na criação de inovadores discursos, como acentuam Haje e Attuch (1999). Tais inovações, no entanto, não se concretizam, já que nela ocorre a reprodução dos discursos já existentes em outros meios de comunicação. Isso significa que fica evidente a incapacidade de criação de falas, inclusive os discursos utilizados nos relacionamentos sexuais ou nos pornográficos.

Semerene (1999) tem igual suposição, ao confirmar que, apesar de a Internet ser um meio de comunicação revolucionário, principalmente por passar a idéia de plena liberdade, pois seus usuários podem expressar todas as suas fantasias e os seus desejos, na verdade, tal ideal não é nada mais do que uma ilusão. Com semelhante pressuposição, de que o mundo social do real, com sua cultura e linguagem, é importado para os relacionamentos da rede, inclusive os de conteúdos de sexualidade, como as práticas de classificação e as fantasias, estaria ligado à realidade social por meio de uma linguagem comum constituída. Assim, o homem passa a vivenciá-la, incluindo as suas fantasias, como expressão do coletivo. Em outras palavras, suas vivências não representam expressões de um sujeito individual que se distancia da realidade social para ter uma suposta liberdade de realização dos seus desejos e vontades, mas, antes de tudo, uma expressão das fantasias e dos comportamentos humanos vinculados à cultura.

A compreensão de Foucault (1999), na releitura de Semerene (1999) acerca da sexualidade e da fantasia no mundo *off-line*, também pode servir de referência a uma análise mais profunda da realidade *on-line*. O mundo *on-line* também está na esfera humana, portanto, diretamente estruturado por uma linguagem da sociedade atual. Logo, a sexualidade e a fantasia virtuais não podem se distanciar muito das manifestações sexuais presentes no contexto *off-line*. Neste sentido, entendemos que a realidade *on-line* é uma extensão dos desejos e das fantasias já presentes na cultural. Assim, a Internet não pode ser considerada simplesmente um meio que possibilita outras formas de expressão sexual, restringindo-se a ser uma reprodução da vida real.

A leitura proposta por Semerene (1999), com apoio em Foucault (1999), constitui uma concepção que questiona as promessas feitas pela Internet de plena realização de todos os desejos e as vontades dos sujeitos. O internauta não se encontra sozinho na rede; ao contrário, vive uma situação de dependência do outro para continuar mantendo contato no mundo virtual. Portanto, é necessária a contenção dos seus impulsos. Semerene (1999) garante que é uma falsa promessa a idéia de que, estando conectado à rede, o sujeito pode realizar todos os seus desejos e as suas fantasias, o que não conseguiria alcançar na vida real.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi desenvolvida com base na descrição da experiência vivida por casais que se conheceram via Internet, conforme exposta por eles a nós em entrevistas gravadas, de acordo com o método fenomenológico. Ensina Holanda (2001) que a pesquisa fenomenológica busca apreender o sentido atribuído à realidade pelos sujeitos da pesquisa, compreendidos como protagonista de suas vidas. Especificamente no caso desta investigação, o foco foi a dimensão da experiência vivida dos casais, que descreveram como desenvolveram e estabeleceram os seus relacionamentos conjugais originado na realidade virtual; ou seja, a investigação teve o objetivo de compreender como os casais concebem seus relacionamentos iniciados por meio da Internet e como os transformaram numa relação conjugal.

Para compreender a dinâmica da constituição de tais vínculos afetivo-sexuais, entendemos que ela assume significados experienciais mundanos, já que por meio das descrições de suas experiências pode compreender o significado que eles possuem do mundo. De acordo com Moreira e Boris (2006), a mundaneidade, na pesquisa fenomenológica, significa que a experiência vivida dos casais foi entendida com base numa relação de mútua constituição do homem com o mundo, a sociedade e a cultura. Portanto, é uma elaboração singular da experiência vivida, mas que, também, ligada aos significados das interações sociais. Assim, cada momento de desvelamento dos participantes da pesquisa revelou uma realidade

vivida que é, ao mesmo tempo, subjetiva, e intersubjetiva, pois remete ao âmbito da cultura.

Desta forma, a fenomenologia mundana busca não apenas revelar uma dada subjetividade, mas a intersubjetividade constituída em um mundo compartilhado, que foi, neste caso, o contexto das relações interpessoais virtuais. Em outras palavras, como acentua Boris (2002), o interesse da fenomenologia nas experiências mundanas decorre dos significados comuns atribuídos à interação cotidiana dos integrantes de uma dada comunidade. Neste sentido, compreender a experiência vivida dos casais investigados é considerar o seu cotidiano de interações, que estrutura determinados padrões culturais, tanto no âmbito dos relacionamentos virtuais quanto da conjugalidade. Assim, discutir sua experiência vivida implica a compreensão dos significados atribuídos a ela pelos casais com esteio na sua interseção com o mundo, ou seja, a compreensão dos sentidos de sua experiência no mundo.

A escolha do método fenomenológico mundano, que se relacionou com a proposta de uma postura de pesquisador no exercício da redução fenomenológica, decorreu da necessidade de maior contato com as vivências dos entrevistados, colocando-nos diante da experiência cotidiana de cada um na constituição de seu vínculo afetivo-sexual estabelecidos via Internet e, posteriormente, na vida conjugal. De acordo com Leite e Gomes (1998), tal método é um instrumento de investigação que possibilita entrar em contato com a própria experiência dos entrevistados, pois descreve seu modo de ser, de perceber e se projetar no mundo. Por meio do método fenomenológico mundano, buscamos colher dados sobre o significado das vivências virtuais e conjugais de hoje. Neste sentido, a pesquisa fenomenológica possibilitou a compreensão mais abrangente dos sentidos e dos valores atribuídos pelos sujeitos

às suas experiências, pois é um instrumento metodológico dinâmico de contato com tais significados.

Com esta concepção de mundano, escolhemos para a realização da nossa pesquisa o método fenomenológico mundano que tem inspiração em Merleau-Ponty (1999), porque traz a idéia de um homem que se encontra enraizado no mundo, ou seja, que é inseparável da noção de mundo:” [...] porque assim o mundo se expõe e adquire um sentido em mim, que dizer, finalmente porque eu estou situado nele e porque ele me compreende” (p. 547). Portanto, privilegiamos na nossa pesquisa as experiências dos sujeitos que trazem no seu discurso as noções de um mundo intricado nas suas vivências.

Para ter melhor acesso a tais conteúdos significativos, restringimos a pesquisa a uma pequena quantidade de entrevistados, já que a prioridade é a discussão dos conteúdos investigados, além do que foi a quantidade de casais que se dispuseram para realizar a entrevista dentro dos padrões a priori estabelecidos. Por ter como prioridade a necessidade de compreender as experiências vividas por estes casais a partir da pesquisa fenomenológica, um dos critérios estabelecidos foi a entrevista ocorrer em uma relação face-a-face, ou seja, não poderia ser realizada por meios de comunicações a distancia, como Internet, telefone, ou carta. Tal critério tornou-se fundamental porque como entrevistadora exercendo uma postura de pesquisa fenomenológica pude ter maior acesso não somente as falas e os discursos dos participantes, mas também a sua postura, tom de voz, e outras formas de linguagem não-verbal.

Outra restrição decorreu da necessidade de que fossem experiências de casais heterossexuais com um estilo de vínculo conjugal. Este grupo foi considerado, por se tratar de ser um modelo mais próximo, se comparamos as

relações homossexuais, da instituição social tradicional, segundo Bucher-Maluschke (2003). A preferência por tal grupo deveu-se a necessidade de compreendermos como é possível existir um paralelo entre uma instituição que tende mais para o estilo tradicional constituída por um instrumento de comunicação considerado distante deste estilo, inclusive cercado de crenças e valores preconceituosos como afirma Costa (2007). Logo, por, muitas vezes, os internautas terem suas experiências virtuais enquadradas em uma classificação de comportamento desviante e rodeado de preconceitos, a melhor forma de conseguir contatos com os participantes foi por meio de nossos contatos com pessoas que indicaram outras que viveram a situação descrita, uma vez que pela indicação se tornava mais fácil ter a confiança dos entrevistados. Por todas estas dificuldades encontradas ao longo da pesquisa, decidimos não restringir as outras possíveis variáveis, como, por exemplo, a sua faixa etária, ou a sua origem socioeconômica.

Logo, os sujeitos participantes foram quatro casais heterossexuais. Para garantir o anonimato da pesquisa, escolhemos nomes fictícios de casais consagrados ao longo da história e da literatura ocidentais e modificamos alguns dados. Ressaltamos que as escolhas dos nomes decorreram de alguma semelhança caracteriológica encontrada, seja na história da relação, seja por aspectos pessoais dos participantes, que esclarecemos ao descrever cada casal. Situamos a ordem dos casais de acordo com a ordem de entrevista. Neste momento, contudo, não nos detivemos somente nos aspectos do casal, mas também realizamos a descrição da nossa experiência como entrevistadora.

- **Adão e Eva:** escolhemos estes nomes bíblicos que simbolizam o primeiro casal criado por Deus, porque, além de ser o primeiro que entrevistamos, também é o

relacionamento que tem mais tempo, logo, foi o casal a primeiro constituir um relacionamento via Internet. Adão é profissional liberal, morava em Fortaleza e tinha, na época em que conheceu Eva, 44 anos. Ele estava casado pela segunda vez, mas passando por um processo de separação quando conheceu Eva. É pai de cinco filhos. Trabalha como engenheiro. Apresentou-se de maneira bem espontânea e disponível para a entrevista. Eva vivia em São Paulo, onde trabalhava como professora, quando conheceu Adão. Com o casamento com Adão, Eva se mudou para Fortaleza. Eva tinha, na época em que conheceu Adão, 44 anos, sendo separada e com duas filhas. Eva mostrou-se, durante a entrevista, bem disposta a participar, dando respostas enfáticas e claras às nossas indagações. Eles têm uma união consensual, estável, nem civil e nem religioso, há cerca de dez anos e, atualmente, residem em Fortaleza. O local escolhido para a entrevista foi sugerido por Eva, que indicou a residência do casal. Tal residência favoreceu o desenvolvimento do recolhimento de dados, pois é um local silencioso. Durante a entrevista, um dos parceiros se retirava, enquanto o outro fornecia o material rico em detalhes, assim, não ocorrendo dificuldade com interrupções. De ambos, sentimos uma grande motivação para participar da entrevista, inclusive se dispondo a responder às nossas inquietações.

- **Romeu e Julieta:** tais nomes foram selecionados porque percebemos, ao longo da entrevista, um relacionamento baseado em um amor idealizado, existente antes de se conhecerem pessoalmente. Romeu tem 35 anos. Vivia em São Paulo na época em que conheceu Julieta. Após ela se graduar, casaram-se no civil e religioso e foram morar, um ano, em São Paulo, mas, depois deste período, se mudaram para Fortaleza. Chegando a Fortaleza, Romeu passa a trabalhar na mídia. O local da

entrevista foi sugestão de Romeu, que pediu para ocorrer em seu ambiente de trabalho, no qual ficamos afastados em uma sala silenciosa e separados dos demais departamentos, assim não ocorrendo interrupções durante a entrevista. Romeu se mostrou, durante toda a entrevista, bastante atencioso e disposto a responder com clareza todas as nossas perguntas. Julieta teve um comportamento de satisfação e reflexão em virtude da rememoração sobre sua experiência de conhecer Romeu, propiciada pelos questionamentos junto a uma curiosidade sobre se existiam outros casais que também vivenciaram os relacionamentos virtuais. Tal recordação foi facilitada pelo local de ocorrência da entrevista que se tratava de sua própria casa. Lembrou-se de que, no período em que o conheceu, era estudante e morava em Fortaleza. Ao terminar o curso, casou-se com Romeu e foi morar em São Paulo, onde realizou alguns cursos na sua área. Ao retornar a Fortaleza, começou a trabalhar. No período da entrevista, tinha 32 anos. Ambos têm a experiência de viver o primeiro casamento que já dura oito anos, sem filhos.

- **Tarzan e Jane:** tais nomes foram escolhidos porque o ambos têm uma origem de nascimento e cultura distinta, assim lembrando a história dessas duas personagens de Edgard Rice Burriughs, que também apresentam culturas diferentes. Tarzan trabalha com informática, vivendo em Fortaleza. No período da entrevista tinha 40 anos e já era casado no civil com Jane há um ano e meio, sendo o casal de menor tempo de convivência matrimonial. Deste casamento, tiveram um filho, sem nenhum filho de outras relações anteriores. Tarzan já tinha vivido em diferentes países anteriormente, mas, ao conhecer Jane, já residia em Fortaleza. Apresentou-se, durante a entrevista, com respostas bem curtas, sem buscar delongar-se sobre o assunto em questão. Assim, tivemos dificuldade em conseguir aprofundar as nossas

inquietações; dificuldade de manter o diálogo com fluidez e espontaneidade. A entrevista com Jane, de maneira oposta, ocorreu com esta tendo uma atitude solícita e afável, mas sempre destacando a sua dificuldade de se expor diante da entrevista, principalmente por se sentir envergonhada. Jane é uma profissional da saúde, com 41 anos, residente em Fortaleza. Ambos, ao se conhecerem, já moravam em Fortaleza e eram solteiros. A escolha do local da entrevista foi sugerida por Jane que estabeleceu um restaurante onde o casal costuma passear com o filho. Durante as entrevistas que tem a particularidade de serem separadas, um dos parceiros ficava passeando com a criança pelas imediações do local, mas suficientemente distante para preservar o sigilo. Somente tendo uma certa dificuldade de manter a entrevista em razão de o local estabelecido pelo casal ser um restaurante, o qual, apesar de ter pouco movimento de cliente, possuía interrupções em razão dos ruídos do próprio trânsito.

- **José e Maria:** a escolha foi efetuada porque Maria apresentava um aspecto da religião católica bem destacado, por isso, preferimos atribuí-lhes os nomes de José e Maria, que são os pais de Jesus na Bíblia. José tinha 39 anos quando foi realizada a pesquisa. Ao se conhecerem, ambos eram solteiros. Maria não tinha filhos de outros relacionamentos, enquanto José tinha três. Maria tinha 26 anos no período da entrevista, mas conheceu-o com 19 anos. Quando conheceu José, Maria morava em Fortaleza, enquanto José vivia em São Paulo. Ao se casarem, tanto no civil quanto no religioso, foram morar em São Paulo, mas depois resolveram se mudar para Fortaleza. Já estão casados há quatro anos e têm um filho. Trabalham juntos em uma empresa. A entrevista foi realizada na residência do casal, sendo feita a primeira parte com Maria, que se encontrava sozinha, em casa. Maria forneceu o

seu depoimento de maneira espontânea e bastante acessível, da mesma forma que José. A única diferença aconteceu somente no início da entrevista com José, que buscou deixar claro que nãoalaria muito, porém, com o desenvolvimento da entrevista, ele passou a ter uma melhor fluidez no seu discurso.

Neste sentido, a amostra foi de quatro casais, constituídos de homens e de mulheres que se conheceram pela Internet, totalizando oito sujeitos. Não foi delimitada a faixa etária dos participantes da pesquisa, pois o critério de inclusão dos entrevistados foi apenas o fato de terem se conhecido pela Internet, tendo, com base sua relação virtual, passado a um contato real, com encontros interpessoais, vindo a constituir relacionamento conjugal.

A única prerrogativa exigida foi que os sujeitos se dispusessem a nos conceder entrevista e se encontrassem em Fortaleza, pois nossos encontros foram realizados presencial e individualmente, ou seja, sem a presença do respectivo cônjuge. A escolha de manter contato com os entrevistados individualmente partiu da nossa necessidade de ter melhor acesso às suas experiências pessoais, especialmente à expressão das suas fantasias relacionados às suas relações afetivo-sexuais estabelecidas via Internet.

Após recebermos as indicações dos casais formados com esteio na Internet pela nossa rede de amigos e conhecidos, entramos em contato com eles, nos identificando e esclarecendo por quem fomos indicado para o contato. Como todos já sabiam do nosso interesse e da nossa pesquisa, principalmente, porque os amigos e conhecidos, antes de passar os dados como nomes e telefones, realizavam um contato prévio para saber se os casais tinham interesse ou vontade de participar da pesquisa, a nossa fala, no primeiro momento, por telefone, se restringia à colocação

de que era uma pesquisa do mestrado referente a casais que iniciaram seus relacionamentos pela Internet.

O local de realização da entrevista deixamos ao critério dos entrevistados, somente exigindo que não houvesse muitas pessoas próximas, inclusive o cônjuge, e um silêncio necessário para a espontaneidade, tanto do entrevistador como do entrevistado. Tais condições prévias foram no sentido podermos garantir o sigilo e evitar interrupção da entrevista. Dos oito participantes, cinco participantes foram entrevistados nas suas casas, dois em um restaurante sem muito movimento e somente um colaborador em uma sala isolada no seu local de trabalho. Para garantir que a pesquisa seguisse todos os referenciais éticos de respeito e cuidado como os entrevistados, o projeto foi submetido a um parecer do Comitê de Ética em Pesquisa – COÉTICA pela Universidade de Fortaleza.

Ao nos estabelecer nos locais marcados com os entrevistados, explicávamos de maneira mais detalhada em que consistia a pesquisa e apresentávamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, pedindo para lerem e, se tivessem alguma dúvida, pudessem nos perguntar.

Como foi uma pesquisa envolvendo seres humanos, os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que segue os critérios éticos de pesquisa com seres humanos da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, do Conselho Federal de Psicologia (Resolução 16/2000/CFP) e do Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/96/CNS). Neste termo, buscamos deixar claros os objetivos da pesquisa, resguardando o direito de interromper ou parar com a colaboração na pesquisa a qualquer momento em que o sujeito da pesquisa achasse conveniente. Outro ponto enfatizado era a garantia do mais absoluto sigilo dos dados que nos serão confiados por meio das entrevistas, de

acordo com o artigo 21 do Código de Ética Profissional dos Psicólogos. Após assinatura do termo, foi entregue a cada participante uma cópia do documento.

Como forma de se compreender as vivências dos sujeitos da pesquisa, as entrevistas de coleta dos dados foram iniciadas com base em uma pergunta “disparadora”. Segundo Moreira (2004), a pergunta disparadora ou norteadora deve ser utilizada nas entrevistas fenomenológicas, já que tem o objetivo de descrever e explorar a experiência dos sujeitos em seus diversos significados, envolvendo os seus múltiplos sentidos culturais, psicológicos, ideológicos etc. A pergunta disparadora foi: “Como você conheceu seu/sua atual marido/esposa?”. Durante a entrevista, puderam ser feitas mais algumas perguntas, como, por exemplo, “Como é que era essa relação pela Internet?” Ou “Por que você teve interesse de manter contato com ele?” - assim desenvolvendo, com flexibilidade e conforme as respostas dos sujeitos, outras indagações que visavam a compreender como os casais investigados constituíram e significam seus relacionamentos afetivo-sexuais, desde o encontro virtual até a vivência conjugal. Este momento foi o ponto de partida da pesquisa, na qual nós, por meio da pergunta disparadora, solicitamos que os participantes descrevessem o que vivenciaram.

Neste sentido, segundo Contandriopoulos et al. (1997), é indispensável o diálogo entre entrevistador e entrevistados, constituindo um instrumento que se molda à situação concreta da entrevista e possibilita ao pesquisador a liberdade de acrescentar novas questões, com a finalidade de aprofundar alguns pontos relevantes à pesquisa.

O ato comunicativo entre entrevistado e entrevistador é intersubjetivo e foi considerado em sua totalidade, visando a captar a experiência vivida pelos casais internautas e sua posterior consolidação de uma relação conjugal. Finalmente, foi

realizada, com base na leitura das entrevistas, a interpretação fenomenológica. Os passos que seguimos para nossa pesquisa estão de acordo com as fases apresentadas por Moreira (2004) para a aplicação do método fenomenológico mundano, constituída dos seguintes passos:

- 1) Descrição;
- 2) Redução; e
- 3) Interpretação.

O primeiro passo foi a descrição dos depoimentos colhidos por meio das entrevistas, transcritas em seu texto literal. Tal fase se caracterizou pela descrição da experiência vivida de homens e de mulheres, tanto no mundo virtual quanto na realidade conjugal.

Para garantir a transcrição do texto em sua totalidade através da gravação das entrevistas em gravador para que os dados permanecessem fiéis ao que foi relatado no intuito de que cada fala vivida pelos colaboradores pudessem ser transcrita na sua totalidade, levando em consideração, além do que é dito, também as várias expressões não verbais, o silêncio, o tom de voz, as paradas, as risadas etc.

Entendemos com Gomes (1998) que a entrevista é o momento de desvendar os significados atribuídos pelos sujeitos à sua relação com o mundo, considerando os encontros virtuais e também reais como dois modos de existir. Tal momento foi bastante significativo para nos como entrevistadora, principalmente, porque adotamos a posição de permitir que nossos entrevistados trouxessem a diversidade e riqueza de significações de suas vivências por meio de suas falas, buscando, a todo momento, não nos deixar ser conduzida por nossas idéias preconcebidas. Tal

posicionamento como entrevistadora, como defende Moreira (2004), foi fundamental, pois nele deve-se priorizar experiência dos casais, que melhor compreendem suas vivências por tê-las, de fato, vivenciado.

Com tal perspectiva, começamos a desenvolver o segundo aspecto importante numa análise fenomenológica mundana, que se refere a exercer a redução fenomenológica, que têm como objetivo a descrição do fenômeno, não baseado na nossa explicação teórica, pelo menos nesta fase, mas sim do que emerge dos entrevistados (Moreira, 2007).

Como o pesquisador também é um ser-no-mundo, atribuindo-lhe valores, de acordo com Moreira (2004), não é possível deixar de levar em consideração as concepções do entrevistador constituídas na sua relação com a realidade social, pois ambos se constituem mutuamente. Para buscar o necessário distanciamento da nossa realidade intrínseca de ser humano, recorreremos à redução fenomenológica. Nesta fase, pusemos de lado tanto as hipóteses quanto os nossos valores preconcebidos, buscando, assim, um afastamento das nossas interferências cognitivas e afetivas no intuito de permitir um acesso mais direto e uma articulação melhor dos sentidos à experiência vivida dos casais formados com esteio na Internet, coletadas nos depoimentos dos próprios entrevistados. Logo, por meio da redução fenomenológica ocorre a exploração do material descrito ao pôr fora de ação nossos interesses e valores de pesquisadora, assim, permitindo a emergência de qualquer conteúdo durante entrevista (Forghieri, 1993; AmatuZZi, 2001),

Como o fenômeno da constituição e do desenvolvimento dos relacionamentos virtuais ainda é pouco compreendido na sua complexidade, seja porque há poucas pesquisas no Brasil, principalmente na área de Psicologia, seja porque ainda causa muita polêmica, ensejando posicionamentos preconceituosos em relação às

experiências afetivo-sexuais estabelecidas via Internet, a opção pelo método fenomenológico mundano se configurou como um meio de contato com tal realidade mediante do qual abandonamos, temporariamente, nossos prejulgamentos, inclusive os preconceitos quanto aos relacionamentos virtuais, para captar a realidade vivida pelos casais.

Para Holanda (2001), o fenomenólogo não se interessa por aquilo em que acredita a respeito dos seus sujeitos de pesquisa, mas pelos significados que eles atribuem à sua experiência originada da sua perspectiva.

Vale, no entanto, a ressalva, como lembra Moreira (2004) de que, apesar da redução fenomenológica no propor um afastamento das nossas crenças como pesquisadora, ela nunca é totalmente realizada, pois nós, antes de mais nada, somos um ser humano, e, como tal, dotado de uma mundaneidade intrínseca à nossa constituição.

Decorrida a fase da redução fenomenológica, deparamos com o material a interpretar. Nesta última etapa de interpretação fenomenológica, segundo Moreira (2004), os dados foram discutidos com base na nossa posição de pesquisadora inserida no mundo, que se propôs dialogar com os resultados da pesquisa e nossos aliados teóricos. Esse posicionamento nos fez suspender nossos valores para discutir a mundaneidade da experiência vivida de homens e mulheres no mundo virtual e em sua posterior constituição conjugal, considerando, então, nossos referenciais teóricos de pesquisa.

Moreira e Boris (2006) discutem a interpretação fenomenológica, estabelecendo alguns passos que o pesquisador deve seguir para a melhor compreensão do fenômeno investigado. Após as entrevistas serem gravadas e de ser feita a sua transcrição literal para alcançar a falas autênticas dos participantes da

entrevista, que incluíram desde as nossas falas e a dos sujeitos da pesquisa até silêncios ou quaisquer sons apresentados na gravação, como ruídos, risos, entre outros, iremos à divisão do texto transcrito.

Nesta fase, o texto foi dividido em movimentos constituídos pelas articulações de sentidos que surgiram ao longo das entrevistas. Tais movimentos se caracterizam por trechos que envolvem os mesmos temas, ou seja, durante o desenvolvimento das entrevistas, ocorreram mudanças de temas, que foram separados em unidades de sentidos. Creswell (1998), também, faz referência a este momento da pesquisa, quando explica as transformações das unidades em grupos de significações.

Os dados da nossa pesquisa foram organizados e agrupados em cinco unidades de sentido: o uso dos meios de comunicação pelos parceiros; o interesse no outro virtual; o sentimento pelo outro virtual; o que a Internet proporciona; e o encontro pessoal. Destas unidades de sentidos foram originadas categorias que explanamos detalhadamente na análise e discussão dos dados.

Atentando para as lições de Moreira e Boris (2006), ao articular esses elementos como os nossos aliados teóricos, chegamos ao último momento da pesquisa que é a “saída do parênteses”. Nesta etapa, desenvolvemos uma discussão articuladora entre os resultados da pesquisa e as referências teóricas de nossos aliados teóricos, assim passando a assumir um posicionamento ante a tais resultados. Neste sentido, ocorreu um diálogo entre os fundamentos teóricos e a pesquisa empírica, no caso, as falas dos casais entrevistados, discutidas a seguir.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE E DISCUSSÃO FENOMENOLÓGICAS

Este capítulo é composto por três pontos principais, o primeiro dos quais é baseado na discussão apresentada por Forghieri (1993) que foi constituída da explicitação dos trechos dos colaboradores com base nas falas transcritas, em que buscamos na nossa experiência de entrevistadora suspender nossos valores durante a entrevista.

O segundo, foi quando realizamos tanto a separação do texto com as falas dos entrevistado, de acordo com Moreira (2004), que propõe dividir em unidades de sentido de acordo com o tom e o movimento dos depoimentos das vivências da formulação da virtualidade até o casamento para os casais.

Na terceira parte, saímos da posição de deixar de lado nossas crenças e realizar a interpretação do texto, já dividido em unidades de sentido, levando em consideração tanto os nossos valores como a leitura prévia dos nossos aliados teóricos

Com essa descrição de como efetuamos a pesquisa fenomenológica, organizamos os dados e suas respectivas análises em cinco unidades de sentido, na seqüência delineada.

1 - O Uso dos Meios de Comunicação pelos Parceiros, que originou duas categorias:

- Indiferença quanto ao Emprego dos Recursos Tecnológicos na Relação Virtual; e

- Importância de Certos Recursos Tecnológicos para Estabelecer a Relação Virtual.

2 - O Interesse no Outro Virtual, ocasionando três categorias:

- A Atenção ao Nickname;
- O Corpo é a Cabeça;
- A Foto é Fundamental para a Relação Afetivo-Sexual.

3 - O Sentimento pelo Outro Virtual da qual emergiram duas categorias:

- A Expressão dos Afetos na Internet
- A Afetividade no Relacionamento Virtual é Carência.

4 - O que a Internet Proporciona, que gerou quatro categorias:

- Sair da Solidão;
- Sensações Gratificantes;
- Sensações de Medo e de Vergonha;
- Sexo Virtual.

5 - O Encontro Pessoal que ensejou duas categorias:

- Ele Virou Príncipe ou Sapo;
- Casamento Rápido, mas Tradicional.

4.1 O Uso dos Meios de Comunicação pelos Parceiros

Nesta categoria abordamos todos os meios de comunicação utilizados pelos entrevistados para a constituição da relação virtual. Destacamos, pelas descrições dos entrevistados, que tiveram um primeiro contato pela Internet que tipos e como os casais percebiam o meio de comunicação na constituição da relação afetivo-sexual. Ao nos referirmos ao meio utilizado, estamos compreendendo as formas de contato não presencial, que podem ser desde os tecnológicos como as diferentes ferramentas disponibilizadas pela Internet como sala de bate-papo, salas particulares, *message*, *e-mail*, ICQ e outros meios que não se relacionam à Internet, como telefone fixo ou celular, até os sem tecnologias como as correspondências de cartas.

Todos os entrevistados relataram a utilização de outro meio além da Internet, como a telefonia, seja fixa, seja celular. Para melhor compreender sobre esta diversidade tecnológica, apresentamos dois caminhos: o primeiro refere-se à indiferença, nas experiências dos participantes, entre os vários recursos de comunicação utilizados na constituição da relação afetivo-sexual, enquanto a segunda, ao contrário, se caracteriza pelas significações apresentadas pelos sujeitos da experiência, ressaltando a importância das transformações dos meios de comunicação na constituição do vínculo afetivo-sexual.

4.1.1 Indiferença quanto ao emprego dos recursos tecnológicos na relação virtual

Para alguns participantes, o meio de comunicação utilizado não era importante para a interação, portanto não havia diferença entre usar o computador, o

telefone ou uma carta. A necessidade de buscarem várias formas de comunicação se tornou algo recorrente no discurso dos casais na fase em que não se conheciam pessoalmente. Apesar de expressarem a recorrência a mais de uma forma de comunicação, notamos que as referências não implicavam relação entre mudança de recurso e modificação na relação afetivo-sexual, como no exemplo de Eva que relata:

[...] na verdade, eu me sentia numa festa, quando eu tava na Internet. Então tinha amigo, assim... na época que a gente tava na Internet: era por aí. Acho que, aí, a gente decidiu ir pro telefone. Porque a gente não telefonava, né? E ele, ele gostava de falar por telefone. [...]. Eu gostava bastante, por telefone, também, mas não era nada [ênfase], assim, de muito especial [ela baixa bastante a voz no “de muito especial”. Ficou muito especial, depois que eu vim.

Julietta também explica que foram utilizados diferentes recursos na comunicação durante o relacionamento afetivo-sexual com Romeu, com o diferencial de que cada período era marcado por um recurso específico, que implicava, automaticamente, exclusão do meio anterior. Da sua parte, diz que as mudanças de recursos de comunicação, indo desde os recursos disponibilizados pela rede até a telefonia, ocorreram simultaneamente com as fases de um maior conhecimento e aprofundamento do relacionamento. Em outras palavras, ressalta maior profundidade da relação a cada mudança de recurso tecnológico de comunicação, como assinala:

[...] eu considero, né, em termos de virtuais, um processo grande, ao longo de quatro meses e de fases, também, né? Primeiro, virtual, virtual (ênfase nas duas últimas palavras). Depois, o ICQ, que era uma coisa que era bem virtual; depois, e-mail, mas já era uma coisa, assim, que aproximava mais; depois, telefone. A gente teve, um tempo muito grande que a gente, desde março, entre março..., começo de março, bem no começo de março [...] até o começo de maio, que a gente passou dois meses falando, diariamente, por telefone. [...] Se a gente considerar o e-mail como Internet, eu até diria que, quando a gente pulou pro e-mail, já foi uma fase... de maior conhecimento, né, mas eu vejo muito claramente que, do telefone..., entre o telefone e a parte estritamente, é... é, de Internet, eu acho que a gente teve um salto... considerável, aí, na questão do aprofundamento da relação, sabe? Assim, foi, ali, no telefone, que a gente começou, é... realmente, a discutir comprometido, né, tanto que virou uma coisa diária e... e, aí, foi no telefone que a gente começou a discutir, também, né, não só conversar ou... trocar algum tipo de idéia. No telefone, foi onde a gente começou a aprofundar. Foi, e, aí, foram surgindo, naturalmente, as discussões. Eu não diria discussão de briga, não, mas “ah, eu penso isso”, e o outro, “não, mas não pode ser, porque não é assim”. E... [silencia]

Apesar desta constatação, responde que não foi a mudança de recurso que fez a relação se aprofundar, mas o que garantiu o aumento do comprometimento foi o tempo de convivência:

É, porque até, a, até o telefone, não tinha essa necessidade premente de se encontrar, de transformar em real, não tinha. Não sei nem se é por conta do veículo, acho que não é por conta do veículo, acho que é o tempo, realmente. Como a gente teve esse, essa... mudança do veículo, ela, ela..., ela acompanhou, né, um... um espaço cronológico, né, eu acho que era a coisa do tempo também que foi fazendo

com que a gente fosse se sentindo cada vez mais envolvido, cada vez mais, né, comprometido. E aí calhou de a gente ir mudando o veículo à medida que o tempo ia passando, assim.

Para Julieta, a Internet é um instrumento como qualquer outro, que não tem nada de extraordinário. Assim, percebe que a Internet ou a telefonia se equivalem como meios para assegurar a interatividade do casal sem muitas diferenças no tipo de tecnologia. Esta visão é confirmada por Nicolaci-da-Costa (2005), quando crítica a concepção da Internet ser tomada como uma realidade tão inédita que não teríamos outras experiências humanas equivalentes. Para Nicolaci-da-Costa (2005), bem como, também, para Castells (1999), a Internet é mais uma forma de proporcionar virtualidade, que não é algo inovador.

Tarzan também endossa esta ausência de modificações significativas entre os diferentes meios de comunicação, ao dizer:

Entendeu, e que... um aparelho de telefone, um celular, ou... webcam, muda muito pouco. Tá entendendo, então... sim, acho que é idêntico. Você... pegar uma linha cruzada e conhece alguém, já aconteceu comigo, acho que todo mundo já... pegou uma linha cruzada e puxou conversa. Ou então uma sala de bate-papo... eu não vejo qual é assim a grande (ênfase) diferença. A diferença é essa, tá na Internet você tem a opção de entrar ou não. A linha cruzada, deu o toque, você tem que atender. Mas é igual. Num acho que a Internet seja algo extraordinário, não. É isso.

Em seu reforço, relata que não consegue ver diferenças no processo de comunicação entre as tecnologias, achando que as diferenças são mínimas. Na sua concepção, a única diferença é a opção de se conectar ou não à rede, mas que, o

tendo feito, a comunicação entre Internet e telefonia não são distintas no que se refere ao contato entre as pessoas. Assim, ressaltamos que ele não considera a Internet tão revolucionária como se poderia pensar. Tarzan expressa que a Internet não criou nada de novo, pois as coisas continuam como antigamente, ao citar que já existiam por telefone as linhas cruzadas que podem ser comparadas às salas de bate-papos da Internet ou as antigas cartas, pelas quais as pessoas se correspondiam com alguém de outro país que não conheciam pessoalmente (Nicolaci-da-Costa, 2005). Lembra que as trocas de cartas aconteciam muito na Europa, quando Tarzan, criança, promovida por organizações britânicas:

Olha, mi... minha opinião, a Internet num criou nada, as coisas continuam do mesmo jeito que tava, antigamente você tinha.... ahn, sala de bate-papo por telefone. Antes disso, quando era criança, você... se inscrevia no, num pen pal, era uma organização britânica que... mandava cartas pra você, você se correspondia. Morando na Europa é muito fácil isso. Da Inglaterra pra França, da França pra Suíça... pega o trem, duas, três horas depois você tá lá. Talvez seja mais fácil na Europa você mudar de país do que São Paulo de bairro, por exemplo. Então a Internet num... criou nada, não. Simplesmente facilitou, meio que democratizou... tudo pra todo mundo. A sacanagem e a maldade, o perigo... pedofilia, sempre existiu. Não, cê dizer que (fazendo uma voz de chacota): “Ai, não, a Internet é causa da pedofilia”. Peraí, fala sério. Internet tá aí, entendeu? A pedofilia sempre teve aí.

Na verdade, acredita que a Internet é idêntica às comunicações por telefone ou por cartas, como a única diferença de aquela apresentar um pouco mais de tecnologia do que a carta ou a telefonia:

Tudo a mesma coisa. É a mesma coisa, num é semelhança, não, é idêntico. Olha... tem muito da, da maneira como a pessoa encara a Internet. Se você tá na Internet e rooon (faz barulho de ronco), ah, Internet... então, você não faz a menor idéia do que é ainda a Internet. Se você sabe um pouquinho do que realmente é a Internet, o que você está fazendo... é um pouquinho de tecnologia, a parte técnica. Entendeu, e que... um aparelho de telefone, um celular, ou... webcam, muda muito pouco. Tá entendendo, então... sim, acho que é idêntico

O mesmo acontece com Adão, ao falar de sua experiência na rede. Compara com a experiência que teve de correspondências por cartas na época da sua adolescência, promovida pelas revistas ou por cursos de línguas. Acredita que as correspondências por cartas eram o mais próximo para descrever o contato que existe na rede, com a diferença de que na Internet a resposta é imediata, enquanto na carta as pessoas têm que esperar vários dias para receber a resposta:

Eu acho que a coisa que mais, talvez, se aproximaria disso, era uma coisa que se chamava, antigamente se fazia, era correspondência. Na época em que eu era adolescente, a gente se correspondia. As pessoas tinham, não, como era o nome? Assim, nas revistas, tinham umas revistas que a pessoa botava o nome o endereço, "procuro fulano de tal pra corresponder, qui, qui, qui". Algumas revistas faziam isso. E às vezes quando você tava estudando em curso de línguas, aí você... no instituto de língua estrangeira, eles colocavam nos quadros pessoas pra você corresponder, pra, treinar o idioma. Eu lembro que tinha vários correspondentes, tinha correspondente em Porto Rico, Rosa Leocádia Figueroa. Depois tive uma correspondente francesa. Nessa época, eu lembro muito que eu escrevia bastante. E eu acho que mais se aproxima, talvez... eu acho assim pelo... é, é esse tipo de correspondência. Que pode até dar ressalva, porque online você escreve aqui, o

outro responde, você escreve, outro responde. E o outro, não, você mandava uma carta, passava 15 dias, um mês aí vinha outra carta. [...] Eu acho que a Internet vem por aí.

Desta forma, percebemos que para esta parcela de entrevistados os diferentes tipos de veículos de comunicação não trazem aspectos significativos, pois todas as formas são meios de interação virtuais; pelo contrário, ocorrendo comparações que as tornavam mais semelhantes e próximas tanto no estilo de comunicação quanto na mesma maneira de influenciar os relacionamentos afetivo-sexuais, portanto, desfazendo o mito de que a Internet possibilita um tipo de comunicação entre os casais que seria inovador e não poderia acontecer por outros meios.

4.1.2 A Importância dos recursos tecnológicos para estabelecer a relação virtual

Alguns dos nossos entrevistados revelaram a importância da transformação dos meios de comunicação na relação afetivo-sexual. Este grupo considera que os variados tipos de tecnologias trouxeram experiências significativas, com claras diferenciações no uso de um tipo ou de outro. Portanto, o emprego de um meio não se torna igualável a outro, mas possui peculiaridades próprias que influenciaram o contato do casal. Dentre tais características do veículo, destaca-se o fato de ser necessário, para compreender as experiências vividas, que a Internet passou por profundas modificações no que diz respeito ao avanço tecnológico. O meio da rede não se encontra com os mesmos recursos técnicos para manter o contato entre as pessoas da mesma maneira que há alguns anos atrás. Assim sendo, um dado fundamental é incluirmos as inovações tecnológicas como um fator importante na

leitura das relações virtuais. Este fator é indispensável, principalmente porque algumas dessas experiências ocorreram há mais de oito anos, como é o caso de Romeu, que conheceu Julieta neste período. Sabemos que, neste tempo, a Internet não corresponde ao nível de desenvolvimento tecnológico que deparamos atualmente. Na ausência desse desenvolvimento, Romeu diz que o telefone se tornou um meio significativo, pois, através dele, podia ter acesso à voz de Julieta, impossibilitado pela Internet da época, que não possuía comunicador de voz:

[...] o, o teclado (ênfase) ficou em segundo plano a partir do momento do... que o telefone entrou na jogada. Porque foi uma pena porque... a nossa convi... minha conta de telefone explodiu. Foi pra... era pra quatrocentos, quinhentos reais por mês de, porque ia a madrugada inteira no telefone, era... (pausa) até eu fui meio idiota, né, porque, a gente na época, também, não tinha Skype, não tinha... comunicadores de voz, se tivesse... se fosse hoje, seria muito mais barato, né, porque... Skype não custa nada.

Em virtude de os encontros pela Internet terem ocorrido com restrições tecnológicas, entendemos a necessidade de ter contatos por outros meios que incluíssem o aspecto sonoro. A mesma necessidade sentiu José, quando começou a ter contato com Maria pela Internet, assim passando para a utilização do telefone. Para ele, havia a necessidade de recorrer a outro instrumento de interação virtual, que, apesar de se equivaler no âmbito da impossibilidade de manter um contato face a face, havia aspectos diferentes na comunicação virtual. Nicolaci-da-Costa (2005) exprime que, apesar de se poder igualar todos os instrumentos de comunicação de virtualidade, é relevante realizar as possíveis diferenciações desses meios. Um ponto de diferenciação, que implicará uma modificação da própria relação, é a

telefonía estabelecer uma interação mais profunda e duradoura do que a Internet. Por isso, na experiência de José, vimos a necessidade de recorrer ao telefone para continuar mantendo contato com Maria:

Quando foi a primeira, a terceira vez que a gente entrou já colocou número de telefone. Então a Internet foi o primeiro contato em si. Né? Ah, primeiro, segundo, terceiro contato foi justamente pela Internet, depois disso a gente marcava (um dizia) “Olha, tal hora eu tô entrando”. (o outro respondia) “Tá bom, então tal hora eu também tô lá”. Aí de lá a gente ia pruma sala particular, lógico, a gente num ficava... na, na, na comunidade, da Internet. E... lá a gente trocava as nossas idéias, conversava, aí tava chato, vamo pro telefone, entendeu?

Ressalta que continuava mantendo contato pela Internet, mas, quando se tornava chato aquele tipo de comunicação, afirma que sentia a necessidade de recorrer ao telefone. Além dessa necessidade de buscar o telefone nos momentos chatos da Internet, também o fato de que, às vezes, nem queria mais marcar de se encontrar pelo computador, porque considerava que pelo “*telefone era melhor*”. É interessante observar que o telefone, para José, teve papel fundamental na relação, passando a considerá-lo um meio melhor, porque sentia uma sensação de segurança que não ocorria na Internet:

Com certeza (fala com convicção)! Você ouvir é uma coisa e você tá ali teclando, tá vendo a outra pessoa lá na leitura... não, não me convenceu muito, não. Mas depois o telefone convenceu. Quando eu conheci a... através do telefone, falando com ele, no dia-a-dia, entendeu, conversei... dela, principalmente. Onde você vai, onde eu tô, entendeu... aí mudou muito. Mas até com a, quando tava só no computador, na

Internet, jamais eu viria... conhecer a Maria. Entendeu? Mas depois o papo, né, por telefone, mudou tudo. Eu me... [...] Eu me sentia mais seguro. Eu me senti mais seguro, entendeu?

Como pudemos notar, a passagem para o telefone tem papel primordial no relacionamento, já que foi a condição para passarem dos encontros virtuais para um contato face a face. Garante que, se não tivesse passado para o telefone, não teria vindo a Fortaleza. Esta passagem nos remeteu às afirmações de Nicolaci-da-Costa (2005). Na sua concepção, a Internet proporciona interações virtuais passageiras em ambientes coletivos diferentes do telefone, que traz a sensação de aprofundamento da relação. Em razão dessa abertura do coletivo, a Internet pode proporcionar a sensação de insegurança, como no caso de José, que afirma a sua incerteza de ser Maria do outro lado: “[...] a Internet cê tá, cê tá na Internet com a pessoa, pode ser que seja ela, pode ser que seja outra”. Com o telefone, compartilha que era diferente, já que podia ter contato não somente com Maria, mas também com o restante da família, assim passando a confirmar as informações apresentadas por ela:

Até no começo... até no começo, com certeza, eu teria um pouco, eu tava com um pouco de receio, né. Mas aí quando eu comecei a falar com o pai dela... pai dela atendia o telefone, a mãe dela atendia o telefone, as irmã dela atendia o telefone, então não teria como a Maria e que eu acho... às vezes eu perguntaria, perguntava, fiquei até íntimo da irmã dela, a mais nova. (ele perguntava) “Como é que tua irmã é? Ela, aquela foto é dela mesmo?”. (a irmã de Maria respondia) “É, é, é, José, é”. (a irmã continuava) “Tá com medo, é, tá com dúvidas? Tô aqui pra te ajudar”. Tudo lá na maior... tranqüilidade, super natural. E eu acreditei, lógico. Mas aí depois saiu

aquele, aquele... aquele receio que a gente tinha no começo, né? E deu tudo certo, tudo certo.

Maria também relata que a passagem da Internet para o telefone foi significativa para a relação. Com o telefone, pôde ter acesso à voz de José, que considerou “*linda*”, assim sendo uma experiência satisfatória no sentido de “*começar a gostar mais dele*”. Tal aspecto de ter contato com a voz de quem está teclando trouxe profundas significações na experiência de Adão. Na sua experiência, o contato por telefone causou um estranhamento, já que a imagem idealizada de Eva na sua imaginação, como uma personagem, não possuía aquele tipo de voz. Logo, entendemos que o contato de Adão não era com o corpo de Eva, mas com a sua fantasia e desejo do corpo dela, assim mostrando que é uma ilusão conhecer o outro na rede (Semerene, 1999). Desse modo, expressa que, com a passagem da Internet para o telefone, já trouxe um processo de maior construção da imagem de Eva, pois anteriormente somente possuía a foto estática:

Quando eu liguei, eu achei uma coisa meio estranha, como a gente só ficava digitando, né, aí... você tem uma imagem, você constrói uma imagem da pessoa. Do diálogo, que não é uma coisa assim, é uma imagem que não é material. É uma imagem porque ela tem características de imagem, ela tem, na verdade você constrói uma personalidade. Você não constrói? Você constrói. Personalidade, você tá falando com alguém que tem uma personalidade e monta uma certa individualidade. Quando eu falei na, no telefone, eu percebi. Aí eu tive que pegar aquela voz, que não era a voz da minha personagem, isso juntar na personagem. Então já foi estranho, porque eu... a minha personagem tinha a voz diferente, não era aquela. Então aí foi, juntei a, a... à personagem, né. Porque a personagem tinha

por exemplo, tinha rosto. Porque ela me mandou, ela me mandou uma foto e tudo mais. Mas a voz... não tinha, então era... aquele rosto e tal, que não tinha movimento. E quando eu escutei a primeira vez, achei mui... que não tinha nada a ver com a, com a, com aquilo que eu tinha construído.

O que mais nos chamou a atenção foi que, com o surgimento da Internet, as outras formas de comunicação não deixaram de ser utilizadas ou seguiram para segundo plano em relação à rede. Pelo contrário, tiveram tanta importância quanto a Internet. Logo, reparamos uma coexistência da Internet com os outros instrumentos de comunicação, enfocando, no entanto, que tal coexistência não é sinônimo de mesmo tipo de contato virtual. Sem dúvida, as transformações de meios de comunicação apresentam-se como significativas para as experiências afetivo-sexuais. Os recortes das falas de alguns dos nossos entrevistados destacam que não podemos colocar todos os diferentes tipos de tecnologias da comunicação como tendo a mesma influência nos relacionamentos. Há uma diferença significativa entre as diferentes tecnologias, principalmente entre a Internet e a telefonia.

Na Internet, por exemplo, como não há presença, tanto visual quanto oral, pelo menos no início da Internet tinha tais atributos; não podem ter acesso ao corpo do outro, por isso o que pensamos ou imaginamos dele não corresponde ao que ele realmente é, mas sim às nossas fantasias a respeito dele, como foi no caso de Adão. Com a utilização deste tipo de tecnologia, ainda não tão avançada (se compararmos às atuais), o telefone surge como outro recurso que aproxima as pessoas, pelo menos no âmbito do áudio.

Ressaltamos que tais diferenças apontam para a telefonia como um meio de comunicação que permite uma sensação de maior aprofundamento e de maior compromisso nas relações afetivo-sexuais do que na Internet. Percebemos que os

interesses e afinidades travadas inicialmente na Internet pelos casais passaram dessas interações virtuais passageiras do ambientes coletivos da sala de bate-papo a elaboração mais intensas e profundas nos contatos individuais pelo telefone.

4.2 O Interesse no Outro Virtual

Compreendendo-se que a Internet propicia um espaço de encontro entre pessoas desconhecidas que interagem por afinidades e interesses em comum, agrupamos, neste momento, todas as respostas que buscamos compreender, quais aspectos do parceiro(a) foram significativos para os entrevistados durante a interação pela Internet, tanto para iniciar como para continuar a comunicação. Quer dizer, tal categoria ressalta que características os parceiros apresentaram que despertaram interesse desde o primeiro contato até posteriores comunicações. Esta temática ensejou três pontos importantes – Atenção ao *Nickname*, O Corpo é a Cabeça e A Foto é Fundamental para a Relação Afetivo-Sexual – que aponta para uma convergência de interesses dos entrevistados.

4.2.1 A atenção ao *nickname*

Uma questão que surgiu como fator de interesse para uma parte dos entrevistados era o *nickname* ou *nick*, que é conhecido como o apelido eletrônico que as pessoas escolhem para participar da Internet. Como aspecto significativo, o interesse no *nickname* ocorre no primeiro contato que os internautas têm entre si. Julieta confessa que o primeiro aspecto que lhe chamou a atenção foi o *nickname* que Romeu escolheu:

[...] daí... me chamou a atenção o nick dele, que era “O Convidado”, e a que primeira pergunta que eu fiz foi: “Convidado de quem?”. E aí a gente começou a conversar [...]

O mesmo interesse surgiu em Jane no primeiro contato com Tarzan em relação ao apelido eletrônico. Relata que o *nick* possuía seu nome mais a idade, portanto a primeira impressão foi a de não se tratar de um apelido pesado, portanto que provavelmente não seria uma pessoa de “*baixo nível*”:

Mas... sim, o Tarzan38 [eu] gostava disso, por causa da faixa etária e o nome que me agradou. Interessante que o nome influencia muito... que se chamava apelido. Pra mim, pelo menos, influencia muito. Um cara... o nome dele é Luís, e é... ah, um nome assim que eu dava, nunca dava apelido muito pesado não, que eu acho que isso também... né, acho que é, é... como é que eu posso dizer? Vai atrair tipo de pessoa também... baixo nível. Que você sabe, né, aparece cada coisa, uns candidatos, você num tem noção.

Jane destaca o fato de que não tinha vontade de se relacionar com pessoas de “*baixo nível*”, porque seu maior interesse na Internet era encontrar um namorado, portanto, a idade seria um fator fundamental nessa busca, por acreditar que os rapazes mais novos não iriam querer manter um relacionamento sério:

A faixa etária, faixa etária, porque assim... nessa sala de bate-papo você tem muita gente, muito garotão que se faz passar por mais velho, entendeu? Ou, e eu sei que tem garotão procurando coroa mesmo, né, pra transar. Porque o que rola nessas salas de bate-papo mais é isso mesmo. Tudo voltado pro sexo. Eu não sei se é

porque o meu objetivo era encontrar um namorado [abaixa a voz ao falar última palavra], sabe, Milene, sempre vivi essa questão da sexualidade, isso tudo era muito... sei lá.

Assim, confirmamos que o primeiro contato com o apelido virtual é um fator importante para alguns entrevistados, pois este já explana aspectos de interesse comum entre os casais. Neste sentido, o *nickname* funciona como uma forma de *marketing* pessoal, importante nesse primeiro momento, pois representa a maneira rápida e superficial de se vender para um outro que deseja viver relacionamentos garantidores de sensações prazerosas (Semerene, 1999; Costa, 1998). O *marketing* pessoal é necessário se realizar na rede porque a Internet traz formas de relações que não se afastam da lógica do capitalismo. A Internet não cria a imposição de vender para o outro, mas, como anota Figueira (2007), a realidade *on-line* é uma consequência da realidade *off-line*. Como a realidade da sociedade atual traz valores do capitalismo, a Internet expressará tais preceitos, como a comercialização de si de uma forma bem rápida e chamativa, lembrando os grandes anúncios da mídia tradicional, que não escapa à busca de satisfação pelo produto. Neste caso, o produto a ser adquirido é o próprio ser humano, assim perpetuado, seja com objetos, seja com seres humanos o desejo de felicidade que está vinculado ao ato de consumir. (Haje & Attuch, 1999; Outhwaite & Bottomore, 1996).

4.2.2 O corpo é a cabeça

Nesta parte, agrupamos as características de interesse que o outro despertou nos entrevistado e assegurou o início e a continuidade da interação no quesito importância de trocas intelectuais e a forma de ser do outro. A alguns dos

entrevistados relatou que um dos pontos fundamentais que chamou a atenção foi a maneira como o parceiro instigava o aspecto intelectual ou na forma de ser tratado por este, dando pouca ou nenhuma importância para o aspecto físico.

Adão reconhece que, no cotidiano, as pessoas não falam muito, enquanto na Internet podia encontrar pessoas interessantes e com experiências sem precisar recorrer muito ao corpo, como no caso de Eva: *num tinha muito isso do corpo, não. O corpo... é a cabeça! [...]* . Logo, exprime que seu interesse por Eva despertou porque tinha uma facilidade em manter um diálogo, sem precisar recorrer a assuntos de descrição física:

Mas cum, cum ela foi melhor porque a gente conseguia, é... basicamente falar, conversando, variando os assuntos, quer dizer, eu acho que... a dificuldade que eu via com as outras pessoas é que você não conseguia manter um diálogo. Tinha uma qualidade que era até melhorzinho, sabe, mas no geral... a primeira pergunta: você é solteiro ou casado? Aí... imediatamente, né. (trecho inaudível), ou então cê não responde, as táticas que a gente usava, né. Aí, (perguntavam) “você... é alto ou é baixo?”. Aí ficava naquela descrição, no geral todo mundo tenta construir logo, mais ou menos, o tipo da pessoa, né. Eu acho... no nosso caso não, a gente tá muito mais preocupado em conhecer qual é a cabeça do outro. Tipo, o que era que... e esse diferencial fez com que a gente a gente se apegasse. Não importava... que foi até que a gente conversou... eu não lembro quantas vezes, mas muitas vezes, a gente nunca se preocupou em perguntar se você é alto ou se é baixo, depois, sim, a gente começou a... investigar melhor. Mas, basicamente, era... (trecho inaudível) que era, sempre muito bom. Eu acho que a gente fazia um perfil diferente.

Deste modo, Adão considera que se interessou por Eva na Internet porque ela possuía um nível cultural interessante, que possibilitava manter “diálogos

surrealistas” com ele. Portanto, ressalta que também a maneira como escrevia na rede foi um aspecto significativo para despertar o interesse por ela e não pelo *nickname* que ela possuía:

Pelos diálogos que as pessoas iam tendo, você às vezes escolhia com alguém pra se, se... não seria assim, pelos apelidos, né, então aí... quer dizer, como eu fiz. Eu ficava vendo a conversa, tudo mais, aí de repente eu achava que aquela pessoa tinha uma conversa, uma maneira de escrever interessante. Aí você começava a puxar um... um papo, assim, “não é, você, não sei quê, não sei quê”. Aí de repente então a Eva foi mais ou menos assim.

Julieta relata que teve interesse em Romeu quando notou que ele não cometia erros de português e também ao descobrir que ele possuía o mesmo nível de escolaridade, inclusive porque Romeu era formado na mesma graduação que ela estava terminando:

[...] quando começamos a conversar, eu gostei porque era uma pessoa que, assim, eu percebi, né, que tinha, mais ou menos, a mesma, é, escolaridade, tinha mais ou menos os mesmos interesses que eu [...], então, muito embora nessa época ele já não estivesse mais trabalhando essa profissão liberal, mas era uma pessoa formada no mesmo que eu¹⁰, uma pessoa com quem eu podia conversar, eu sou muito ligada em, em, em... [pausa] na questão intelectual [ênfase] e eu via que era uma pessoa que não cometia erros de português, isso, isso contou, né, porque... era uma pessoa com quem eu podia estabelecer... algum tipo de contato, assim.

¹⁰ Houve uma modificação na fala original da entrevistada devido à necessidade de manter o sigilo

Esses interesses são destacados por Julieta, que os privilegia sem fazer referência ao interesse no aspecto físico dele. Romeu também expressa como foi importante o aspecto de não cometer erros na língua portuguesa, ter o mesmo nível cultural e de graduação:

E a partir do momento que, pra você me chamar a atenção, pra que, ela... conversava com português absurdamente perfeito. [pausa] É..., eu tenho... [muda de idéia] outra coisa: se ela tivesse cometido erros grotescos, de português, eu também não ia... me interessar por ela de maneira alguma, entendeu? Então, é tipo uma seleção natural que é, que é diferente, talvez..., ou parecido da vida real, né, mas... só que lá vai tá uma pessoa, que ela vai, fala todo errado, cê também já... já se sente [ênfase]... uma coisa meio estranha, quer dizer que ela, vai é, vai (palavra inaudível) dinheiro, vai a nível cultural diferente. Acho que pode até que dar certo, mas... mas... as pessoa tem que ter um... eu acho que as pessoas têm que ter um certo nível cultural parecido. Acho que, pode até superar. De repente, um... uma... não um nível cultural parecido, mas, no caso específico, eu observei realmente o... o jeito que ela escrevia, o que ela fazia, ela era estudante [...], e eu... sou advogado também, além de jornalista. [pausa] Né, o jeito dela escrever, ela era uma pessoa extremamente inteligente..., bem humorada, irônica nas, né?

Tarzan confessa que o fato de Jane ter lido pelo menos um livro na vida foi importante para continuar mantendo um relacionamento afetivo-sexual:

É, porque ela... lia, leu, já, alguma vez na vida, pelo menos leu um livro. . O primeiro livro que eu li acho que tinha... foi o primeiro livro que leram, leram pra mim eu devia ter una, cinco anos foi o Pequeno Príncipe. Aos oito anos já tinha lido... Júlio Verne quase todinho. Barrabás, coisas assim absurdas. Aos doze, anos eu lia 200 páginas

por dia. (pequena pausa) É comum, sabe... pelo menos meus amigos eram todos iguais.

Para estes entrevistados, notamos que já houve uma seleção baseada nos critérios de intelectualidade e de escolaridade. A necessidade de preencher tais aspectos, para os casais, denota que na Internet existe um desnivelamento social que também encontramos no cotidiano da sociedade capitalista (Wolton, 2003). O desnível que se encontra na sociedade capitalista, seja de não ter tido acesso a escolaridade ou a possibilidade de adquirir melhor nível intelectual, é apontado por parte dos entrevistados como um critério de seleção *a priori*. Assim, a Internet passa a ser um espaço de reforço das desigualdades. Refletimos que, neste caso, o nível social, que significa boa escolaridade e intelectualidade, exigido para a manutenção da relação somente pode acontecer quando se tem meios econômicos para isso. Assim, constatamos que na realidade virtual não deixa de existir a influencia economia nos vínculos dos casais.

O mesmo foi constatado no relacionamento de José e Maria, pois, na declaração de Maria, José não possuía muitos recursos financeiros, como diz:

Foi maior prova que ele gostava de mim mesmo, foi quando ele veio pra Fortaleza. Maior prova que foi pra mim foi quando ele veio. Fora, assim, ele não tinha situação financeira... bem, lá em São Paulo, né? E era... vivia tranquilo, graças a Deus, nunca passou necessidade. Mas... quer dizer, então eu sei que... foi um esforço que ele fez pra vim e. [...]

Com esta declaração, resta claro que a situação econômica de José se mostrava com menores recursos econômicos do que os entrevistados, portanto, não

expressando um interesse em Maria algo vinculado a ter um elevado grau de escolaridade ou ter um bom nível intelectual. Para ele, declara, o que fez ter interesse quando não a conhecia pessoalmente foi o jeito como a parceira o tratava, com insistência de conversar com ele, atenção e cuidado especial:

E ela me deu uma atenção especial e... às vezes eu queria conversar com outras pessoas e ela tava cortando sempre dando uma... uma entrada assim, sabe, pra eu dar mais atenção pra ela. E aí foi, [ele teria dito a ela] “tá bom, vamos pro particular”. Fomos pruma sala particular e conversamos, trocamos idéias... perguntei da família dela, ela perguntou da minha, né, e essas coisas. [...] Da parte dela, é. Mas foi legal, é uma coisa, sabe, assim, um cuidado especial, né, comigo. Não era aquela coisa, assim, de mandar... foi...

Para ele, a aparência física de Maria também não era algo fundamental para ter o desejo de continuar mantendo a comunicação nem para impedir de viajar para Fortaleza ao encontro dela, como demarca:

Mas não é por seus olhos, é por sua personalidade... sua pessoa, a Maria, né. Não me interessa se você é gordinha, magrinha, que história é essa? Vou te conhecer”. Até aí num era nada sério, assim, a ponto de chegar aqui poxa, é aquilo, né. Depois que eu conheci ela foi que realmente houve aquela química, foi, pô, Maria... foi bacana.

Maria também faz referência direta à importância do aspecto de ser tratada com atenção e carinho como sendo melhor do que os aspectos físicos e sexuais:

[...] isso ele sempre foi muito atencioso comigo... sabe. Então, como na... não tinha... a parte física do relacionamento, entendeu... é, quase que então, ele era muito carinhoso, muito atencioso. Então pra uma mulher, atenção e carinho é muito melhor do que... entendeu?

A atenção e o carinho que se sobrepunham aos aspectos físicos trouxeram outra característica que Maria aponta como fundamental, que é o sentimento de apoio e acolhimento proporcionado por ele durante as conversas. Além do apoio, também teve interesse em continuar a relação *on-line*, porque tinha muitos pontos de afinidade nas conversas com José como, por exemplo, gostos musicais.

Nossa concepção desses dados apresentados é a de que a Internet é um espaço aberto a várias possibilidades de interações virtuais, inclusive com pessoas de diversas classes socioeconômicas, mas os casais somente procuraram um outro que tenha o mesmo nível sociocultural que o seu, assim ressaltado a influência de uma realidade capitalista presente na realidade *off-line* no mundo virtual (Wolton, 2003). Apesar de ser um ambiente que dá oportunidade para se conhecer uma grande variedade de pessoas, os participantes ficaram presos a uma demanda constituída pelo seu nível social, não dando margem a ter outros desejos de ter contato com outros tipos de pessoas.

Também este ponto foi muito destacado pelos participantes: a pouca importância conferida ao aspecto do corpo; ou seja, nos trechos apresentados pelos entrevistados, enfocamos o fato de que, durante a interação pelos meios de comunicação, quando ainda não se conhecia pessoalmente, a questão do corpo passou para segunda instância, sendo principalmente os aspectos das trocas intelectuais ou no nível de preocupação e atenção como o outro. Assim, cremos que

uma questão significativa na Internet é a ausência do corpo físico do outro. Logo, evidenciamos que, para a maioria dos colaboradores, a ausência do contato com o corpo físico, característico do meio de comunicação digital, não significa que haja um perda da afetividade ou de interesse entre os usuários (Vieira, 2003). Portanto, ocorreu uma boa forma de lidar com a ausência de interesse no aspecto físico, com um maior engajamento no interesse de conhecer intelectualmente ou ter cuidados especiais com o outro, que mostra uma experiência afetiva pela rede.

4.2.3 A foto é fundamental para a relação afetivo-sexual

Alguns entrevistados exaltam a necessidade de saber como fisicamente é o outro, inclusive como condição para continuar a interação virtual. Para isso, organizamos alguns trechos de experiências destes que expressam terem pedido logo uma foto do outro.

Romeu expõe a idéia de que, apesar de a Internet ser virtual, sentiu a necessidade de saber como Julieta era fisicamente, por isso, logo, no primeiro dia, trocou de foto com ela. Afirma que a foto foi um fator fundamental:

[...] que eu acho que foi um fator fundamental pra gente continuar... conversando, porque... (pausa) é... apesar da Internet ter essa coisa virtual, tal... de repente, surgiu um interesse... pela, pela conversa, a visualidade, tal, da foto, acho que... parecia fundamental.

Tarzan, também, declara que saber como era Jane fisicamente foi um dos pontos que o fez ter interesse nela, portanto, logo pediu a foto dela; ou seja, deu ênfase à importância das características físicas como pré-requisito para continuar o

relacionamento, principalmente porque não se encontraria com ela se não o agradasse fisicamente: *eu tinha a foto dela. Pedi logo no começo. Acho que num foi tão segredo não.* Ela falou: *“ah, eu sou magrinha e ta”*. E eu: *manda uma foto pra eu ver.* Quando indagado se *era interessante saber como era as características física.* Tarzan responde afirmativamente, complementando com a seguinte idéia *eu vou sair com mulher horrorosa? Nunca!* Os aspectos físicos ficam ainda mais exaltados pelo entrevistado quando diz que no momento em que soube que ela era branquinha e de descendência alemã, pensou que com ela poderia casar já imaginando o filho que iriam ter:

Claro que é. tem algumas coisas que você não pode... deixar passar, tipo... pode até parecer racismo, mas... assim, eu não gostaria de, de, de... começar um relacionamento com uma pessoa de cor. Apesar de que, quando eu conheci ela, eu num tava nem vendo. Se ela fosse azul, sairia com ela do mesmo jeito. Mas cê quer saber. Namorei seis anos com uma... com uma mulata. Mais por isso que eu falei “não, pelo amor de Deus, nunca mais, num quero mais saber não”. Essa aí me criou um bocado de problema. [trecho inaudível], não sei quê. Aí quando eu vi uma branquinha, cheirando, alemã e tal... alta, beleza! Fala assim: “Nossa, imaginou ter um filho com ela, grandão!”. [faz um barulho de resmungo]. Eu pensei nisso, acho que todo homem pensa. Quando quer mesmo casar e ter filhos, quando num quer num tá nem vendo.

Aqui está clara a situação de que a foto como meio de visualizar as características do outro foi pré-requisito para continuar o relacionamento afetivo-sexual. Como pudemos perceber, o anonimato decorrente da ausência corporal não significa que o corpo deixe de ter importância nos relacionamentos virtuais,

reforçados pela necessidade dos entrevistados em ter acesso à foto. Apesar da virtualidade trazer a ilusão de que o padrão de estética e beleza da sociedade contemporânea não seria importante, os trechos dessa parte dos entrevistados mostraram que na Internet também temos reprodução do que acontece na vida *off-line*. Para Semerene (1999), o mundo *on-line* está na esfera humana. Portanto, o interesse no corpo de outro aponta para a compreensão de que o que acontece na realidade *off-line* é levado para a realidade *on-line*, inclusive os padrões de estética da cultura atual. Conseqüentemente, se desfaz, com a fala de alguns entrevistados, a ilusão de um possível corpo virtual que não seria alvo de limitações, ou seja, de que no ciberespaço não ocorreria nenhuma forma de limite ou controle, com a possibilidade de realização de todos os desejos (Haje & Attuch, 1999).

O que realmente se encontra na busca pelo interesse no outro, como o *nickname*, a intelectualidade, o corpo ou a afinidade, são questões de valores, significados e desejos do indivíduo que se conectam, influenciado por uma cultura social. Tarzan exterioriza bem este ponto, quando ressalta que as pessoas vão para a Internet procurando satisfazer aqueles interesses que já faziam parte do seu cotidiano, ou seja, não passam a ter novos desejos por usar um novo meio de comunicação como a Internet, mas simplesmente reproduzem os mesmo desejos antes presentes (Figueira, 2007): *é... tenta impressionar a pessoa de uma maneira ou outra. Cê usa dinheiro, carro de som... inteligência, beleza... drogas! Pode ir colocando, cada... setor da sociedade tem a sua... suas preferências, seus métodos, técnicas, sei lá.* Por tanto, a Internet, apesar de ser um espaço que possibilita a abertura de uma multiplicidade de contatos com as diferenças, continua sendo um veículo de reprodução da realidade *off-line*.

4.3 O Sentimento pelo Outro Virtual

Neste aspecto, discutimos como os colaboradores se sentiam ao conversar virtualmente com o outro. Neste ponto, foram enfocados as percepções e sentimentos das experiências virtuais.

4.3.1 A expressão dos afetos na internet

Selecionamos, aqui, declarações que expressam algum tipo de sentimento para o parceiro virtual. Parte dos participantes expressou ter sentimentos pelo parceiro virtual, como paixões, ciúmes, compromisso, preocupação e amizades.

Adão admite que se sentia apaixonado por Eva antes de conhecê-la pessoalmente:

Sim. Foi a... o último chamariz. O... interface, né, da... e existia um afeto, mesmo, você constrói... você constrói um afeto ali, certo? E é... só foi pro ela, assim, que eu... eu só me interessei por ela, na Internet (trecho inaudível). Mas com ela não, me apaixonei... tava apaixonado. Eu, era o meu tipo mesmo. Uma coisa muito individual, assim, muito...

Por ter esse sentimento já formado na Internet, Adão já mostra vínculos afetivos por Eva, antes de conhecê-la pessoalmente. Com base nesse sentimento, ressalta que sentia ciúmes por ela ficar conversando com outros internautas ou por ela marcar uma hora de se encontrar com ele na rede e ela não estar: *mas depois de algum tempo, rolava ciúmes*. Tal afetividade também encontramos em Romeu,

que aponta para um sentimento existente de compromisso com Julieta, pois já se sentia namorado dela:

Eu vim em maio aqui pra Fortaleza, pra... vê-la pessoalmente. Foi quando eu vim pra cá, eu já me sentia namorado dela, mesmo sem... sem tê-la visto pessoalmente. Do lado de Julieta também há a confirmação de existir uma afetividade no nível de compromisso com Romeu: [...] embora a gente nunca tivesse se visto, a gente já se sentia completamente comprometido porque a gente já falava em relacionamento [...].

Compreendemos que este exemplo vem mostrar que o relacionamento virtual dos entrevistados não se caracterizava pela superficialidade. Muito pelo contrário, notamos que são relações implicadas por afetividade e compromisso (Nicolaci-da-Costa, 2005; 2006). Uma situação que realmente expressa o compromisso de Romeu e Julieta foi marcarem de ir para o cinema assistir ao mesmo filme, no mesmo horário, só que ela estando em Fortaleza, enquanto ele ia assistir em São Paulo.

No caso de José, deparamos uma afetividade que foi muito associada ao ciúme, porém depois ele recoloca, dizendo que, na verdade, era uma forma de ter cuidado, pois se preocupava com ela. Durante a entrevista, lembra-se de que se inquietava com o fato de se preocupar com uma pessoa desconhecida com a qual somente teve contatos virtuais. Assim, notamos que pela rede já estava ocorrendo o estabelecimento de uma relação mais duradoura, podendo continuar como uma amizade ou até ser um relacionamento afetivo-sexual (Vieira, 2003).

E ela: eu vou pra cirurgia e tudo. Eu fiquei muito [ênfase] preocupado, essa noite eu num consegui dormir. Uma coisa assim, sabe, de outro mundo. [ele pensava] Poxa, como é que eu tô me envolvendo tanto com uma pessoa que eu não conheço?

Logo, reconhece que eram íntimos, mas que, mesmo tendo estes sentimentos, não considerava um relacionamento sério. Da mesma forma se posiciona Maria, que diz ter afetividade por José, mas que considerava como um amigo, pois não sabia como seria pessoalmente tanto aos beijos quanto aos abraços:

Então, a priori, nosso relacionamento foi muito bom nesse ponto, eu, eu sentia muita amizade nele. E depois, quando a gente se conheceu, é, é, rolava aquela parte de química, né, que sempre rola, num tem que ter no casamento. E ele foi, como, como a gente passou a, adiante mesmo o relacionamento.

A amizade foi como Tarzan se referiu ao sentimento que tinha via Internet:

Relação é, é... como assim? Defino melhor a pergunta, como é que eu via a relação? Amizade, no começo. Ah, conheci uma menina tão... conheci uma menina na Net, pronto. Só que é aquela história, né, a Net te dá recursos. O assunto que você tá conversando, você... você pode abordar... pode se aprofundar, pode... sabe, basta abrir uma segunda página da Google e... sair pesquisando tu aqui lendo e conversando [risos]. Então eu, eu num me lembro o que era mais esquisito isso.

Na expressão de parte dos entrevistados, confirmamos que a relação virtual tem algum tipo de afetividade, na qual os participantes não expressam

desconsideração ou inferioridade na experiência virtual. A maioria se posiciona como tendo constituído algum tipo de vínculo ou compromisso na rede. Como endossa Costa (2007), as interações virtuais devem ser entendidas como relações baseadas em um vínculo afetivo, assim saindo de concepções preconceituosas, nas quais a afetividade somente poderia ocorrer face a face.

4.3.2 A afetividade no relacionamento virtual é carência

Para alguns, manter relacionamento afetivo-sexual via Internet é um comportamento a ser criticado, pois somente pode ser realizado por pessoas que não estivessem com algum problema afetivo.

Eva destaca a idéia de que a Internet não é um espaço para se apaixonar, mas um local de encontros para fazer amizades mas sem compromisso. Assim, ressalta que os relacionamentos afetivo-sexuais via Internet são para pessoas que não têm um senso crítico:

[...] o relacionamento mesmo vai se dar no outro plano, né, aonde você vai, né, realmente investir a sua afetividade, que vai ser num outro momento, não é naquilo. É ridículo, né. [fala como pessoas que critica dizem] “Ai, adoooooro essa pessoa”, isso é muita gente carente que entrava nessa. Impressionante, impressionante. Aí você fica, pô, não, não é assim que tem que ser. Geralmente, com essas pessoas, eu não me dava muito bem, não. Eu já ia logo descartando, [dizia pra essas pessoas] “para com isso, meu”. Não tem essa, não. Mas, mas, mas... a minha turminha não era assim, era uma turma bem... bem pé no chão. Pé no chão nesse sentido, é dizer, tudo que tá na Net... tinha uma outra coisa que era muito feia, que eu adorava [palavra inaudível]. São Paulo é uma cidade estranha, né, não é que...

São Paulo não pára, assim, ela fica, alta madrugada e tudo aberto. Às vezes eu tava ali, dez horas da noite, conversando com alguém, “vamo tomar café?”, “vamo, vamo encontrar num sei aonde”, “vamo”, a gente ia e tomava um café. Era uma coisa super legal, que aí cê passa... anos em São Paulo sem conhecer ninguém, sem ter alguém pra fazer companhia pra você ir em algum lugar, né. Pô, aquilo pra mim era uma super... válvula de escape, pra poder sair, pra aproveitar [...] Eu acessava e a gente ia. Ah, vamo, vamo hoje no, no... a gente ia muito no Ancoradouro, vamo comer pãozinho. Então era... gostoso isso, né. Sem nenhum compromisso. O mais gostoso é isso, que era sem nenhum compromisso. Você vai, e aí você vai... se divertir, se reunir com os amigos, conversar e tal.

Com suporte nessa concepção, expressa que não sentia nada por Adão. Eva assegura que ele era mais uma pessoa a se conhecer via Internet como já conhecia muita outras; logo era mais um amigo com quem conversava como os outros que tinha na Internet: *o Adão era uma das que eu gostava, mas não era o único. Tinha várias outras pessoas que eu conversava.* Muitas pessoas que conheceu na rede via Internet chegou a encontrar pessoalmente, mas nunca teve nenhum envolvimento com eles. Assim, Adão, como mais um amigo virtual, também resolve conhecê-lo pessoalmente aproveitando que queria conhecer Fortaleza. Na sua compreensão, a aproximação virtual proporcionaria interações mais freqüentes, no entanto mais superficiais e menos engajadas que permitem uma desconexão mais fácil (Bauman, 2004).

A mesma visão tem Jane, que aponta para suas experiências de relacionamentos afetivo-sexuais como um problema ligado à sua depressão. Na sua idéia, as pessoas, conforme ela, que têm relacionamentos afetivo-sexuais virtuais, vivem uma grande ilusão:

Eu acho, assim, muita carência, uma pessoa muito carente. Solitário ou que moram longe ou que não tem pai ou que não sabe... ou não tem como manter contato com gente... assim, como é que eu posso dizer, (subitamente ela eleva a voz) ou tá muito... longe, fora. Ou, ou é muito tímida, como eu. Ou... num acredita... é gente que não acredita que vai encontrar gente decente aqui na... na noite, nos bares. [...] Eu, não, muito pueril, muito tola mesmo. O bom é que se eu tivesse entrado numa sala muito sacana, muito safado... teria me incentivado a passar uma violência ou manipulado, qualquer coisa do tipo. É, eu tô sendo bem sincera, acho que é isso que você quer, né? E... é isso que eu facilitei, eu tava muito alienada. Mas me sentia super diva, né... eu criava a ilusão e vivia aquela ilusão na Internet pra... teclando com outras pessoas, né? [...] Do jeito que eu era, que eu estava, com medo das pessoas, com medo de homem, sabe, a depressão faz você ter medo de gente.

Com tais trechos destacados, entendemos que parte dos entrevistados acredita que os relacionamentos virtuais são formas inferiores ou problemáticas de contato se comparados aos encontros face a face. Desse modo, resta claro que os relacionamentos verdadeiros deveriam ocorrer no contato pessoal, enquanto os virtuais não passam de uma ilusão. Tais idéias apontam para uma hierarquia de valores, na qual as interações virtuais são inferiores aos tipos de contato face a face. Neste âmbito, os relacionamentos que as entrevistadas vivenciaram *on-line*, de acordo com Bauman (2004) não possibilitam laços afetivos de compromisso.

4.4 O Que a Internet Proporciona

Neste tópico, reunimos as características que os participantes da pesquisa apontaram como diferença da realidade *on-line* e *off-line*, enfocando, principalmente, o que a Internet propiciou de experiências significativas via Internet. Para isso, dividimos este tópico em quatro pontos: sair da solidão, sensações gratificantes e sensações de medo e de vergonha e sexo virtual.

4.4.1 Sair da solidão

De acordo com as descrições dos entrevistados, a Internet é um espaço que possibilita manter vínculos. A procura por tais vínculos decorre do sentimento de solidão que acontece no cotidiano, declara Adão. Notamos que este sentimento de solidão que se encontra no *dia-a-dia* é, segundo Lazarin (2000), uma das características da sociedade atual, em que as pessoas passaram a se preocupar em satisfazer suas necessidades, perdendo a visão do coletivo, bem como o contato com ele. Adão expressa sentir falta dessa rede de apoio e do contato do coletivo, por isso passou a participar das salas de bate-papo:

Você vai conversando, cê tá ali pra querer conversar com alguém, né? Então... nesse querer conversar... é claro que você tem... vê características, cê vai procurar... a pessoa que responda seus anseios, seus, e compartilhar a sua... a sua solidão, né? Porque quem tá ali pra conversar é porque tá só. Senão tava noutra canto. Tá ali, é uma reunião de pessoa que estão ali, que estão em casa e resolvem conversar com alguém. Então dentro dessa solidão que todos estão partilhando dessa maneira,

“você vai buscar uma pessoa que... que tenha a ver com seus anseios e diga assim “olha, eu tô a fim de conversar com uma pessoa sobre um determinado assunto”.

Adão confirma que a Internet foi um lugar propício para procurar relacionamentos virtuais. Maria também acredita que a Internet é este espaço para compartilhar como o outro: *a gente foi atrás de colo, atrás de ombro, né? A gente tava muito triste. Então a gente se apegou e se apoiou, né?*. Compreendemos que tal fala mostra que a Internet proporcionava a Maria um local de trocas de idéias e sentimentos com o outro. No caso de Tarzan, ele também tinha o viés de uma socialização promovida pela rede que lhe proporcionava diversão:

Literalmente, tanto faz a ocasião, a idade, sexo, cor... sabe? E Internet é muito bom pra isso. Você tem uma gama vasta de... cê pode escolher o quê que cê quer, o quê que não quer... então foi... meio que assim que eu conheci ela, a intenção era... se divertir.

A mesma concepção encontramos em Eva, que participava da Internet na intenção de se divertir:

As pessoas que conheciam se... se gostavam de alguma maneira, né. E eu comecei a fazer amizades no chat, assim, mas amizades que saíram do chat e foram pra vida real, mas eram amigos, mesmo que a gente... saía e “ó, tem um show num sei aonde, vamo”, “vamo num sei aonde”, e aí ficou... foi interessante porque eu tava sozinha, era uma maneira também de... sair um pouco dessa solidão.

Deste modo, Eva percebe a Internet como um meio para conhecer pessoas e ter companhia para sair, pois se sentia muito solitária em São Paulo. Relata que, aos quarenta anos, não há mais grupos para sair e conhecer, como acontece na adolescência. Compara esta ausência de apoio social que não encontra da realidade face a face com o costume do povo judeu que têm um sistema para tentar parear casais que se separaram ou pessoas que ficaram viúvas de qualquer faixa etária. Com tal exemplo, tenta mostrar que a Internet foi a alternativa mais interessante de se socializar: “[...] era um campo de socialização mesmo. Olha, existe gente no mundo, existe gente interessante no mundo e eu posso conhecer. Coisa que, se eu não tivesse Internet, eu não teria condição”. Eva, então, se apresenta como alguém que tenciona estar próxima de outras pessoas, mas que não encontra espaço propício na sua realidade cotidiana. Nesse contexto, ela procurou a rede como um meio de conseguir compartilhar o seu interesses e sentimentos comuns com outras pessoas (Lemos, 2004).

Assim, nossos informantes nos levam a acreditar que a Internet exerce o papel de proporcionar um ambiente de socialização perdido em uma cultura que não facilita para as pessoas, no seu cotidiano, comportamentos de criação de laços sociais. Como destaca Lemos (2004), a Internet se tornou uma ferramenta utilizada para a comunhão de sentimentos, diferente da concepção de que ela seria somente uma fonte de informações como bem destaca Eva, na sua necessidade de contato humano, a Internet para ela significou uma válvula de escape possível em razão da nova forma de agregações sociais. Neste sentido, os colaboradores deixam claro que não significa apenas uma vivencia restrita ao contato com a tela do computador que lhe traz informação, mas a experiência do relacionamento virtual que vai além do meramente informacional (Savater, 2000).

4.4.2 Sensações gratificantes

A Internet situou os entrevistados em circunstâncias nas quais perceberam como trazendo algum tipo de satisfação ou vantagem que não iriam adquirir se tivessem conhecido o outro pessoalmente. Os trechos significativos dos colaboradores apontaram para quatro pontos principais: o prazer de teclar, a vantagem de estar anônimo, a sensação de segurança e a maior intimidade com o outro.

Adão confessa que sentia maior prazer teclando do que falando:

Não, é, às vezes por telefone. Internet era todo dia. Escrever era melhor que falar, né, você tem que dar na frase... o efeito diferente. Eu tô conversando com você, tem a entonação de voz, tudo mais... na frase você dizia as palavras pra dar o efeito. Então, se eu sou irônico, quando eu tô falando uma ironia, né, na fala eu posso dar uma entonação de voz, eu posso mudar a pontuação, mas escrevendo você tem que construir isso com as palavras, entendeu? Então você tem o... se você vai fazer uma, uma, falar uma coisa engraçada, também cê tem que... não é contar uma piada. É falar algo engraçado, na palavra é diferente, a gente fica... porque fala, você tem o gestual, te toda a fisionomia e muda, quando você tá escrevendo... então isso é... como a gente conseguia fazer isso muito bem, a gente... e a gente ria do outro, e tudo mais e foi escrevendo. Se você tá conversando uma coisa com alguém, você fala uma coisa engraçada, aí o outro ri, você fala: hahahahaha [onomatopéia] na Internet. Aí o outro bota a carinha de riso, aquela simbologia toda aquela codificação. Que era legal.

O bem-estar se torna evidente em Adão, que completa a satisfação de se comunicar via Internet, ao comentar a facilidade de manter um diálogo que não precisa responder imediatamente:

Era... era muito mais fácil. Era muito mais fácil. Porque quando você tá escrevendo dá tempo de você pensar, o que queria falar, assim. Quando cê tá falando, cê tem que responder, tu me pergunta eu tenho que responder. Vou ficar aqui parado, olhando pra ti? Não, na hora que eu tô escrevendo eu posso parar um pouco... e bolar do jeito que eu quero dizer. E a gente fazia muito assim, depois que a gente tinha... cada experiência sensorial dessa, aí depois a gente entrava pra conversar, tentar saber o que é que mudou, o que que era diferente. Interessante, eu não lembro mais.

Logo, a ausência do corpo passa a ser uma característica que auxilia no prazer de seduzir pelas palavras. Adão confirma, a todo momento da entrevista, que sente um prazer em manter a comunicação virtual, que, para Nicolaci-da-Costa (2005), significa uma característica percebida nos usuários da Internet: a imensa satisfação e a criatividade no ato de se comunicar via Internet. Adão endossa, pois, na rede, ocorre uma forma de intimidade verbal que não acontece no encontro pessoalmente, pois este fica muito voltado para a aparência física e para o contato corporal:

Há uma afinidade em termos de algo, dessa confusão toda mais... né, verbalizada, né, a construção. Nós não começamos como muitos casais, que começaram com beijos e abraços, não, nós começamos conversando. É diferente. Mas daí eu acho que vem a grande diferença. Acho que a grande diferença é isto. [...] Não, não. Tô te falando, na hora que a gente se conheceu, rapidamente... na verdade a gente era

muito íntimo. Tinha uma intimidade... é, verbal. Acho que foi isso. Acho que é uma coisa que é interessante. Primeiro porque... eu acho que, tanto nos relacionamentos que eu tive, eu tava mais preocupado... em conquistar o outro, mas no sentido, usando todos os artifícios, né? O aspecto mais físico, o visual, então, você... se derrete. Então, tem todo um mecanismo de sedução, através de palavras, né, nesse aspecto. Nós, no nosso campo, era só a palavra. Não tinha outra sedução, a sedução era a palavra, então. Grande elemento que diferenciou aquilo ali.

Eva concorda com Adão na possibilidade de ter maior aproximação pelo relacionamento virtual do que o face a face, pois na Internet há mais tempo de convivência do que se ocorresse o encontro face a face:

A Internet acho que tem essa coisa de bom. Se tem alguma coisa de bom na Internet... é isso de você, de... de achar que... de ter um, um, um, uma maneira de conhecer o outro que te dá muito mais tempo... de relacionamento. Se, no relacionamento real, você encontra com seu namorado no fim de semana, você tem, sei lá, oito horas por semana com ele, né. A Internet você tem duas horas por dia, então você multiplica isso... de tal maneira que o relacionamento fica muito mais próximo do que se não tivesse a Internet. [...] A verdade é essa, você tem a possibilidade de ter mais tempo de convivência... que não é uma convivência real, mas é um, um... alongamento dessa convivência real. Que você conversa muito, então, você tem muito mais, mais chance de, de, de... de conhecer o outro, né.

Como há o anonimato decorrente da ausência do corpo, Eva completa, dizendo que realmente é um meio interessante porque não precisava nem se arrumar para encontra-se com o outro. Tal situação implicava em um outro ponto que também lhe era muito satisfatório: a segurança proporcionada pela Internet.

Retoma, exprimindo que a Internet é uma forma fácil, rápida e gostosa de conhecer as pessoas sem se arriscar muito, já que se encontra em um ambiente seguro para conversar:

Por que mais pra mim? Era uma maneira de conhecer as pessoas. E uma maneira fácil, rápida e gostosa sem você ter que se arriscar muito. Porque... eu não precisava sair de casa, eu não precisava, é... me pintar, me arrumar, não seu quê, etc, etc. Não precisava me arriscar... era um ambiente seguro, sentava lá e ficava conversando. Nessa... e, e, e, se por um acaso, né, eu quisesse conhecer [ênfase] a pessoa, a pessoa manifestasse que queria conhecer e eu também, eu ia fazer isso. Mas já num contexto diferente, né, um contexto de... num vou, é... tão às escuras assim porque eu, de alguma maneira, já sabia um certo conhecimento da Internet. E a Internet pra mim sempre... sempre teve essa conotação, e sempre foi gostoso exatamente por causa disso.

Romeu também sente a satisfação de se relacionar via Internet por causa da sensação de segurança. Para ele, a Internet propicia a sensação de proteção sem constrangimento, portanto sentia-se livre para perguntar algumas questões que no face a face não teria coragem de indagar.

Mas a plataforma da Internet foi uma coisa, pra mim, extremamente natural, senti nenhum entrave por isso foi um facilitador. Porque... você... fica protegido de alguma, de alguns constrangimentos, ou você acaba perguntando alguma coisa que talvez você não perguntasse.

Confessa que o agradou o relacionamento virtual, porque ele propiciou conhecer Julieta de maneira gradual, sem a necessidade de ter pressa. Na sua

concepção, atribui a chance de criar e aprofundar a relação ao fato de ser virtual; ao contrário da relação iniciada no face a face, pois iriam, talvez, priorizar o contato físico. Portanto, assevera que, se ocorresse essa prioridade do contato físico, talvez nem estivessem casados hoje:

Tinha aquela expectativa de, você receber o e-mail, de você man..., ligar o computador e ter uma mensagem do ICQ, a, a [expressão inaudível], aquele convívio, até quando... até, [duas palavras inaudíveis] a gente ia falar pelo fone, dava aquele frio na barriga... normal. Mas foi um mês, assim, de, de conhecer. Mas foi um mês muito bom porque a gente teve a possibilidade de mandar e-mail, ICQ, de conhecer sem muita... pressa [ênfase], né? Sem muita pressa e sem toque [ênfase], né? Porque o toque, é... o toque, eu acredito que isso às vez... [pequena pausa pensativa], ele, ele vai além do conhecimento. E no nosso caso, a gente se conheceu antes, de, de tocar... né? Né, de, de beijar, de... [pausa] de abraçar, a gente acabou... tendo um conhecimento de... [pausa] de gosto, de personalidade, através da Internet, pelo correio eletrônico.

Julieta confirma o mesmo sentimento de Romeu, ao dizer que, pela Internet, o conheceu mais profundamente do que se fosse pessoalmente: *provavelmente, a gente se conheceria profundamente se a gente tivesse se conhecido... pessoalmente desde o começo, né? Então quando ele chegou aqui, que eu o vi, eu já conhecia muita coisa dele e ele também.* Esta perspectiva também é encontrada em Jane, ao reforçar a satisfação de manter relacionamento virtual, porque naquele ambiente se sentia segura e protegida. Pelo fato de estar protegida pelo teclado, ressalta que existia a possibilidade de falar sobre assuntos sexuais ou de aprofundar questões íntimas de maneira confortável:

Era muito confortável, né. Era não ser tocada [ênfase]... né. Era eu que... era eu que queria ou não queria experimentar o prazer, sabe que cê tá entendendo o que eu quero dizer? Masturbação, que muitos se masturbam. E porque eu não queria... ou inventava que estava [ênfase] e tava sentindo muito prazer e haja [ênfase] dizer um monte de besteira e o cara lá do outro lado também devia tá fazendo, inventando ou vivendo, não sei. Sabe? Então você viaja mesmo na maionese, é muito confortável, extremamente nesse sentido. Na sua casa... segura... preservada, vivendo aquilo que cê tá vivendo, né? Na intensidade que você quer, na hora que você quer ir. O resto é... só palavriado! Né? É isso?

Como percebemos com clareza, a Internet proporciona um espaço de criação de um tipo de intimidade diferente da forma como se estrutura no encontro face a face, principalmente porque, na rede, há uma ausência corporal que implica a dificuldade de se manter contatos físicos. Tal ausência apontada por grande parte dos entrevistados leva a um maior aprofundamento e intimidade na relação do que se ocorresse pessoalmente, ficando muito no âmbito do desejo sexual.

Este fenômeno é possível porque, como destaca Sayeg (2000), o corpo do cotidiano é marcado por normas de condutas sociais, diferentemente da realidade virtual, onde o corpo sofre uma diminuição das imposições das regras sociais, em razão da sua ausência. Em outras palavras, tal ausência corporal, então, leva os participantes da pesquisa a sentirem pela Internet uma vivência diferente da cotidiana, já que, na rede, ocorre um fenômeno de suspensão das normas cotidianas. Com esta sensação, muitos dos entrevistados destacam que podem adquirir maior intimidade com o outro, principalmente porque não sentem vergonha de ser repreendidos, assim podendo dizer o que querem. Por isso, os casais relatam

de maneira tão espontânea a sensação de uma forma de intimidade diferenciada da constituída no on-line e a possibilidade de se sentirem seguros. Logo, o anonimato, ao mesmo tempo em que cria um vínculo de intimidade, também implica a possibilidade de um distanciamento do outro, assim garantido pela satisfação da segurança de se expor a este outro.

4.4.3 Sensações de medo e de vergonha

O medo de quem está do outro lado da rede é um aspecto presente nos nossos entrevistados. Por não saberem se a pessoa está falando a verdade ou é uma mentira, todos os participantes relataram que buscavam meios condizentes de precaução em situações embaraçosas ou desastrosas. Para se resguardar e se proteger de possíveis situações de embaraço, de sofrimento e de perigo, os entrevistados confessam que se utilizavam de mecanismos defensivos, seja na própria rede, seja no encontro pessoal.

Adão assume a idéia de que tinha dúvidas do outro estar sendo sincero com ele durante o bate-papo, por isso se utilizou de um meio para tentar descobrir a verdade: *encontrar pessoas com outras experiências, cê sabia que tinha dessas muitas coisas que era mentira, mas aí você pegava na mentira. Jogava umas verdes e pegava as mentiras do povo.* O mesmo ponto de vista tinha Eva, ao assinalar que, apesar de a Internet ter pessoas legais, também podia deparar *gente louca*, e, por isso, tomava medidas preventivas sempre que marcava um encontro pessoalmente, como marcar em um lugar seguro, nunca ir no carro de um desconhecido ou levar dinheiro se fosse viajar para conhecer alguém:

Então... na Internet, não é diferente, tem gente muito legal e tem gente muito doida. E uma das coisas que eu sempre fiz foi me precaver, de problemas que o povo me contava, né. De gente que combinava encontro com, viajava pra encontrar e... se armava, se via numa arapuca, né, sem ter como sair, essas coisas assim, eu sempre tentei me defender da melhor maneira possível. Tanto que eu vim pra cá... já com, com minha vida meio que assim, [lembra falando de si para si] “olha, eu vou lá, vou encontrar o cara, mas eu vou... tenho dinheiro pra, pra vim embora, né, não vou ficar me expondo”... são cuidados que a gente tem que tomar na vida pra num... sei lá, pra não tropeçar, porque já tinha visto muita gente que tinha feito loucuras e ficou sem saída, “e agora, como é que eu faço? Pô, num posso ir embora, num tenho dinheiro” ou qualquer coisa assim, não sabe pra onde... correr. Isso eu nunca fiz. E eu não fiz quando eu vim pra cá também. Nun..., nun..., assim, na base do vamo ver o que é que a gente vai... vai acontecer.

A concepção de que, na Internet, há pessoas não normais foi exteriorizada por Tarzan: *nem todos funcionam, nem todos são gente... normal. Tinha umas que assustam, assim.* De Jane também percebemos considerar que na Internet “ocê encontra muita sujeira no meio. Declara que tentava se precaver de entrar em situações complicadas com estas pessoas, por isso tinha um MSN falso: *eu tinha um... MSN, é falso, assim, que a gente não dá o nosso MSN verdadeiro, né? A gente inventa um, né.* Tal conduta de Jane mostra que ela não é tão inocente, pois se utiliza de recurso da própria Internet para se prevenir. Tal prevenção dentro de um ambiente que é propício a se expor, para Nicolaci-da-Costa (2005), é um comportamento comum dos usuários, denotando que os participantes da rede, inclusive Adão e Jane, têm uma certa malícia quando “navegam na rede”.

Neste aspecto, José confirma que tinha medo de entrar em uma situação embaraçosa, já que tinha receio da Maria não ser a pessoa que se dizia:

Eu só espero que ela não tenha nenhuma pegadinha pra mim, que seja a Maria mesmo que eu tô conhecendo pela Internet, que eu falo com ela, que eu tô lá"... eu... imaginava assim, né. Não tem nenhuma pegadinha, chego aqui... de repente num, num... muito educada, que ela num tava sonhando, né?

Relata em trechos significativos que notava o mesmo medo por parte da família de Maria, pois José precisou inicialmente ficar em um hotel, além do que os pais dela, no início, o receberam com um pouco de desconfiança. Maria assinala o sentimento de receio antes de conhecer pessoalmente José. Assim, o meio de se prevenir de uma situação perigosa foi reservar um hotel para ele, quando José veio conhecê-la: *foi, é... lá no aeroporto, fui com a minha mãe* (risos). *Que num era pr'eu ir pro hotel, eu num sabia quem era, né, vai que... botar uma pessoa que eu não conheço na minha casa, né. Então, não sabia, né?* Como é possível constatar, a família de Maria também tinha receio de se encontrar com um desconhecido que somente tinha conversado pela Internet e por telefone.

A restrição de colocar uma pessoa desconhecida em casa também ocorreu no caso de Romeu e Julieta, quando ele veio visitá-la em Fortaleza. A família dos dois tinha receio de ser uma pessoa perigosa, pois ainda era desconhecida pessoalmente. Por isso, Romeu lembra que seus parentes diziam para ele ter cuidado quando fosse encontrar pessoalmente com Julieta.

Para as pessoas da minha casa, ca, causou um pouquinho de... preocupação, né? Porque daquela época já tinha alguma coisa: "ah, mas, é... cê viu aquela pessoa, foi

enganada, foi assaltada [ênfase] depois que marcou um encontro de Internet”, não sei o quê. Minha mãe achou estranho, minha mãe, é... não acreditava. Só acreditava se ela vindo até aqui, né? [tom de riso] Pessoalmente, depois que ela já tinha vindo aqui, ela foi lá em casa, falou que tinha, gostou muito dela.

Na leitura dos trechos significativos dos casais, nas falas reproduzidas, entendemos que a Internet, apesar de ter sido um instrumento de união desses casais, foi também um meio que trouxe bastantes receios, inclusive levando os entrevistados a criar mecanismos de proteção. Muito do que constamos nas falas dos entrevistados vivenciando o relacionamento *on-line* baseiam-se na concepção de que na Internet existe uma liberdade absoluta sem controle, como diz Wolton (2003): “cada um faz o que quer e quando quer: sem Deus, nem mestre” (p. 86). Como cada um teria a suposta liberdade de fazer o que quer, há a concepção de que na Internet, como anota Semerene (1999), o sujeito tem um espaço de realizar todas as suas fantasias e desejos, não se preocupando com o outro ou o coletivo, principalmente em razão da ausência do corpo. Para os entrevistados, há presente este medo de ser um mero objeto de desejo da vontade do outro, seja na realidade virtual, seja no face a face. Portanto, mais uma vez encontramos com a concepção, pelas fala dos nossos entrevistados, com o receio de ser uma “pegadinha”, por exemplo, de que os relacionamentos via Internet seriam concebidos como forma de contatos nos quais o outro pode ser descartado a qualquer momento de um relacionamento sem compromisso (Bauman, 2004).

A concepção de deparar formas de contato vistas como frágeis e sem promessa de compromisso, no entanto, também provocou reações como o sentimento de vergonha, como no discurso de José, que chegou a admitir ser uma insensatez viajar para tão longe ou o que as pessoas pensariam isso dele:

E aí, sabe, fica aquele clima, num sei. Eu penso assim. [...] Clima pô, cara, tanta gente em São Paulo... não é, multidões por aí e o cara foi... mas eu acho que isso é normal. Acho que isso é normal, a gente se conhecer pela Internet é normal. [...] Não, é aquilo, que eu digo “andar tão longe... pra ir tão, pra ir até Fortaleza pra conseguir uma pessoa”. Né? Aí, eu penso que as pessoas ficam: “poxa, o cara ali é meio... né”. Meio... meio louco. Penso assim, mas é só... é, bobage.

Como notamos, há um certo preconceito referente ao relacionamento via Internet, que passa a ser visto pelo próprio José como não sendo um comportamento muito normal sair de São Paulo para ir conhecer alguém com quem conversou somente por Internet e por telefone. Tal preconceito ainda fica mais evidente quando pensa que os outros comentariam, dizendo que, tendo tantas pessoas para se conhecer pessoalmente, ele escolhe alguém que encontrado no mundo *on-line* (Nicolaci-da-Costa, 2005; 2006).

Tal sentimento também é confirmando por Julieta que, no início do relacionamento, diz ter vergonha de dizer onde conhecera Romeo. Para ela, o relacionamento via Internet tinha pouca credibilidade, principalmente na época (a mais de oito anos) porque era algo novo, mas atualmente não tem mais este sentimento:

E hoje a gente nem lembra mais que se conheceu na Internet. Quando a gente vai contar pra alguém, as pessoas viram motivo de curiosidade, de piada. No começo a gente tinha um pouco de vergonha porque não era comum, né, as pessoas nem tinham muita credibilidade... esse relacionamento. Mas hoje não, hoje eu não tenho mais vergonha de falar [tom de riso] que a gente se conheceu na Internet. Mas, é...

Este trecho nos fez refletir sobre o pensamento de Costa (2007), ao ressaltar o aspecto dos relacionamentos virtuais como nova forma emergente das tecnologias da Internet. Por ter este aspecto de novidade, o ser humano tem dificuldade de vivenciar o que não conhece, já que o novo traz a sensação de perda de controle e insegurança diante do que o circunda. Julieta mostra bem claro que também possui esta compreensão da vergonha que sentia em razão do caráter de novidade, também apontado por Nicolaci-da-Costa (2005; 2006) como verdadeira tecnofobia.

A fala dos nossos entrevistados nos conduziram a compreender que os sentimentos de receio e vergonha que sentiam em manter os relacionamentos pela Internet estavam associados ao fato de a própria Internet ser um veículo novo de comunicação, que traz como consequência a concepção deste como uma forma de interação inferior aos encontros no face a face.

4.4.4 Sexo virtual

O tema do sexo virtual também foi presente nas falas dos nossos entrevistados, sendo mais enfatizado por Jane como uma vivência na Internet. No caso dela, diz que teclava como o outro virtual somente frases sexuais. Este teclar era muito confortável, porque tinha o prazer de não ser tocada:

Era muito confortável, né? Era não ser tocada [ênfase]... né?. Era eu que... era eu que queria ou não queria experimentar o prazer, sabe que cê tá entendendo o que eu quero dizer? Masturbação, que muitos se masturbam. E porque eu não queria... ou inventava que estava [ênfase] e tava sentindo muito prazer e haja [ênfase] dizer um monte de besteira e o cara lá do outro lado também devia tá fazendo, inventando

ou vivendo, não sei. Sabe? Então você viaja, mesmo, na maionese, é muito confortável, extremamente nesse sentido. Na sua casa... segura... preservada, vivendo aquilo que cê tá vivendo, né? Na intensidade que você quer, na hora que você quer ir. O resto é... só palavriado! Né? É isso?

Como ela mesmo afirma, a experiência do sexo virtual não passava de um monte de palavras trocadas com a possibilidade de ter controle sobre esta situação. Neste sentido, a sua vivencia não era de uma expressão da sexualidade de maneira inovadora, de ocorrer a plena realização de todos os seus desejos e fantasias, mas a de uma simples troca de palavras, reproduzindo-se as formas de expressões já existentes na cultura que Jane vive.

Com esta descrição, evidenciamos que, na Internet, ocorreu o que Foucault (1992) denomina de dispositivo de sexualidade, em que acontece o esmiuçamento do corpo pela incitação e proliferação dos discursos sobre sexualidade. Haje e Attuch (1999) realizam esta leitura com amparo em Foucault (1992) ao acentuar que a Internet se tornou um dos possíveis novos espaço institucionalizados de incitação do prazer de expressar e ouvir, como Jane confirma sentir no ciberepaço.

4.5O Encontro Pessoal

Neste tópico, agrupamos os trechos significativos da experiência de passar da realidade *on-line* para a vivência na realidade *off-line*. Além dessa passagem, também foi foco dessa parte compreender como é a realidade no contato face a face. Para melhor alcançar esta análise, dividimos o tema em duas categorias: Ele Virou Príncipe ou Sapo e Casamento Rápido, mas Tradicional.

4.5.1 Ele virou príncipe ou sapo

A concepção de “príncipe encantado” é um atributo presente nas nossas entrevistadas destacaram como constituinte importante para se referir ao significado do parceiro almejado. Seja se referindo a palavras “príncipe”, diretamente, seja por outros atributos, como encontro celestial ou destino, verificamos que a concepção de um amor perfeito estava perpassando as entrevistada das mulheres, diferentemente dos trechos dos homens, em que esse sentido não emerge.

Maria já indica no relacionamento *on-line* com José que tem a expectativa de ele ser um príncipe:

Que ela... aquele momento todo. E a expectativa que eu tinha dele que era, que ele... é um cara maravilhoso, é um príncipe maravilhoso, encantado, que é o homem da minha vida, mas eu tinha medo. Apesar [voz fica rouca]... apesar d'eu... gostar muito dele antes de conhecê-lo.

Neste ponto, notamos que Maria apresenta bem claros trechos de fala que remetem aos ideais do amor romântico, principalmente porque ela enfatiza a noção de que o encontro sexual fica em segundo plano em virtude da atenção e do carinho que ele lhe proporciona a: *então pra uma mulher, atenção e carinho é muito melhor do que... entendeu?* Nesse âmbito, Maria mostra que existe restrição da compulsão sexual, já que sua vivência de sexualidade seria englobada pelo sentimento ideal de amor (Badinter, 1986).

Eva guardava a mesma ilusão na rede de que todos poderiam ser verdadeiros príncipes, já que, no virtual, por ser abstrato, que significa sem rosto ou corpo, todos

são bonitos. Sua decepção, no entanto, surge quando encontra alguns homens pessoalmente e os acha feios, inclusive quando se remete a Adão:

A gente costumava fa... falar, né, quando tinha as festas, sentava lá umas meninas: “É, pois é, isso aqui é como transformar sapo em príncipe”, porque... a Internet faz todo mundo ficar bonito. Tá conversando, não sei o quê, todo mundo, lindo maravilhoso, porque você não tá vendo, né, então cê tem, cê tá... no virtual, tá conversando com... sei lá, com o abstrato, né, com alguém que não tem corpo, não tem rosto, não tem nada. Quando você vê, você fala “isso... [pequena pausa] é isso aí?”.

Para Eva, houve uma decepção em relação ao príncipe que poderia ter encontrado em Adão no nível da atração sexual:

Pois é o que eu tô falando, qual era a minha primeira sensação. Primeiro que ele era muito feio, continuo achando que ele é feio, né. Apesar de... quando você gosta seja muito pouco. Nunca tive muito... né, aquela coisa de, nunca (final da frase inaudível). Mas o Adão é muito simpático, quando ele quer, então, ele é mais simpático ainda. Então sinceramente foi um, foi um, foi um... prazer tá com ele, entendeu? Muito simpático, agradável, a gente se divertia, nos passeios... isso foi muito legal.

Eva acentua que a sua relação não fica somente restrita ao desejo e ato da realização sexual, com base na busca de um corpo de realize seus impulsos como na *ars erotica*, mas da afetividade em deparar um homem simpático, agradável e divertido (Giddens, 1993).

Com Julieta, a vivência do relacionamento virtual com Romeu é considerada como sendo um encontro celestial: *[...] eu não sei, eu acredito que [pausa], que foi*

uma encomenda celestial [voz em tom de alegria] que, por algum motivo, devo acreditar nisso porque, não era... não era, não tava previsto, né". O que Julieta chama de encontro celestial traz o mesmo sentido para o que Jane concebe como destino. Para Jane, o encontro com Tarzan foi obra do destino, pois não teria condições de encontrá-lo pelo fato de ter depressão, o que a fazia se afastar dos homens:

Não sei se era destino eu encontrar o Tarzan através... porque também tem uma coisa. [ela baixa a voz] Do jeito que eu era, que eu estava, com medo das pessoas, com medo de homem, sabe, a depressão faz você ter medo de gente. De homem, então, eu me afastava mesmo.

Com os trechos significativos de experiência, notamos que tais falas se encontravam no gênero feminino. As entrevistadas fizeram referências às idéias que encontramos de relacionamento com algo no nível do amor romântico.

Todas as mulheres entrevistadas exibiam as expectativas de buscar no relacionamento *on-line* a auto-realização ou o ideal de liberdade por meio das histórias que vivenciavam com o parceiro ou parceiros virtuais, seja nos momentos de se referirem a ele como príncipe ou sua história como destino/encontro celestial, seja ao se mostrarem as decepções presentes quando os encontravam pessoalmente. Quando apresentavam tais experiências como decepcionantes (Giddens, 1993).

4.5.2 Casamento rápido, mas tradicional

Todos os casais relataram que entre o tempo de se conhecerem e o de se casarem, foi rápido. Em relação aos três casais que moravam em cidades diferentes, a rapidez decorreu da distância; diferentemente do casal que morava em Fortaleza, que foi a necessidade de se formar logo uma família, pois ambos já se encontravam dos 40 anos, e o pai dele pressionou. No caso de Adão e Eva, eles se conheceram em maio de 1997, via Internet, e em dezembro do mesmo ano, ela já veio para Fortaleza, como diz Eva: *[...] a gente se conheceu em maio... quando foi mais ou menos em setembro, outubro... é, setembro, outubro, aí a gente já tava mais meio que decidido que... talvez fosse interessante a gente morar junto, e tal, pra ver a coisa [...].*

Romeu e Julieta se conheceram no carnaval de 2000 e se casaram em dezembro do mesmo ano. Assim se viram pessoalmente o total de 40 dias, ressalta Romeu: *[...] a primeira vez que a gente conversou acho que foi no Carnaval de 2000. [pequena pausa] Aí em dezembro de 2000 a gente já tinha casado. Se casou em dezembro de 2000. E que, e que a gente se viu, mesmo, uns quarenta dias... [pausa] intercalados.*

Em relação a Tarzan e Jane, do namoro ao casamento foi o tempo de nove meses, tendo se conhecido em junho de 2006 e se encontraram pessoalmente em julho, como diz Jane: *[...] em junho... em julho, a gente marcou encontro.. [...] Quer dizer em, em... nove meses eu namorei com o Tarzan. Casamos, tivemos lua-de-mel, aquela coisa toda dentro do padrão e... em seguida tive o filho e pronto.*

Na situação de José e Maria, eles se conheceram em janeiro de 2003 e se casaram em maio de 2004; só se viram ao todo uns 30 dias, como lembra Maria:

A gente se conheceu em janeiro de 2003, pelo, pela site [...] Quando em maio de 2004, aí qua... fui embora com ele pra São Paulo. [...] Por isso que a gente se casou tão rápido. E eu for contar os dias... que a gente viveu junto, foram 21 dias em dezembro e três... é, bom a primeira vez a gente... vinte... 24, e mais... um dia, ele veio antes do casamento. Então foram 30 dias que a gente ficou perto um do outro.

Reparamos que todos os casais tiveram entre conhecer, namorar e casar pouco tempo para a convivência, principalmente nos casos de Adão e Eva; Romeu e Julieta; e José e Maria, que, em razão da distancia geográfica, ainda se viam em poucos dias de contato face a face. Durante as entrevista, ficava claro que havia uma necessidade de ficarem logo juntos, pois a distância implicava um sofrimento, como exalta Romeu:

Depois, eu fui... eu voltei pra São Paulo. Aí, faz... foi uma volta extremamente dramática, porque a gente ti... eu... eu não sabia como é que ia aconte... ia acontecer.

Eva também fala da necessidade de ficarem juntos:

[...] é muito chato você ficar... longe durante muito tempo, né. Aí vai chateando, enchendo um pouco a paciência. E pra viajar, dava, mas a gente tinha que tomar cuidado, porque era caro, porque você também não tinha muito tempo, assim, a questão do trabalho...

No caso de José e Maria, houve maior necessidade de ser realizado logo, em razão da vontade dela, como lembra José: *lá vai a gente casar, [ele dizia] Maria, é loucura casar agora, espera um pouquinho. [ela] Não, vamo nos casar, eu tá bom.*

A relação de Tarzan e Jane ocorreu por insistência do pai dele, que falou para se casarem logo, porque nenhum dos dois já era muito novo:

E era... divertido. Aí chegou um dia, papai virou pela (palavra inaudível):“Vem cá me diz uma coisa. Cê passa três dias por semana com essa mulher. Essa mulher num tem 26 anos, pra tu brincar seis anos com ela e largar. Se você tem... num quer nada sério com ela, deixa ela viver a vida dela e tu vai arranjar alguém... porque daqui a pouco tu vai ter 50 anos, pra tu casar com uma mulher... tu vai casar com uma baixa renda, querendo melhorar um pouquinho de vida. Aos 50 anos solteiro, é muito complicado montar uma família. Aí eu pensei, pai tinha razão, sabe.

Compreendemos que a intervenção do pai na relação afetivo-sexual do filho aponta para algumas características que se aproximam da cultura tradicional, já que neste estilo de vínculo há um certo posicionamento paterno que surge como definidor da relação afetivo-sexual (Giddens, 1993).

Paralelamente, também, contatamos a emergência da cultura pós-moderna, quando se refere à forma como os entrevistados se relacionam com a categoria tempo. Em todas as entrevistas, vimos a necessidade da concretização do casamento de maneira mais imediata, sendo conferido maior importância ao presente do que à possibilidade de futuro. Tal aspecto de dar maior importância no tempo presente é bem característico da cultura pós-moderna, como aponta Lemos (2004). Na sua concepção, a cultura pós-moderna dá ênfase à experiência do momento, como

percebemos nos discursos dos nossos entrevistados, tanto na vivência do tempo real, quanto na rapidez do casamento.

Tal rapidez, no entanto, aliada aos poucos contatos face a face, implicou conseqüências para o casamento. Romeu e Julieta compartilham da idéia de que terem se visto pessoalmente somente 40 dias influenciou o primeiro ano de casamento porque foram se conhecer e namorar dentro do casamento, como acentua Romeu:

Nosso primeiro ano de casamento foi... conturbado. Eu, eu acho que... isso a gente deveria ter passado no, de repente, no primeiro ano de namoro, a gente viveu no primeiro ano de casamento, ou seja... é, a gente ficou, a gente tinha algu... algumas brigas... de namorados. Não de casados. Só, só, só... só foi... também a gente não saía muito em casa, também, não tinha muitos amigos. O primeiro ano de casamento foi um ano tenso. É, com algumas brigas, tal. Foi de muito prazer, também, mas ele vinha acompanhado de, de brigas. Assim, de... que a gente acabou... passando por coisas que a gente deveria ter passado... com a convivência, né? Então, algumas... alguma coisa que eu... algumas manias dela, algumas manias minhas, algum jeito de dizer meu e dela que a gente... não co... não conhecia porque fo... né? Isso acontece até com quem... é nor... morou na mesma cidade, no bairro, né, quando o cara muda, imagina pra quem não teve essa convivência... (pausa) de amor, enfim, colado, né?

Julieta confirma tal perspectiva com a comparação do seu casamento a um árabe. Diz que foi quase igual, pois eles não se conheciam, com a diferença de que, no caso deles, havia a participação de ambos na escolha do parceiro e não por imposição da família:

Eu acho que tem um fator, aí, esse fator deve ser levado em consideração porque, de certa forma, a gente realmente não se conhecia. Eu brinco que é, foi, o nosso casamento é o casamento árabe, só que foi a gente que escolheu, às vezes eu digo isso (risos). Não foram as famílias, mas foi um casamento árabe, meio que quase que arranjado, né. Mas eu acho que é um período que, que... eu entendo que os casais devem passar mesmo quando namoram há muito tempo. Acho que, colocar duas pessoas de famílias diferentes, com formações diferentes, com entendimentos diferentes sobre várias coisas dentro de uma casa, no nosso caso foi um flat, foi bem menor, né (risos). É, é... então, você, é complicado o primeiro ano, eu acredito que deve ser complicado pra todo mundo. [...] Então acho que esse primeiro ano é o ano de ajuste pra qualquer relacionamento, eu acredito. Mas eu acho que, pra gente, pesou um pouco mais tanto pela questão da virtualidade, eu não diria nem da virtualidade, mas da questão de não se conhecer, a gente não se conhecia e, acho que teve um pouco também, pra mim, por representar um corte muito grande.

Maria faz referência à mesma questão de Romeu e Julieta, depois que se casou e se mudou para São Paulo. Verbaliza que um dos fatores para as dificuldades no início do casamento foi terem convivido pessoalmente somente 30 dias. Assim, garante que começou a namorar dentro do casamento, já que antes não tinha acontecido:

Então foram 30 dias que a gente ficou perto um do outro [parece estar com a voz um pouco embargada]. Entendeu? Foi assim, foi... no começo do casamento, a gente tinha... não brigar... não briga, mas tipo se estranhava muito, porque a gente não... a gente tava namorando ali, agora, né, foi depois que a gente casou que a gente foi namorar. Entendeu, então teve aquela fase de adaptação, foi bem [ênfase]... bem

delicada, mas graças a Deus tudo deu [palavra inaudível] e mostrou que não tinha brigado.

Os depoimentos que tinham como particularidade a ausência corporal e a falta de uma consolidação a dois no convívio cotidiano foi um ponto muito significativo. A manutenção de, praticamente, todo do namoro por meio da Internet permitiu aos usuários maior contato com suas fantasias do que eles acham do outro (Semerene, 1999). Logo, foram as suas fantasias desse outro que eles levaram para o casamento.

Outro fator difícil para Maria, no início do casamento, foi José não aceitar ela ter determinados comportamentos que ele considerava “papel de homem”:

Sou muito resolvida, sabe, eu gosto... sempre de tomar a frente das coisas, então... então como ele... com o homem seguro que me atraiu no começo, ficou batendo comigo no começo de [palavra incompreensível], entendeu? Então tinha horas que... eu tinha que tomar a frente e ele também, e aí quem que vai? Entendeu, aí ficava assim. Então certos serviços que ele não quer que eu, que eu, que eu me intrometa, ele dizia “isso é coisa de homem”. Então, é... os serviços, a... assim, atividades que anteriormente eram com ele, eu achei que aquilo, por exemplo... mercantil, roupa pra ele... organização da loja que a gente tinha em São Paulo, é... essas coisas... eram, são coisas que eu poderia tomar de conta facilmente. Entendeu, o pagamento dos funcionário, organização, falar com o cliente, então isso é... esses [palavra inaudível] tomava conta de tudo. Então quando eu tomei essa parte, que eu pensei o seguinte, eu vou tomar de conta dessa parte... pra ele ir pra frente, pra ele ir embora, atrás de outras coisas, entendeu? Mas aí até ele entender isso... foi, e eu vi que ele não entendia que eu pudesse tomar de conta disso, entendeu? E aí quando ele entendeu foi que a gente conseguiu... caminhar melhor, entendeu?

Esse trecho nos fez refletir acerca na noção de que as formas rígidas e delimitadas sobre o papel do homem e o da mulher dentro da instituição familiar, como vemos na descrição de Maria, apresenta um tipo de casamento tradicional. Como Maria relata, o papel de José era cuidar da loja, assim assumindo a função de provedor da família, sendo ele o responsável por tomar todas as decisões, não cabendo a ela fazer este papel. (Bucher-Maluschke, 2003; Giddens, 1993 & Porchat et al., 1992)

Notamos que todos os casais que mantiveram contato via Internet tiveram o mesmo padrão de velocidade da rede para o casamento. A rapidez do casamento, principalmente, sem a condição de convivência diária, para alguns casais, foi um fator de influência na própria relação com o casamento. Neste sentido, apesar de os relacionamentos afetivo-sexuais serem formas de vínculo que trazem aspectos de uma cultura moderna, como vimos na temática do amor romântico, e pós-moderna, como a relação com o tempo e a própria inclusão das tecnologias contemporâneas, o valor do casamento tradicional continua presente nos relacionamentos dos entrevistados, como a intervenção da instituição familiar e a delimitação de papéis aos diferentes gêneros (Bucher-Maluschke, 2003). Essa coexistência de valores tradicionais, modernos e pós-modernos, fica bem evidente quando Jane assevera que seu relacionamento começou na Internet, mas que depois tudo foi “dentro do padrão”. Portanto, notamos que a inusitada forma de relacionamento *on-line* que aponta para estilos de relacionamentos de cultura pós-moderna também pode trazer aspectos do casamento moderno e tradicional; ou seja, os relacionamentos iniciados via Internet podem apresentar valores e perspectivas tradicionais, modernas e pós-modernas no mesmo casal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa fenomenológica com os casais nos surpreendeu com a abertura dos participantes, ao se disponibilizarem para realizar as entrevistas, tanto pela facilidade de acesso ao encontro quanto pela espontaneidade e fluidez do contato. À exceção de Tarzan, com quem sentimos maior dificuldade de manter um vínculo como entrevistadora, pois ele parecia não muito confortável durante o nosso diálogo, expressando desejo de finalizar logo, todos os demais entrevistados participaram de forma entusiasmada.

Desfizemos nossa concepção de que os casais tivessem restrições a nos descrever as suas vivências por vergonha de tê-las iniciado via Internet, o que significa que tínhamos uma pré-concepção dos relacionamentos virtuais em comparação aos construídos com base no contato face a face (Nicolaci-da-Costa 2002; 2005). A vergonha de assumir a responsabilidade de que tinham iniciado um relacionamento afetivo-sexual pela Internet também surgiu, mas notamos que a vergonha se manifestou, principalmente, antes de conhecer pessoalmente o parceiro ou no início do casamento.

Atualmente, os entrevistados disseram que não sentem qualquer problema ou vergonha de haver mantido relacionamentos afetivo-sexuais pela Internet. Assim, percebemos que consideram que ter estabelecido um vínculo inicialmente virtual não significa que o relacionamento atual seja inferior e que nossos entrevistados façam questão de esconder. Hoje, há uma diluição do preconceito acerca dos relacionamentos *on-line*, diferentemente do que ocorria há alguns anos, passando a ser considerados fenômenos presentes, com frequência, no cotidiano das pessoas.

Assim, a consideração positiva das suas próprias relações virtuais foi confirmada pelos entrevistados, que se posicionaram sobre eles como contatos em que ocorria algum tipo de afetividade e de compromisso, com exceção de duas colaboradoras, que consideravam a vivência de relações afetivo-sexuais via Internet uma forma desviante ou patológica no campo da afetividade, pois o único meio de ter uma relação saudável seria vivenciado-a o convívio face a face. Portanto, compreendemos que os relacionamentos afetivo-sexuais via Internet também são acompanhados de concepções pejorativas. Por outro lado, também encontramos indícios de que eles passam por transformações de significado, saindo do campo do preconceito para se constituir como uma possibilidade forma de estabelecer a relação a dois.

Por outro lado, apesar da perspectiva de se haver modificado como concepção de relacionamento afetivo-sexual, o vínculo pela Internet com um desconhecido despertou medo em nossos entrevistados, por não saberem ao certo quem estava do outro lado da rede. Nas suas falas, manifestaram receio de serem enganados ou do perigo de um contato com um outro que é desconhecido, oculto pelo anonimato, mas, ao mesmo tempo, desejado e investido afetivamente. Suas vivências expressam o paradoxo de que, ao mesmo tempo em que vivem a expectativa de manterem o relacionamento *on-line* no *off-line*, baseados nas suas projeções e desejos, entram em conflito e têm medo do que desejam e esperam do outro, pois temem a não correspondência.

Neste sentido, a busca do outro virtual é um retorno aos seus desejos e valores pessoais, que não perdem de vista seus componentes sociais, políticos e econômicos. Parte dos entrevistados se refere à valorização da idade, do intelecto, do comprometimento, da afinidade, da atenção e da beleza física como critérios para

ter se interessado por manter um diálogo com seu futuro parceiro. Portanto, nestas falas, descobrimos que a Internet pode não ser um veículo revolucionário tanto quanto se propõe, já que, na realidade *on-line*, deparamos com valores comuns ao nosso cotidiano *off-line*. A escolaridade e o nível intelectual foram os principais critérios de seleção de parceiros levantados nas entrevistas quando faziam a seleção de com quem iriam manter contato ou iam deletar. Esta postura remete a um comportamento presente na cultura contemporânea por existir uma exclusão socioeconômica e cultural de pessoas que não alcançam os patamares acadêmicos considerados ideais. Desta forma, a diferença de nível socioeconômico também se manifestou em muitos dos nossos colaboradores como uma maneira de selecionar quem era ideal para continuar teclando ou para deletar. Apesar de a Internet se propor a ser um local onde tudo é possível e toda a variedade está no alcance de quem desejar, detectamos, nos depoimentos dos nossos colaboradores, o fato de que eles procuravam seu nivelamento social, pois já tinham estabelecido qual tipo de contato lhes interessava ter, assim, conseqüentemente, excluindo a possibilidade de contatos diferentes dos programados.

Embora a Internet não seja um meio tão inovador em relação a criar novas formas de contatos entre os internautas quanto se propõe, exaltamos nas falas dos participantes um ponto que nos chamou a atenção. Uma parte se interessou mais pela questão da intelectualidade, afinidade e carinho do que pelos aspectos corporais e das sensações, bem diferente do esperado de uma sociedade com valores que priorizam a emergência das imagens e das sensações (Costa, 1998). Em contraposição, outros se referiram, nas suas experiências, ao interesse pelo *nickname*, entendendo-se como um meio de *marketing* pessoal, ou à importância da foto, como forma de acesso às características físicas do outro. Ainda, dentro desse

movimento da sensação como não sendo prioridade para os entrevistados, percebemos que somente emergiu uma entrevistada com interesse em realizar o sexo virtual, apontado como um prazer que sentia em proliferar discurso da sexualidade.

Também constatamos o fato de que a rede possibilita um tipo de intimidade diferente da formulação realizada *off-line*. Como é um relacionamento em que o contato com o corpo físico entre os casais não aconteceu de imediato, alguns colaboradores constatam que sentiram maior aprofundamento e intimidade no relacionamento do que se fosse iniciada pelo encontro face a face, pois alegam que ficariam muito no nível do desejo sexual, inclusive não garantindo que chegassem a se casar. O aspecto de um maior tempo sem um corpo presente é marcado nos discursos como um fator a favor da maior intimidade, auxiliado pela diluição da vergonha de se expor. Nas suas declarações, restou evidente que este anonimato proporcionava uma diminuição do medo de ser repreendido, trazendo uma sensação de segurança e bem-estar (Sayeg, 2000). Na declaração dos entrevistados, constatamos um fenômeno que parece contraditório: os casais vivenciaram a possibilidade de uma maior intimidade, ocasionada pelo distanciamento do outro que se encontra anônimo. Torna-se uma contradição quando se tem a concepção de que o relacionamento *off-line* seria o único meio possível de estruturar um contato intenso e duradouro como afirma Bauman (2004), logo, constatações como de se ter um relacionamento até mais profundo pela Internet do que na realidade face a face acaba parecendo um verdadeiro contra-senso. No entanto, foi exatamente o que surgiu das descrições dos entrevistados ao se referirem a suas emoções em relação ao parceiro virtual como estando bem mais próximo de serem contatos profundos e

enriquecedores para eles do que mera efervescência de encontros rápidos e superficiais (Nicolaci-da-Costa, 2005).

O fato de estar intimamente com o outro distante é um fator de satisfação e segurança apontada por parte dos casais, que se referem às suas experiências na rede como um local propício a encontrar pessoas. Eles se remetem ao meio como um ambiente coletivo que levam a uma socialização entre as pessoas solitárias por seus cotidianos não estimularem contatos interpessoais. Para alguns dos entrevistados, no entanto, a aproximação somente se torna mais viável quando se passa dos ambientes coletivos da rede para o telefone. Paralelamente, outros entrevistados também assinalam que os diferentes meios de comunicação não trazem modificações nos seus relacionamentos, inclusive destacando o fato de que a mesma maneira de comunicação da carta e do telefone é próxima da forma de contato pela Internet. Com esteio nessas considerações, recorreremos à análise de Nicolaci-da-Costa (2005), que sugere a ausência de diferença da Internet para a carta e o telefone quanto aos aspectos da virtualidade, mas que se tem de perceber diferenças quando se referem à influência na relação, já que a Internet traz um ambiente mais coletivo e, conseqüentemente, de menor aprofundamento da relação, se comparado à telefonia, que é um meio utilizado, geralmente, por quem já se conhece.

Na categoria da passagem da realidade *on-line* para a *off-line*, confessamos que emergiu um fenômeno, pois, desde o início da pesquisa, acreditávamos na possibilidade de ser um fator recorrente entre os casais. O fenômeno do amor romântico era uma concepção que críamos ser possível de aparecer, por isso, tivemos de nos esforçar muito como pesquisadora fenomenológica para, durante a entrevista, procurar suspender nossos pressupostos, tentando nos concentrar

apenas nos relatos, para assim poder emergir das falas dos entrevistados, evitando nesse momento que nossa fala apagasse a riqueza de vivências dos casais. Foram momentos muito delicados da pesquisa por termos que nos deparar com valores idêntico aos meus, mas que não era concebível em uma realidade *on-line*, ou seja, a possibilidade de conseguirmos unir a concepção de amor romântico e comunicação por meio da Internet necessitou de um verdadeiro esforço para sair de questões preconceituosas como a concepção dos relacionamentos virtuais serem frágeis e superficiais, logo, não dando possibilidade para construção de uma afetividade entre os casais. Ocorreu, no entanto, uma repetição de trechos relativos ao amor romântico que não esperávamos. A repetição nas falas das mulheres, por meio dos diferentes conceitos, seja no momento de referi-lo como príncipe ou ao seu relacionamento como destino ou encontro celestial, seja nas decepções de sair da realidade virtual e encontrar face a face e achar que “o príncipe virou sapo”.

Além dos aspectos do relacionamento moderno caracterizado pelo amor romântico, também nos deparamos com aspectos dos relacionamentos tradicional e pós-moderno. O relacionamento tradicional emergiu nas falas descritivas, como na pressão familiar para que um casal efetuasse o casamento, ou na delimitação de papéis imposta pelo marido a uma das entrevistadas. Curiosamente, estes aspectos tradicionais e modernos surgem de casais que se conheceram e mantêm vínculos por meio das atuais tecnologias, o que é bem característico da relação pós-moderna. Assim, detectamos a idéia de que o estabelecimento dos vínculos afetivo-sexuais na Internet traz a coexistência de características tradicionais, modernas e pós-moderna (Bucher-Maluschke, 2003).

O contato com os aliados teóricos e as falas dos entrevistados trouxe-nos muitas inquietações, questionamentos, rupturas e aprendizados de uma leitura que

foi contrária a da hipótese inicial. No início do estudo, imaginávamos que, por se tratar de relacionamentos ocorridos na rede, estaríamos abordando tipos de contatos totalmente novos e diferentes dos já conhecidos e vivenciados na realidade *off-line*, principalmente por ser a Internet um instrumento de comunicação ainda pouco conhecido. Surpreendermo-nos ao encontramos nas relações virtuais, no decorrer da pesquisa, repetição de comportamentos, emoções e discursos semelhantes aos presentes nos relacionamentos *off-line*. Deparamo-nos com os mesmos valores da sociedade contemporânea atual comum em qualquer vínculo afetivo-sexual como o fenômeno do amor romântico ou os padrões de beleza midiática. Neste sentido, a associação da relação virtual com somente valores e aspectos de uma cultural pós-moderna se desfez para trazer a inclusão também de referências da cultura tradicional e moderna. Logo, é nesse caldeirão de maneiras diferentes de relacionamento e casamento que constatamos com um encontro que, antes de ser virtual, é uma elaboração a dois, de situações e questões bem reais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbagnano, N. (1998). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Amatuzzi, M. M. (2001). Pesquisa fenomenológica em psicologia. In: Bruns, M. A. & Holanda, A. F. (Orgs.). *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas*. (p. 15-22). São Paulo: Omega.
- Ariès, P. (1991) Por uma história da vida privada. In: P. Áries & G. Duby (Orgs.), *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Artoni, C. (2004). O amor está na rede, *Galileu*, 13(158), 33-35.
- Asimov, I. (2004). *Eu, Robô*.
- Badinter, E. (1986). *Um é o outro: relações entre homens e mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Boris, G. D. J. B. (2002). *Falas de homens: a construção da subjetividade masculina*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: SECULT.
- Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2003). Relações conjugais em transformação e sofrimento psíquico uma sociedade em transição In I. Costa, *et al* (Org.), *Ética, linguagem e sofrimento*. Brasília: Gráfica e Editora Positiva.
- Carvalho, P. S. (2000). Humanos x computadores: o que a psicologia tem a ver com isso? In: E. Sayeg (Org.), *Psicologia e informática: interfase e desafios*. (pp.15-29). São Paulo.

Castells, M. (1999). *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra.

Castells, M. (2003). *A galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Collodi, C. (2002). *As aventuras de Pinóquio*. São Paulo: Martin Claret.

Contandriopoulos, A. P.; Champagne, F.; Potvin, L. & Boyle, P. (1997). *Saber preparar uma pesquisa: definição, estrutura, financiamento*. (2ª. ed.) São Paulo: Hucitec.

Costa, J. F. (1998). *Sem fraude, nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.

Costa, P. G. (2007). *O amor e seus labirintos*. Porto Alegre: ARTMED.

Creswell, J. (1998). Five qualitative traditions of inquiry. In: *Qualitative inquiry and reseach design: choosing among five traditions*. (pp. 47-72). Thousand Oak: Sage.

Dicionário de sociologia, (1970). (1ª. ed.). Editora Globo.

Downing, J. D. H. e colaboradores (2004). *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. (2ª. ed.). São Paulo: SENAC.

Elias, N. (1993). *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Figueira, M. (2007). Second life: febre na rede: *Sociologia Ciência & Vida*. São Paulo, 9, 17-25.

Forghieri, Y. C. (1993). *Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas*. São Paulo: Pioneira.

Fortim, I. (2006) O orkut e a relação terapeuta paciente. In: O. Z. Prado., I. Fortim, & L. Cosentino (Org.). *Psicologia & Informática – produções do III Psicoinfor e II jornada do NPPI*. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo.

- Foucault, M. (1999). *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. (13^a. ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1998). *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gomes, W. B. (Org.). (1998). *Fenomenologia e pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: Ed. UFRGS.
- Haje., L., & Attuch, M. (1999). O discurso da sexualidade nos chats. In: S. D. Porto (Org.). *Sexo, afeto e era tecnológica: um estudo de chats na Internet*. (pp. 81-99). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Holanda, A. F. (2001). Pesquisa fenomenológica e pesquisa eidética: Elementos para um entendimento metodológico. In: Bruns, M. A., & Holanda, A. F. (Orgs.). *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas*. (pp. 35-56). São Paulo: Omega.
- Hugo, V. (1974). *O corcunda de Notre-dame*. Rio de Janeiro: TRES.
- Japiassú, H., & Marcondes, D. (1999). *Dicionário básico de filosofia*. (3^a. ed.) (rev. e aum.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Kubrick, S. (1968). *2001 – Uma odisséia no espaço*.
- Lang, F. (1926). *Metropolis*.
- Lanzarin, C. C. (2000). A fantasia e o baile de máscara do final do milênio. *psicologia: ciência e profissão*. 20(3).

- Leitão, C. (2006). Solidão e desorientação na prática clínica. In A. M. Nicolaci-da-Costa. *Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo, Loyola.
- Leite, J. C. & Gomes, W. B. (1998) Concepção de alcoolismo e a reabilitação do alcoolista. In: Gomes, W. B. (Org.). *Fenomenologia e pesquisa em psicologia*. (pp. 45-66). Porto Alegre: Ed. UFRGS.
- Lemos, A. & Cunha, P. (Orgs.). (2003). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina.
- Lemos, A. (2004). *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. (2ª. ed.). Porto Alegre: Sulina.
- Lévy, P. (1996). *O que é virtual?* São Paulo: Ed. 34.
- Merleau-Ponty, M. (1999) *Fenomenologia da Percepção*. (2ª. ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Moreira, V. (2004). O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3).
- Moreira, V. (2007). *De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia*. São Paulo: Annablume.
- Moreira, V. & Boris, G. D. J. B. (2006). O corpo vivido na esquizofrenia no Brasil e no Chile (The lived body in schizophrenia in Brazil and in Chile). *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology online*, 6(1), p. 1.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2005). Internet e subjetividade: a emergência de uma nova “configuração psíquica”. In *Psicologia e Informática: desenvolvimentos e progressos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2005). Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. *Psicologia & Sociedade*, 17(2), 50-57.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2006). Internet: uma plataforma de vida. In A. M. Nicolaci-da-Costa. *Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação*. (pp. 41-47). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo, Loyola. ´

- Nunes, L. (2002). Identidade virtual. *Viver Psicologia*, 11(116), 32-33.
- Oliveira, R. S. (1997). *Dicionário compacto de informática*. São Paulo: Rideel.
- Outhwaite, W., & Bottomore, T. (Org.). (1996). *Dicionário do Pensamento social do Século XX*. (E. F. Alves & Á. Cabral, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Platão. (1975). *Fedro*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana.
- Pedreira, J. (2006). Rede de pessoas. In: A. M. Nicolaci-da-Costa. *Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação*. (pp. 41-47). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola.
- Porchat, I. *et al.* (1992). *Amor, casamento, separação: a falência de um mito*. São Paulo: Brasiliense.
- Reis, A. V. (2008). Cyber psicólogos. *Ciência & Vida Psique*, 24, 58-63.
- Rüdiger, F. (2002). *Elementos para a crítica da cibercultura: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias da comunicação*. São Paulo: Hacker.
- Savater, F. (2000). *O meu dicionário filosófico*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Sayeg, E. (Org.). (2000). *Psicologia e informática: interfaces e desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sawaya, M. R. (1999). *Dicionário de Informática & Internet (inglês/português)*. São Paulo: Nobel.
- Semerene, B. (1999). Abrindo as portas do salão virtual. In: S. D. Porto (Org.). *Sexo, afeto e era tecnológica: um estudo de chats na Internet*. (pp. 29-40). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Shelley, M. (2001). *Frankenstein*. São Paulo: Martin Claret.
- Silva, L. E. T. C. (1979). *Dicionário básico de sociologia*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro.

Silveira, M. D. P. (2004). Efeitos da globalização e da sociedade em rede via Internet na formação de identidades contemporâneas. *Psicologia: Ciência & Profissão*, 24(4), 42-51.

Scott, R. (1982). *Blade Runner*.

Strey, M. N. et al. (1998). *Psicologia social contemporânea: livro-texto*. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes.

Vieira, T. R. (2003, jan/jun). Do dever da fidelidade e da prova da infidelidade conjugal na internet. *Revista Terra e Cultura: caderno de ensino e pesquisa*, 19(36), 10-17.

Wolton, D. (2003). *Internet, e depois uma teoria crítica das novas mídias*. Porto Alegre: Sulina.

ANEXOS

CARTA DE INFORMAÇÃO E TERMO DE COMPROMISSO

Eu, Milene de Almeida Chaves, Psicóloga, CRP-11/03327, residente na Rua Tomás Acioli, 466 – Joaquim Távora – Fortaleza - Ceará, fone: 86104447, venho por meio desta solicitar a sua participação para entrevista como voluntário na pesquisa: **Do Amor Virtual ao Real: O processo de Formação de Casais que se Conheceram pela “Internet” e Passaram a Vivenciar a Conjugalidade.** O nosso interesse na pesquisa tem se pautado no que observamos nas transformações nas novas formas de relações ocorridas entre homens e mulheres que mantêm contatos pela Internet. Para tanto elegemos como objetivo principal conhecer como se desenvolvem os relacionamentos iniciados através da “Internet” e que geraram uma relação estruturada no campo da conjugalidade. Acreditamos que a sua colaboração com a nossa investigação será de grande importância para os estudos de gênero na contemporaneidade. Garantimos o mais absoluto sigilo dos dados que nos serão confiados através das entrevistas de acordo com o artigo 21 do Código de Ética do Profissional dos Psicólogos. Pedimos autorização para gravar as entrevista em gravador e fita K-7 para que os dados permaneçam fiéis ao que foi relatado por V. Senhoria, resguardando o seu direito de interromper ou parar com a colaboração na pesquisa a qualquer momento que achar conveniente.

Ressaltamos que a sua participação é voluntária, e em caso de dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFOR na Avenida Washington Soares, 1321, 60.811.341 – Fortaleza – Ceará. Agradecemos com a sua colaboração na pesquisa e solicitamos que assine o termo de concordância em participar da pesquisa declarando que pelo presente instrumento que atende as exigências legais da resolução 196/97 do Conselho Nacional de Saúde, o(a) Sr.(a) _____, portador(a) da cédula de identidade _____, após a leitura minuciosa da **CARTA DE INFORMAÇÃO AO COLABORADOR(A)**, devidamente explicada pela profissional em seu mínimos detalhes, ciente da entrevista à qual será submetido(a), não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu **CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO** concordando em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o(a) colaborador(a) pode a qualquer momento retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar desta pesquisa e ciente de que todas as informações prestadas tornar-se-ão confidenciais e guardadas por força do sigilo profissional (art. 21 do Código de Ética Profissional dos Psicólogos).

E, por estarem de acordo, assinam o presente termo.

Fortaleza, _____ de _____ de 2008

Assinatura do Colaborador(a)

Milene de Almeida Chaves
Psicóloga CRP- 11/03327



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
ENSINANDO E APRENDENDO

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Comitê de Ética em Pesquisa – COÉTICA

PARECER N.º. 342/2007

Projeto de Pesquisa: Do amor virtual ao real: O processo de formação de casais que se conheceram pela Internet e passaram a vivenciar a conjugalidade.

Pesquisador Responsável: Milene de Almeida Chaves

Data de apresentação ao COÉTICA: 07/12/07

Registro no COÉTICA: 07-397

CAAE: 0173.0.037.000-07

Parecer: APROVADO na data de 13/12/07

Prof. Dr. Haroldo Rodrigues de Albuquerque Júnior
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFOR – COÉTICA

Vianney Mesquita (Reg. Prof. nº CE04893P)

Revisão Gramatical e Estilística de Textos
 Docente da Universidade Federal do Ceará
 Acad. Titular (Cad nº 37) da Acad. Cearense de Língua Portuguesa

DECLARAÇÃO

Declaro, para constituir prova junto ao (à)
PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA DA UNIFOR

que procedi ao trabalho de revisão estilística e gramatical
 do(a) DISSERTAÇÃO, intitulado(a) "O VIRTUAL E REAL -
 ESTUDO EXPLORATÓRIO DA FORMAÇÃO DE CASOS POR MEIO
 DA INTERNET."

, da autoria de
MILENE DE ALMEIDA CHAVES

orientado(a) pelo(a) PROF. DR. G. DANIEL JANJA BAC BORGES,
 pelo que assino a presente.

Fortaleza, 17 de DEZEMBRO de 2008.


 Prof. João Vianney Campos de Mesquita
 Universidade Federal do Ceará e Academia Cearense da
 Língua Portuguesa

Válida somente com a Carteira afiança

Vianney Mesquita (Reg. Prof. nº CE014893P)

Revisão Gramatical e Estilística de Textos
 Docente da Universidade Federal do Ceará
 Acad. Titular (Cad. nº 37) da Acad. Cearense de Língua Portuguesa

Fortaleza, 24 de novembro de 2008

À atenção de
 consulentes, membros de bancas examinadoras,
 orientadores, editores e coordenadores de cursos
 de pós-graduação

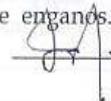
Senhoras/Senhores

Antes de analisarem e criticarem as correções procedidas pelos revisores de texto, solicito a gentileza de atentarem para os pontos a seguir alistados.

1. É recomendável, sempre, proceder-se à segunda revisão, máxime se o texto contiver grande quantidade de erros. As impropriedades maiores detectadas na primeira revista, normalmente, escondem as menores, vistas somente após efetuadas as emendas recomendadas pelo revedor. As boas editoras fazem de quatro a oito revisões.
2. Há possibilidade de o estudante de pós-graduação, ou autor qualquer, não proceder às emendas sugeridas a grafite, deixando de fazê-las, por desídia ou mesmo por não aceitá-las, de modo a permanecerem as incorreções indicadas.
3. Podem ocorrer modificações em parte do escrito revisado, a instâncias do orientador ou mesmo ao talante do autor, sem a audiência do revisor, o que o exime — é claro — da responsabilidade sobre a porção alterada.
4. Frequentemente, pessoas envolvidas com o texto (autor, orientador etc) fazem referência a erros "deixados" pelo revisor, porém, em geral, não os indicam. Neste caso, é de bom alvitre a leitura destes pontos, bem como é necessário que apontem claramente ao dono do escrito onde se encontram os defeitos, para que, existindo, sejam sanados.
5. Também é muito recorrente acontecer de o "erro" apontado não se tratar realmente de erro, restando equivocada quem o "encontrou". É preciso entender-se que o Português é uma língua bastante escorregadia - porque riquíssima - e nem todos conhecem seus meandros nem se utilizam dos seus quase ilimitados recursos. A língua culta, em que é vazado o escrito didático-científico, é bem diversa da fala coloquial. Assim, por exemplo, não se há de empregar termos e expressões do jargão popular, admissíveis noutros contextos de fala que não a comunicação científica (estágio, que é treinamento, em vez de estádio, fase, período, quadra); ao invés, que significa ao reverso, ao contrário, ao revés, no lugar de em vez; ótica, palavra vinculada a audição, trocada por óptica, perspectiva, visão, modo de enxergar etc. etc.). Recomendo a leitura de *A Escrita Acadêmica: acertos e desacertos* (BARRETO, J. A. Esmeraldo & MESQUITA, Vianney. Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 1997).

Certifique-se, pois, se existe, na verdade, o erro, se está absolutamente certo do erro indigitado. Manda a prudência: na dúvida, não afirme. Assim, não estará abalando, em vão e desassissadamente, a idoneidade pública do profissional de revisão textual.

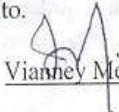
6. Muitas vezes, o trabalho chega incompleto para ser revisado, faltando elementos pré e pós-textuais (sumário, resumo, referências bibliográficas etc), de crucial relevância para o acerto do todo, e partes muito passíveis da ocorrência de enganos. Então,



Vianney Mesquita (Reg. Prof. nº CEDD489JP)

Revisão Gramatical e Estilística de Textos
 Docente da Universidade Federal do Ceará
 Acad. Titular (Cad. nº. 37) da Acad. Cearense de Língua Portuguesa

- acontece de o autor aprestá-los, a posteriori, contendo desacertos, imputando-se o agravo ao revisor inculpe.
7. Convém atentar para o importante fato de que não impende ao revisor, via de regra, abonar conceitos ou falseá-los. Se ele for portador do preparo suficiente para fazê-lo, não há dúvidas de que é excelente auxílio para o autor. Caso não o faça, porém, não se há de inculpá-lo pelos enganos de quem escreveu, pois não tem essa obrigação. Desse modo, chamo à atenção dos produtores de texto, a fim de que procurem, para corrigir seus ensaios e outros escritos, pessoas com a devida prontidão intelectual para opinar desfavoravelmente no tocante a conceitos equivocados, tendo-se sempre em conta a noção de que a responsabilidade total e final sobre a propriedade ou ideação falaciosa é, evidentemente, de quem assinou o texto, bem como de seus orientadores.
 8. O revisor não pode ser responsabilizado pela correção das normas técnicas nem pela propriedade das notações bibliotécnicas (referências, classificação, catalogação na fonte, numeração progressiva etc.), porquanto, legalmente, é defeso a ele fazer este trabalho, privativo que é do profissional bibliotecário; a não ser que ele o seja.
 9. As citações, embora, evidentemente, o revedor seja obrigado a ler (para entender o contexto do escrito e cotejar os dados da menção com os das referências bibliográficas), ele não pode modificar. Sucede, porém, de, não em raras ocasiões, o profissional ser chamado à responsabilidade pelos deslizes dos autores citados, mesmo que, nas mais das vezes, não sejam realmente deslizes. É muito comum, ainda, atribuírem-lhe os erros dos discursos orais – gravados e transcritos – dos sujeitos da pesquisa, o que é um despropósito, mas serve para desabilitar o revisor.
 10. Os revisores textuais, salvo pacto diverso entre estes e os autores, não podem responder por palavras, expressões nem citações maiores expressas em língua estrangeira.
 11. No meu caso (professor Vianney Mesquita), as indicações de emenda são procedidas a grafite, principalmente para oferecer oportunidade de o consulente aceitá-las de pronto ou delas discordar, no momento em que se faz necessária uma audiência dos dois, um *tête-à-tête* para explicação e debate das modificações efetivadas. O conserto direto no disquete ou cd dificulta grandemente este entendimento.
 12. Há mais de vinte anos elaborando trabalhos de correção de textos acadêmicos e outros escritos, tenho por costume justificar minhas intervenções no verso da página escrita, de sorte que, nos ensaios futuros, o consulente possa espelhar-se nessas indicações para conformar seus discursos.
 13. Faço remissão ao item 11 e sugiro, em casos mais comentados e controversos, que o estudante terminal de pós-graduação *lato e stricto sensu*, ou qualquer outra pessoa, seja instado a conduzir a versão corrigida a grafite, a fim de suprimir dúvidas, pois ali estão aduzidos os motivos das correções procedidas.
 14. Expresso, por fim, a probabilidade ampla de o revisor – humano, mortal e imperfeito – falhar nos seus cuidados e deixar, ilesos de conserto, erros e mais erros, do que estão eivadas a vida e a ciência, na visão de que, porém, não se há de fechar a porta a todos os erros sob pena de a verdade também ficar de fora, conforme lembra o poeta indiano Rabindranath Tagore.
- Espero que, após a leitura desses catorze pontos, sejam reduzidos os embaraços e objeções relativos ao assunto, exatamente pela falta deste entendimento.
- Obrigado pela atenção,


 Vianney Mesquita